



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA CECÍLIA DE SOUSA COSTA

**OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO *WHATSAPP*: ANÁLISE DA
CONVERSAÇÃO VIRTUAL**

FORTALEZA

2021

ANA CECÍLIA DE SOUSA COSTA

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO *WHATSAPP*: ANÁLISE DA
CONVERSAÇÃO VIRTUAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Margarete Fernandes de Sousa

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C87m Costa, Ana Cecília de Sousa.
Os marcadores conversacionais no WhatsApp : análise da conversação virtual / Ana Cecília de Sousa
Costa. – 2021.
102 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

1. Análise da Conversação. 2. Marcadores Conversacionais. 3. WhatsApp. I. Título.

CDD 410

ANA CECÍLIA DE SOUSA COSTA

OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO *WHATSAPP*: ANÁLISE DA
CONVERSAÇÃO VIRTUAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Linguística. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização.

Aprovado em 23/06/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dra. Abniza Pontes de Barros Leal
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Acima de tudo, dedico esta dissertação a Deus por me conceder mais uma conquista.

Aos meus amados pais, Francisco José e Terezinha, e ao meu esposo Dilauri, por todo incentivo e apoio aos meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida e pela realização deste trabalho de dissertação tão sonhado.

Aos meus pais, Francisco José e Terezinha, por sempre acreditarem em mim e estarem ao meu lado em todas as minhas vitórias.

Ao meu esposo, Dilauri, por todo amor, apoio e incentivo diário.

Aos meus avós, Sebastião e Cecília, pilares da minha família e grandes exemplos de vida.

Ao meu irmão, Rafael, e minha cunhada, Álida, pela amizade e momentos compartilhados.

Aos meus amados sobrinhos e afilhados, Miguel e Sara, pelo carinho e alento em meio às dificuldades.

À minha querida orientadora, Profa. Margarete, pelos ensinamentos e afeto nesta caminhada.

Ao meu amigo querido, Mailson, por todo auxílio e contribuição nos momentos em que mais precisei.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFC, por serem fonte de inspiração para os meus estudos.

Ao grupo de pesquisa Gêneros: estudos teóricos e metodológicos (GETEME), por toda troca de saberes realizada em nossos encontros.

“O Sol há de brilhar mais uma vez. A luz há de chegar aos corações” (CAVAQUINHO; SOARES, 1973).

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo geral analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais, tais como início, manutenção e conclusão dos turnos de fala, concordância e discordância, presentes em mensagens do aplicativo *WhatsApp*, para percebermos as funções que esses marcadores verbais, não verbais e suprasegmentais expressam na escrita virtual oralizada de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza. O viés teórico e analítico deste trabalho teve como base a Análise da Conversação e a Análise da Conversação em Rede, referenciados pelos trabalhos de Marcuschi (2003) e de Recuero (2014), respectivamente. Quanto à metodologia, foram usados tanto os diálogos do grupo do *WhatsApp* em que os alunos do 8º ano estão interagindo quanto o resultado do questionário aplicado (*corpus* de apoio) com os mesmos alunos, cujo objetivo era compreender, a partir do próprio discurso deles, quais suas intencionalidades e propósitos comunicativos ao utilizar alguns dos marcadores encontrados no *corpus* principal. Os resultados apontam, assim como nas suposições de trabalho específicas, que os alunos se apoiam em marcadores conversacionais para constituir interação. Esses marcadores, no entanto, desempenham funções distintas, tais como: guiar o andamento e a negociação da conversa; ligar as unidades comunicativas; indicar o contexto; marcar a troca de turnos etc. Além disso, é recorrente o uso de recursos paralinguísticos, como os marcadores conversacionais não verbais, para simular gestos, movimentos, sorrisos, olhares com a intenção de manter e estabelecer um contato mais próximo com o interlocutor, semelhante ao de face a face. Os marcadores identificados nos diálogos ainda demonstram que, em meios virtuais, a intencionalidade dos recursos fica ainda mais evidente, especialmente quando observamos a partir da perspectiva da (im)polidez linguística. Neste sentido, fica a provocação para que novas pesquisas se voltem para as lacunas presentes na pesquisa por causa do tempo.

Palavras-chave: Análise da Conversação. Marcadores Conversacionais. WhatsApp.

ABSTRACT

This dissertation has the general objective of analyzing the uses and functions of conversational markers, such as the beginning, maintenance and conclusion of the speech shifts, agreement and disagreement, present in messages from the WhatsApp application, in order to perceive the functions that these verbal, non-verbal and supra-segmental markers express in the virtual oralized writing of 8th grade students of a public school in Fortaleza. The theoretical and analytical bias of this work was based on Conversation Analysis and Network Conversation Analysis, referenced by the works of Marcuschi (2003) and Recuero (2014), respectively. As for the methodology, both the dialogues of the WhatsApp group in which the 8th grade students are interacting were used, as well as the result of the applied questionnaire (support corpus) with the same students, whose objective was to understand, from their own discourse, what are your intentions and communicative purposes when using some of the markers found in the main corpus. The results point out, as well as in the specific work assumptions, that students rely on conversational markers to constitute interaction. These markers, however, perform different functions, such as: guiding the progress and negotiation of the conversation; connect the communicative units; indicate the context; schedule shift changes, etc. In addition, the use of paralinguistic resources, such as non-verbal conversational markers, is recurrent to simulate gestures, movements, smiles, looks with the intention of maintaining and establishing closer contact with the interlocutor, similar to that of face to face. The markers identified in the dialogues still demonstrate that, in virtual media, the intentionality of resources is even more evident, especially when we look at it from the perspective of linguistic (im) politeness. In this sense, there is the provocation for new research to address the gaps present in the research because of time.

Keywords: Conversation Analysis. Conversational Markers. Whatsapp.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 —	Classificação formal dos marcadores.....	33
Figura 2 —	Exemplos de <i>emojis</i> e <i>emoticons</i> disponíveis nas redes sociais.....	37
Figura 3 —	Recorte do Diálogo 1.....	51
Figura 4 —	Recorte do Diálogo 2.....	54
Figura 5 —	Publicação sobre a COVID-19 divulgada no Instagram do Jornal O Povo no dia 22 de março de 2020.....	55
Figura 6 —	Recorte do Diálogo 3.....	57
Figura 7 —	Recorte do Diálogo 4.....	59
Figura 8 —	Recorte do Diálogo 5.....	62
Figura 9 —	Recorte do Diálogo 6.....	64
Figura 10 —	Recorte do Diálogo 7.....	66
Figura 11 —	Recorte do Diálogo 8.....	68
Figura 12 —	Recorte do Diálogo 9.....	74
Figura 13 —	Recorte do Diálogo 10.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS.....	20
2.1	Pressupostos da Análise da Conversação.....	20
2.2	Análise da Conversação em Rede.....	25
3	MARCADORES CONVERSACIONAIS.....	30
3.1	Concepções gerais.....	30
3.2	Marcadores conversacionais na linguagem virtual.....	36
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	41
4.1	Método de abordagem.....	41
4.2	Tipo de pesquisa.....	41
4.3	Delimitação do universo e amostra.....	42
4.4	Técnicas de coleta de dados.....	43
4.5	Descrição da coleta dos Dados.....	45
4.6	Procedimento e análise dos Dados.....	46
5	ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO DIGITAL: INTERAÇÃO NO <i>WHATSAPP</i>..	48
5.1	Análise do Perfil dos Estudantes.....	48
5.2	Identificação dos marcadores nos discursos dos alunos.....	49
5.3	Análise dos marcadores conversacionais em conversas no <i>WhatsApp</i>.....	51
5.4	Sistematizando.....	80
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
	REFERÊNCIAS.....	87
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	92
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E.).....	98
	ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	99

1 INTRODUÇÃO

A conversa é uma prática social inerente à comunicação humana. Diariamente, as pessoas utilizam a linguagem a fim de estabelecer uma relação dialógica e, por meio de uma situação conversacional, desenvolvem uma interação baseada numa troca comunicativa mútua. O ato de conversar, no entanto, é muito mais do que apenas falar. A troca de palavras vem acompanhada de outros elementos igualmente importantes na compreensão de um diálogo, como a entonação, as pausas, os gestos, os olhares. Esse processo interativo, por mais desprezioso que seja, possui uma organização e características específicas de funcionamento.

Marcuschi (2003) afirma que a conversa é uma atividade altamente organizada e passível de ser estudada com rigor científico, a partir de dados empíricos em situações reais. O autor cita que, na análise da organização elementar da conversação, é possível observar cinco características básicas constitutivas, as quais são sobremaneira importantes: “(a) interação entre pelo menos dois falantes; (b) ocorrência de pelo menos uma troca de falantes; (c) presença de uma sequência de ações coordenadas; (d) execução em uma identidade temporal; (e) envolvimento numa interação centrada” (MARCUSCHI, 2003, p. 15).

Nesse sentido, cabe à teoria da Análise da Conversação (AC) explicitar as normas que subsidiam o funcionamento das trocas comunicativas, observando o que orienta “o comportamento daqueles que se encontram engajados nessa atividade polifônica complexa que é a condução de uma conversação” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 312). As regras de procedimento que regem as interações verbais, de acordo com a autora, distinguem-se em três grandes categorias de natureza diversa: regras que permitem a gestão da alternância dos turnos de fala; regras que regem a organização estrutural da interação; e regras que intervêm no nível da relação interpessoal.

Partindo da segunda categoria exposta por Kerbrat-Orecchioni (2006), que lida com a organização estrutural da interação, pode-se compreender que a conversação é ritualística, ou seja, é composta por uma série de ritos construídos culturalmente e que, segundo Goffman (2002), acompanham as situações de fala, revelando o contexto da conversação.

No entanto, não podemos deixar passar despercebidas as mudanças sofridas por essas formas de interação nas práticas dialógicas e sociais da contemporaneidade. Com a evolução tecnológica, surgem diversas formas de interação, proporcionando novos espaços conversacionais. Sendo assim, a conversa adquire novos formatos e passa a contar com o apoio de ferramentas digitais, como os computadores, *notebooks*, *tablets*, celulares entre outros. Por

meio de aplicativos de mensagens virtuais, a conversa incorpora elementos da linguagem escrita, recursos imagéticos e sonoros, criando possibilidades de representação da comunicação oral e se assemelhando à conversação face a face.

Recuero (2014) propõe, dentro dessa perspectiva, o estudo da Conversação em Rede a partir de conceitos da teoria da Comunicação Mediada por Computador (CMC) e faz uma releitura dos elementos que organizam a conversa no ciberespaço, reconstruindo os princípios da Análise da Conversação. Essa possibilidade de adequação da teoria para as práticas atuais nos motiva a investir nessa tentativa de compreensão de características tão específicas da interação na *internet*. Afinal, é através de ferramentas tecnológicas que alcançamos uma comunicação que, mesmo à distância, aproxima os interagentes na conversação de maneira eficiente. Isso nos desperta o interesse em buscar entender de que forma estamos fazendo uso de variados recursos, sejam eles textuais, sonoros ou imagéticos, a fim de substituir, sem nenhum prejuízo, a conversa presencial e falada.

É importante ressaltar aqui que esta pesquisa ampliará um estudo anterior, realizado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Ensino da Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Nele, analisamos os efeitos discursivos, de maneira geral, em conversas virtuais de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II da rede pública de Fortaleza, constatando o grau de importância que os elementos verbais e não verbais têm ao assumir a predominância no diálogo virtual dos alunos, devido ao sentido que produzem nos enunciados. Com a continuação desse trabalho, será possível um aprofundamento no estudo da linguagem virtual, dessa vez, focando nos marcadores conversacionais como importante recurso de representação da oralidade no meio digital.

Com base nessa proposta de Recuero (2014), priorizamos focar nossa pesquisa nos rituais que permeiam a conversação em rede, para observar os elementos que influenciam na organização de uma interação em ambiente virtual. A autora apresenta um conjunto de rituais que julga relevantes no contexto digital, tais como rituais de abertura, de fechamento e de presença; rituais de ação; e rituais de marcação.

Nesse sentido, escolher o *WhatsApp* como o ambiente principal de construção da conversação se deu, especialmente, por este ser um dos principais aplicativos gratuitos de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones* usados atualmente. Além disso, por ser um aplicativo multiplataforma, o *WhatsApp* permite a integração não só de textos ou elementos verbais/orais, como também permite que o usuário envie vários tipos e formatos diferentes de imagens, de vídeos e de documentos, possibilitando uma construção de uma rede

conversacional bastante complexa no que diz respeito à elaboração semântica daquilo que se diz e das múltiplas formas de se dizer aquilo que se pretende.

Levando em consideração o tempo de 24 meses que temos para realizar uma pesquisa de mestrado, decidimos, por isso também, focar nos rituais de marcação, devido à importância desses elementos para a oralização da linguagem, ponto que buscamos explicar em nosso estudo através de uma aproximação que defendemos existir entre a conversação no *WhatsApp* e face a face. Assim, o estudo desses marcadores foi motivado, também, devido à observação que realizamos previamente nas conversas virtuais. Percebemos que a dinâmica da conversação em rede influencia na manifestação de uma linguagem escrita oralizada e que, na maioria dos casos, os marcadores conversacionais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento dessa construção linguística que faz dos aplicativos novos espaços conversacionais.

Marchuschi (2003), ao tratar dos marcadores conversacionais, apresenta suas especificidades e funções, subdividindo os marcadores em três tipos: verbais, não verbais e suprasegmentais, reforçando a ideia de que a conversação é uma prática social multifuncional em que incorporamos elementos linguísticos e paralinguísticos para atender a um propósito comunicativo. E é tendo como base essas nomenclaturas que podemos perceber que, na conversação em rede, os marcadores conversacionais assumem outra formatação, tendo em vista que, no ciberespaço, os signos se materializam através da escrita.

Essa materialização acaba produzindo esse ambiente de conversação que, segundo Recuero (2014, p. 78), orienta os atores desses diálogos a se relacionar com a cultura posta e suas normas. A autora ainda apresenta marcadores característicos da linguagem virtual, como: onomatopeias, *emoticons*, oralização, pontuação, abreviações, indicadores de direcionamento, indicadores de persistência e indicadores de assunto. A identificação desses elementos, ajuda, dentro de uma situação conversacional e, conseqüentemente, nesta pesquisa, a fazer com que o diálogo aconteça de forma fluida e que os atores desse processo se comuniquem de forma efetiva, construindo sentidos e funções linguísticas para essas novas formas de se comunicar.

Por isso, nesta pesquisa, temos como objetivo geral analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais, tais como início, manutenção e conclusão dos turnos de fala produzidos pelo(s) falante(s) e pelo(s) ouvintes(s), concordância e discordância, presentes em mensagens do aplicativo *WhatsApp*, para percebemos as funções que esses marcadores verbais, não verbais e suprasegmentais expressam na escrita virtual oralizada de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza. Esse interesse se justifica também por perceber a recorrência do uso das redes sociais e dos aplicativos de conversas virtuais nas

turmas em que a autora deste trabalho leciona aulas de Língua Portuguesa e, também, por estar presente e participar de grupos no *WhatsApp* com os alunos.

No convívio com os alunos, foi perceptível o quanto eles utilizam aplicativos voltados para a interação social (redes sociais), tais como *WhatsApp*, *Facebook*, *Messenger*, *Twitter* e *Instagram*, para fins interativos. Isso foi notório diante da enxurrada de solicitações de amizade com que nós professores nos deparávamos em nossas redes sociais e diante dos frequentes pedidos para criação de grupos no *WhatsApp* para se estabelecer uma comunicação rápida com os estudantes. Cedendo aos apelos, criamos um grupo para cada turma da escola e logo notamos que os alunos do 8º ano eram aqueles que mais dialogavam, razão forte que nos levou a optar por trabalhar com esse grupo.

Chamou-nos atenção a forma como eles interagem nas conversas virtuais, aplicando diversos recursos paralingüísticos visuais, sonoros e audiovisuais – como a inserção de *emojis*, *stickers*, *gifs*¹, fotos, áudios e vídeos – a um texto escrito repleto de marcas orais – com a presença de abreviações, onomatopeias, gírias, palavrões entre outros. Dessa forma, buscamos compreender também qual a intencionalidade da aplicação desses recursos em substituição aos marcadores conversacionais não verbais. Além disso, por discutir um texto do convívio atual dos alunos, a pesquisa poderá contribuir para novas práticas escolares de ensino de gêneros multimodais e para mais reflexões de como inserir novas metodologias nesse nível de escolaridade.

Nessa esteira, encontramos o trabalho de conclusão de curso de Neri (2015), que nos alerta para a inclusão das redes sociais na prática escolar como ferramenta pedagógica; e a dissertação de Souza (2001), que também pesquisou o uso do *WhatsApp* no contexto de sala de aula como estratégia de ensino. Além desses, encontramos o artigo de Fonte e Caiado (2014), realizado a partir de três fragmentos de conversas de *WhatsApp* de adultos, analisando os aspectos multimodais na relação entre texto verbal e visual e estudando os papéis da imagem na constituição multimodal do discurso. As autoras deste último, diante dos achados de sua pesquisa, defendem, em consonância com nossa proposta, ser necessário discutir as práticas discursivas da inter-relação entre o texto verbal e o imagético em aplicativos, pois a cultura digital exige práticas diferenciadas de leitura e escrita que devem ser consideradas.

Na perspectiva da Análise da Conversação, encontramos o trabalho de Frazão e Lima (2017) mostrando as principais disciplinas, pesquisadores e perspectivas sob os quais se

¹ *Emojis* são ideogramas e *smileys* (imagens de rostos com múltiplas expressões) usados em mensagens eletrônicas e páginas *web*. *Stickers* são figurinhas divertidas, que podem ser animadas ou não, criadas a partir de memes virais. E *Gifs* são imagens animadas.

formou a Análise da Conversação, um campo de domínio multidisciplinar. Além disso, apresentam pressupostos teórico-metodológicos em que se configura a Análise da Conversação aqui no Brasil e que versam sobre os novos desdobramentos dos estudos da conversação face a face na era digital, pontuando perspectivas norteadoras em relação às pesquisas desenvolvidas em solo brasileiro.

Paiva (2008) e Barbosa (2016) também seguiram o viés do estudo da interação, focando conceitos da Análise da Conversação no contexto virtual. No caso de Paiva (2008), a ideia foi estudar a polidez em salas de bate papo, analisando como os participantes fazem uso das estratégias e regras pragmáticas da polidez linguística. Barbosa (2016), por sua vez, investigou a negociação de sentidos em fóruns *on-line*, a partir da análise da conversação, dos padrões de interação e do *feedback*.

A partir desses trabalhos, podemos perceber que as pesquisas sobre interações não se limitam somente a conversas face a face, comprovando que os ambientes virtuais também são propícios para estudos sob a perspectiva da Análise da Conversação. Além disso, os resultados mostram que, apesar das características próprias dos diálogos *on-line*, é possível adequar os conceitos da AC para efetuar uma análise, tendo em vista a proximidade com o discurso oral.

Quanto aos marcadores conversacionais, especificamente, destacam-se algumas pesquisas, dentre elas a Lúzio e Rodrigues (2009), de Kodic (2009) e de Nunes (2017). Este último prioriza definir e caracterizar os marcadores e suas funções, apresentando as diferentes concepções dos autores que estudam o tema. Ao final, constata que, independentemente das diversas funções desempenhadas, eles propiciam coesão na organização conversacional, sendo, portanto, um elemento de extrema relevância e essencial ao processo interacional.

Kodic (2009) realizou a análise de áudio e transcrição do discurso de um falante culto da cidade de São Paulo, para verificar a presença dos marcadores conversacionais. A autora percebeu a importância desses elementos para a espontaneidade e continuidade de uma conversação, tornando-a dinâmica e eficaz. Já Lúzio e Rodrigues (2009) pesquisaram as marcas da oralidade em narrações escritas por alunos da rede estadual e por acadêmicos de Letras de Mato Grosso e observaram o quanto a modalidade oral interfere na escrita. Os resultados mostram que os marcadores conversacionais foram utilizados pelos participantes com o objetivo de aproximar o leitor da história.

Os trabalhos sobre marcadores conversacionais revelaram que essa categoria da Análise da Conversação pode ser considerada um campo de pesquisa bastante promissor e vasto. Fora isso, foi possível perceber que os marcadores, mesmo sendo considerados como

elementos típicos da oralidade, podem ser analisados também em textos escritos, quando a intenção de quem escreva demonstra a proximidade com a fala.

Encontramos, ainda, trabalhos que, assim como a nossa pesquisa, têm o intuito de revelar a presença dos marcadores conversacionais em conversas virtuais. Notamos que há uma constante tentativa, por parte dos estudos linguísticos, de acompanhar a expansão da tecnologia, pois a todo instante as práticas comunicativas se atualizam e surgem cada vez mais ferramentas interacionais na *internet*.

À medida que novos *sites*, plataformas ou aplicativos vão surgindo, os pesquisadores voltam sua atenção para essas novas formas de interação. Isso acontece, por exemplo, com Hilgert (2000), Soares (2004) e Oliveira (2007), ao estudarem a conversação na *internet* a partir da análise das salas de bate-papo de sites que se popularizaram nos anos 90: os *chats* Terra e UOL.

Outro estudioso que seguiu essa tendência foi Cunha (2011) que analisou textos extraídos de comunidades da rede social *Orkut*, popular nos anos 2000 (desativado em 2014), a partir de alguns critérios da Análise da Conversação, dentre eles os marcadores conversacionais. Silva e Ferreira (2010) e Modesto (2011) optaram em estudar a interação no programa de mensagens instantâneas *MSN Messenger* (desativado em 2013). Silva e Ferreira (2010) tiveram o intuito de verificar como os marcadores conversacionais favorecem a compreensão textual, analisando o diálogo entre duas adolescentes no *MSN*. Modesto (2011), no entanto, fez um levantamento dos principais aspectos da estrutura da conversação digital: o tópico discursivo, os turnos, os marcadores entre outros.

É importante destacar que, apesar do desuso ou do desaparecimento de algumas ferramentas interativas virtuais investigadas anteriormente, o conteúdo analisado se mantém relevante para a compreensão das interações em espaços virtuais mais recentes, pois, apesar de uma nova configuração, as mensagens eletrônicas ainda se estabelecem como principal recurso da *internet*. Nesse sentido, compreender as metodologias propostas nos trabalhos anteriores servirá como base para a compreensão do entendimento da relação das redes sociais com o momento em que elas estão inseridas. No caso específico desta pesquisa, o estudo se torna relevante justamente por optar pelo *WhatsApp* que permanece na lista das mais populares entre os usuários da *internet*.

Neste sentido, a pesquisa consegue observar, pela recorrência do uso dessa rede social, como os alunos se comunicam e interagem no meio digital e, com isso, percebermos como suas articulações e suas escolhas – principalmente no que tange os marcadores analisados nesta pesquisa – dialogam com a situação conversacional como um todo. Acompanhar as

tendências digitais – um dos diferenciais deste estudo – contribui para o estudo da inclusão desses novos elementos nos diálogos, isto é, quanto mais elementos são incorporados nos aplicativos, mais possibilidades os alunos encontram nas conversas entre si.

Outros meios de interação virtual, como o *e-mail*, o *blog* e o *Facebook*, também foram pesquisados sob a perspectiva da Análise da Conversação. Bernini (2015) investigou *e-mails* de alunos de uma escola particular do Paraná para diagnosticar a presença e analisar a função dos marcadores conversacionais nesses textos escritos. Günther (2018) analisou uma postagem do *blog* de viagem “360 meridianos”, observando as estratégias linguísticas que aproximam da conversação oral, inclusive os marcadores conversacionais. Frazão (2018) optou em verificar o uso dos marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em postagens do *Facebook*, identificando as funções desempenhadas por eles na construção de sentido dos discursos produzidos.

Essas pesquisas reforçam a importância de se analisar os marcadores conversacionais na esfera digital, pois, assim como na conversação face a face, são usados para organizar a comunicação entre os atores envolvidos na conversa, alcançando maior proximidade entre o diálogo virtual e a língua falada e atuando nos textos virtuais escritos como mantenedores da interação discursiva. Dessa forma, os marcadores se mostram elementos essenciais na pesquisa sobre conversação em rede, pois nos permitem explicar a necessidade do uso de recursos linguísticos e paralinguísticos na consolidação da conversa virtual de alunos do 8º ano.

Quanto ao estudo dos marcadores e à conversação no *WhatsApp*, no entanto, encontramos, apenas, os artigos de Noronha, Forte-Ferreira e Lima-Neto (2017) e de Santos (2018). No primeiro, com o título “Traços da oralidade em gêneros discursivos escritos na/da *web*”, Noronha, Forte-Ferreira e Lima-Neto (2017) discutem como traços típicos da oralidade são recriados para a escrita na *internet*, a partir da análise de textos do *Facebook* e de mensagens de um grupo de *WhatsApp* de que os autores participam. Nesse artigo, apesar de o foco não ser exclusivamente o uso dos marcadores conversacionais, os resultados revelam que os marcadores, assim como outros elementos típicos da oralidade, são encontrados com frequência nos textos da *web* e assumem um papel importante para o alcance do propósito comunicativo dos gêneros analisados.

No segundo artigo, com o título “Que língua é essa? Estudo de marcadores conversacionais do *internetês* no *WhatsApp*”, conseguimos perceber uma proximidade com a nossa pesquisa em questão. Santos (2018) identificou em suas próprias conversas pessoais termos característicos do *internetês* caracterizáveis enquanto marcadores conversacionais e

descreveu as funções que eles desempenham nas conversas *on-line*, baseando-se nas três classes de marcadores: linguísticos, extralinguísticos e suprasegmentais. Quanto aos marcadores linguísticos, a autora reconheceu o uso das abreviações; quanto aos extralinguísticos, o uso dos *emoticons*; e quanto aos suprasegmentais, o uso de maiúsculas e o alongamento de vogais.

As duas pesquisas, apesar de se diferenciarem da nossa proposta em alguns aspectos, servem de inspiração no trato com o *corpus* e nos sugerem elementos recorrentes nas conversas de *WhatsApp* que servem como marcadores conversacionais. Nosso diferencial está no enfoque das mensagens eletrônicas serem de alunos da rede pública de Fortaleza, além do fato de usarmos um dos aplicativos mais populares no momento, e por partimos de alguns tipos de marcadores conversacionais específicos que foram observados previamente, o que faz com que nosso trabalho tenha um maior aprofundamento e, por isso, seja importante para a compreensão e apreensão desse fenômeno linguístico. Dessa forma, podemos, além de classificar o uso dos marcadores em linguísticos, extralinguísticos e suprasegmentais, focar no estudo da inclusão de recursos paralinguísticos, pois, com a constante atualização do *WhatsApp*, já pudemos constatar a presença de elementos não verbais, tais como os *emojis*, figurinhas, *memes*, fotos, áudios, vídeos, links, *gifs* entre outros, que não foram analisados nas pesquisas anteriores por terem sido inseridos recentemente no aplicativo.

Diante do que foi exposto, podemos dizer que nossa pesquisa é relevante, dentre outros aspectos, por compreender um fenômeno linguístico típico da conversação em uma abordagem ainda tão recente e, ao mesmo tempo, tão preponderante nos dias atuais, em que a comunicação é mediada por dispositivos tecnológicos. É também oportuna, tendo em vista que se ocupa de um fenômeno ligado ao constante uso dos aplicativos de conversas virtuais como ferramenta de interação com os alunos, aplicativos esses que estão presentes na vida dos jovens diariamente, interferindo e se relacionando com suas vidas e suas escolhas. Ainda há pouca recorrência dessa temática nos trabalhos acadêmicos, principalmente em relação aos marcadores conversacionais no aplicativo *WhatsApp*, demonstrando a necessidade em se realizar a pesquisa em questão e dar um passo à frente diante da evolução tecnológica em que vivemos.

Faz-se, por isso, necessária considerando que, no meio escolar, ainda é comum a proibição do uso de celular/*smartphones* pela escola/professores, e a desobediência dos alunos gera, muitas vezes, conflitos entre estes atores sociais. Se, de um lado, a escola ainda não sabe como fazer para introduzir de vez as tecnologias da informação em sala de aula, os alunos a cada momento estão dominando os novos modelos e aplicativos. Este quadro de discordância, contudo, tem aguçado cada vez mais nosso olhar como professor-pesquisador. Nosso interesse

na presente pesquisa não se situa essencialmente nesta direção, mas no uso que alunos do Ensino Fundamental fazem dos marcadores conversacionais em situação de diálogo virtual com os colegas e com a professora.

Nesse sentido, concordamos com Vieira e Silvestre (2015), quanto à ideia de que não se pode ignorar as mudanças impactantes sofridas pela linguagem, principalmente no que tange sua/nossa atuação enquanto pesquisadores da linguagem. Por isso, é importante analisar essa nova prática discursiva, percebendo o modo como a nossa sociedade se adequou às novas formas de comunicação, principalmente por meio das conversas virtuais.

O viés teórico e prático deste trabalho tem como base os pressupostos da Análise da Conversação, em particular da Conversação em Rede. Alguns autores, como Recuero (2014), Goffman (2002), Marcuschi (2003) e Kerbrat-Orecchioni (2006) são fontes de pesquisa para entendimento das teorias, sendo os dois primeiros basilares para a compreensão da teoria enquanto ciência e os outros dois, numa perspectiva mais metodológica. E, a partir dos resultados da análise, esperamos que nossa proposta de estudo traduza a importância da pesquisa relacionada à utilização da linguagem virtual híbrida em redes sociais e aplicativos de conversas virtuais, para maior compreensão dos fenômenos da oralidade e sirvam também de ampliação aos avanços trazidos pela Análise da Conversação, principalmente no que se refere à conversação mediada.

Esta pesquisa está organizada em cinco capítulos, além desta Introdução. O primeiro deles, numerado como capítulo 2, versará sobre algumas das principais concepções teóricas sobre a Análise da Conversação enquanto teoria, uma vez que ela servirá como base para a compreensão de todo o trabalho. No capítulo 3, nos deteremos mais detalhadamente em apresentar os marcadores conversacionais, numa perspectiva de compreendê-los para um melhor desempenho durante a análise do *corpus*. O percurso metodológico, que estará no capítulo 4, assim como os capítulos teóricos anteriores, compõe a base de elementos que possibilitarão uma análise eficiente. Neste capítulo, portanto, apresentamos alguns dos elementos pertinentes à compreensão do processo analítico como um todo. O resultado da execução do passo a passo, demonstrado neste capítulo, foi apresentado no capítulo 5, cujo foco é a Análise da conversação digital em si e sua relação com os marcadores conversacionais apresentados anteriormente. É neste capítulo que está toda a apresentação e discussão da análise do *corpus*. Nas considerações finais, então, estará disposta a organização das informações com algumas considerações relacionadas à pesquisa, relacionando os resultados encontrados com os objetivos pretendidos ainda no início do trabalho de pesquisa.

2 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Este capítulo versará sobre os marcadores conversacionais, entendidos aqui como os elementos que ligam as unidades comunicativas e orientam os atores, auxiliando-os na organização da conversa. Esses marcadores são responsáveis pela coerência da conversação, indicando o andamento, o contexto, o direcionamento e a troca de turnos em uma interação. Dito isso, apresentamos alguns dos pressupostos da Análise da Conversação para que, só depois, cheguemos à compreensão dessa teoria para a análise em rede.

2.1 Pressupostos da Análise da Conversação

Pesquisar os processos conversacionais em seu real funcionamento é, ainda, um grande desafio para os linguistas. Principalmente, por se tratar de uma habilidade intrínseca do homem e devido à sua complexidade em se poder valer dos mais variados recursos, sejam eles verbais ou não, para sua composição. Porém, como já dizia Marcuschi (2003), há boas razões para o estudo da conversação.

Em primeiro lugar, ela é a prática social mais comum no dia a dia do ser humano; em segundo, desenvolve o espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real, sendo uma das formas mais eficientes de controle social imediato; por fim, exige uma enorme coordenação de ações que exorbitam em muito a simples habilidade linguística dos falantes (MARCUSCHI, 2003, p. 5).

Essa afirmação demonstra, então, que há uma necessidade de se estudar o gênero básico da interação humana, que é a conversa, e reforça a tamanha responsabilidade que a Análise da Conversação (AC) carrega em seu percurso teórico, por investigar o que Levinson (1983, p. 284) chama de a “matriz para a aquisição da linguagem”. Ainda mais, quando levamos em conta que os meios pelos quais podemos interagir são vastos e numerosos.

Por esse motivo, a primeira tarefa do analista das interações, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 13), é tentar fazer seu inventário e sua tipologia de acordo com os seguintes critérios:

- A natureza do lugar (quadro espaço-temporal);
- O número e a natureza dos participantes, seus estatutos e respectivos papéis, e o tipo de contrato que os mantém juntos;
- O objetivo da interação;
- Seu grau de formalidade e seu estilo.

Somente a partir disso, podem-se explicitar as regras de funcionamento do diálogo, observando o comportamento dos indivíduos engajados na troca comunicativa e os fatores internos e externos da conversação.

Para Marcuschi (2003), a Análise da Conversação é uma tentativa de responder a algumas questões que inquietam o pesquisador da conversa. São elas:

Como é que as pessoas se entendem ao conversar? Como sabem que estão se entendendo? Como sabem que estão agindo coordenada e cooperativamente? Como usam seus conhecimentos linguísticos e outros para criar condições adequadas à compreensão mútua? Como criam, desenvolvem e resolvem conflitos interacionais? (MARCUSCHI, 2003, p. 7)

Pensar nesses questionamentos corrobora o caráter indutivo da AC, que faz com que não haja um modelo de análise a seguir, mas sim uma adequação metodológica de acordo com os dados colhidos em situações reais de interação, privilegiando as descrições e as interpretações qualitativas.

A teoria de Análise da Conversação, ao fazermos um breve histórico, brotou na década de 60 como um campo de domínio transdisciplinar que se preocupava com a descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores. Esse princípio inicial, segundo Marcuschi (2003), explica a predominância em estudos eminentemente organizacionais da conversa. No começo dos anos 70, a emergência dessa nova linha de pesquisa torna a conversação um objeto de uma investigação sistemática, atuando sob uma perspectiva mais normativa que privilegia as regras.

No entanto, o campo do interacionismo na pesquisa científica revelou um tratamento diversificado do objeto. Nota-se que não se trata de um “domínio homogêneo”, mas sim, de um “campo movente” que, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), atravessa diversas disciplinas e repousa em alguns postulados fundamentais, negando a existência de um conjunto unificado de proposições descritivas.

Ainda segundo a autora, a AC se relacionou originalmente com algumas disciplinas: psicologia social e psicologia interacionista; microsociologia, sociologia cognitiva, sociologia da linguagem, sociolinguística; linguística, dialetologia, estudos do folclore; filosofia da linguagem, etnolinguística, etnografia, antropologia; cinésica, etologia das comunicações entre outras. E essa multiplicidade teórica reflete diretamente na multiplicidade metodológica dos estudos conversacionais. Para melhor compreensão dessa transdisciplinaridade, Kerbrat-Orecchioni (2006) dividiu as correntes em quatro grandes tipos de enfoque: enfoque psicológico e psiquiátrico, enfoque etnossociológico, abordagem linguística e abordagem filosófica.

O enfoque do tipo “psi” é representado pela Escola de Palo Alto, na Califórnia (EUA). Para Frazão e Lima (2017, p. 624), “esses estudos tiveram uma importância fundamental, pois, desenvolvendo trabalhos de fundo terapêutico, estendem a explicação da patologia comportamental, cuja causa era atribuída apenas a problemas físicos e mentais, também a problemas comunicacionais”.

Os enfoques etnossociológicos são considerados os mais importantes e diversos, uma vez que eles respondem pelo maior número de abordagens relacionadas ao discurso, entre elas a etnografia da comunicação. Dentre suas abordagens estão a etnografia da comunicação e a etnometodologia. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 18), a etnografia da comunicação, fundada pelas crenças do americano Dell Hymes, postula que “saber falar não é somente [...] ser capaz de produzir e de interpretar um número infinito de frases bem formadas, mas é também dominar as condições de uso adequado das possibilidades oferecidas pela língua”, ou seja, consiste em possuir uma “competência comunicativa” que possibilita que o sujeito falante se comunique de forma eficaz em situações culturalmente específicas.

A etnometodologia foi responsável por descrever os métodos que se utilizam para solucionar os “problemas comunicativos” da vida cotidiana. De acordo com Frazão e Lima (2017, p. 625), sua maior contribuição para a AC foi observar que “as pessoas compartilham conhecimentos e práticas sociais e que somente com base no mundo compartilhado o sentido social é construído (etnométodo)”. A partir dessa abordagem, a análise conversacional, sob o impulso de Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974), tornou-se um domínio autônomo de pesquisa, com o objetivo de descrever o desenvolvimento das conversações cotidianas em situação natural, propondo um modelo de análise de conversas a partir do estudo da alternância de turnos.

O estudo das conversações na abordagem linguística se expandiu tardiamente, apesar de ser essencialmente um objeto da linguagem. Isso se deu a partir dos avanços dos estudos linguísticos que, antes, se preocupavam prioritariamente com a língua como um sistema abstrato – como exemplo, o estruturalismo –, mas que a partir da década de 80, foi ganhando espaço em trabalhos de pesquisadores que se debruçaram nos discursos orais em sua forma natural, pondo a teoria a serviço dos dados. E foi a partir dessas articulações que outras disciplinas começaram a interagir com os dados dos estudos da linguagem.

Uma dessas interações acontece com a introdução da abordagem filosófica nesses estudos. Destaco aqui uma abordagem proposta por F. Jacques (1979) que nos apresenta suas definições de “canônica do diálogo” e “condições de possibilidade da comunicabilidade”, propondo reflexões metateóricas aplicáveis à descrição e tipologia dos diálogos. A partir disso,

alguns estudos começaram a ser desenvolvidos e, como a própria evolução da língua, conseguimos propor novas reflexões e novas abordagens.

Dentro dessa ideia de avanço nos estudos, J. J. Gumperz (1982) reforça a necessidade em se preocupar com conhecimentos não somente linguísticos, mas também paralinguísticos e socioculturais para que se atinja uma interação bem-sucedida. E, utilizando essa ideia central, Marcuschi (2003) afirma que a AC – aqui já expandida – recentemente passa a observar a atividade conversacional sob uma ótica que ultrapassa a análise de estruturas e chega aos processos cooperativos, ou seja, vai da organização e alcança a interpretação.

Dentro dos exemplos de estudos que ilustram o já exposto, o projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta), no Brasil, ganhou destaque na década de 70 por coletar um *corpus* proveniente de cinco capitais brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre). Segundo Leite e Negreiros (2014), foi a partir de então que a Análise da Conversação brasileira tomou dois rumos: um que partiu da etnometodologia com foco na oralidade, na fala e na escrita; e um que mantém os princípios teóricos e metodológicos da AC da década de 1960, influenciado pelas teorias interacionistas. Dessas duas perspectivas, se configuram na AC no Brasil duas vertentes denominadas, respectivamente, como Análise da Conversação Etnometodológica e Análise da Conversação Textual e Discursiva.

A Análise da Conversação Etnometodológica (ACE) prioriza a observação das atividades espontâneas de fala, interpretando a relação da linguagem com o mundo a partir da influência que os participantes promovem uns nos outros. As pesquisas, metodologicamente, ocorrem por meio da gravação e transcrição de eventos comunicativos da atividade escolhida. Os aspectos sociais também são relevantes para o pesquisador pautado pelo etnométodo (LEITE; NEGREIROS, 2014).

A Análise da Conversação Textual e Discursiva (ACTD) foi constituída após a publicação do livro “Análise da Conversação”, de Luiz Antônio Marcuschi, em 1986, focando no estudo dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos presentes na realização da fala. Destaco aqui que o autor “organizou” princípios já estruturados e difundidos por outros autores, e sugeriu um método de análise que, mais tarde, foi convertido em teoria. Nesse sentido, também chamada de AC Brasileira. Leite e Negreiros (2014, p. 118) apontam três características específicas dessa vertente, que a colocam com *status* teórico:

- Trata de pesquisas interdisciplinares que podem se combinar com outras teorias, como a Linguística de Texto, a Sociolinguística, a Sociolinguística Interacional, a Análise do Discurso e a Semiótica;

- É desenvolvida a partir de textos orais e escritos, comparativamente, para explicitar e explicar a relação existente eles;
- Foca em aspectos sociointeracionais que se mostram no texto.

Dentro dessas perspectivas, anos antes, os autores Preti e Urbano (1990) já se destacaram pelas pesquisas com foco em aspectos organizadores da conversação, como o turno conversacional, a correção, a reparação e a sobreposição de vozes. Anos depois, Preti (1999) atenta para fatores que perpassam a organização da conversa: os aspectos linguísticos e paralinguísticos, investigando os marcadores conversacionais, o léxico e a sintaxe da língua falada e especificidades do processo interacional. As pesquisas desses autores, segundo Frazão e Lima (2017), ampliam a concepção de oralidade, ao estudar não só o texto falado, mas fenômenos como o uso da gíria, os neologismos, a preservação de face no texto conversacional e as estratégias discursivas de compreensão. Além disso, investigaram os processos de interação em variados textos e os diálogos em diferentes tipos de discursos, como midiáticos, pedagógicos, científicos, televisivos, artístico-literários entre outros.

Nesse sentido, Leite e Negreiros (2014, p. 123) sugerem ainda a exploração da Análise da Conversação em outros temas relacionados à interação, como os gêneros e os tipos de textos da língua falada, a formalidade e informalidade na fala e na escrita, a tradição e inovação dos e nos gêneros discursivos e, por fim, a interação eletrônica e a relação da oralidade com a escrita.

Isso reforça e justifica, em grande medida, a necessidade de estudo da interação eletrônica, proposta desta pesquisa, pois, com a ascensão tecnológica, a interação adquire novos formatos passíveis de investigação. Por isso, tomamos por base os estudos da Análise da Conversação Textual e Discursiva (ACTD) para a análise de elementos conversacionais em uso nas conversações virtuais, por ser um viés teórico que se preocupa com a organização da interação verbal e, especialmente, com a descrição de marcadores conversacionais.

Essa escolha se fez necessária pela necessidade de se compreender como que a conversação face a face se projeta nas interações na *Internet*. Assim, a escolha da ACR também nos respalda quanto ao estudo do *chat* em aplicativos virtuais, já que esse gênero revela uma natureza oral na modalidade escrita, uma vez que essa teoria se ancora na própria AC. Torna-se imprescindível, nesse caso, expormos na próxima subseção os avanços promovidos nessa crescente temática e as características específicas dessa tendência.

2.2 Análise da Conversação em Rede

O surgimento e a popularização da *internet* revolucionam a sociedade em variados aspectos. Com o estudo da linguagem não poderia ser diferente. O avanço tecnológico traz consigo uma série de inquietações para os pesquisadores em Linguística, pois acarreta uma série de mudanças teóricas e analíticas. Foi então que David Crystal, em 2001, lançou o livro “*Language and the Internet*” e inovou ao discorrer sobre a linguagem dos meios digitais, estudando a *internet* como objeto de pesquisa numa subárea da Linguística chamada de “*Internet Linguistics*”. O autor define essa “Linguística da Internet” da seguinte forma:

Eu a definiria como a análise sincrônica da linguagem em todas as áreas de atividade da internet, inclusive correios eletrônicos, os vários tipos de salas de conversa e jogos interativos, mensagem instantânea e páginas da web, e também em áreas associadas à comunicação mediada por computador (CMC), como as mensagens de texto (torpedos) (CRYSTAL, 2005, p. 1).

Essa subárea do conhecimento foi criada por se perceber que a teoria já existente não seria suficiente para a exploração de dados advindos do ciberespaço. Nessa perspectiva, seria possível estudar esse novo campo da Linguística do mesmo modo que qualquer outro domínio, com os desdobramentos necessários. E, segundo o autor, esses desdobramentos teóricos aparecem à medida que a *internet* se revela ainda mais oral. Essa afirmação reforça, desse modo, a importância da existência também de uma Análise da Conversação específica para o discurso virtual.

O caráter inovador antecipa que, apesar de um futuro promissor, os pesquisadores em interação *on-line* têm lacunas de pesquisa a serem preenchidas, devido à originalidade desse modelo teórico. Segundo Crystal, em entrevista concedida a Shepherd e Saliés (2013), é preciso repensar o estudo das interações das mensagens instantâneas, pela necessidade de se reforçar a pesquisa empírica que mostra a linguagem em contextos interacionais usuais e na prática, principalmente, pelas mudanças linguísticas que a *internet* proporciona, alternando elementos da modalidade oral e da modalidade escrita.

Um dos recursos de comunicação mais representativos na ascensão tecnológica é o computador, responsável pela implementação de práticas interacionais em rede na sociedade. Por esse motivo, denomina-se como Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) a área de estudo da conversação oriundo dessa ferramenta digital. Baron (2002, p. 10) define, de modo amplo, “como quaisquer mensagens de linguagem natural que sejam transmitidas e/ou recebidas através de um computador. Falando de modo geral, o termo CMC se refere à linguagem natural escrita enviada via Internet”. No entanto, é importante ressaltar que há outros

aspectos a serem considerados, como a linguagem oral e visual, presentes também no ciberespaço.

Segundo Recuero (2009), o estudo da conversação mediada pelo computador é uma abordagem que deve ser explorada pela vertente teórica da Análise da Conversação. Para ela, o fenômeno da conversação em rede é uma das formas de Comunicação Mediada por Computador (CMC) que exige dos pesquisadores novas perceptivas de estudo, por se tratar de uma prática criativa, dinâmica e difícil de ser categorizada. Por esse motivo, a autora escreveu o livro “A conversação em Rede: Comunicação Mediada pelo Computador e Redes Sociais na Internet”, em 2014, para discorrer sobre a conversação em rede a partir dos conceitos da CMC, procurando vê-la através de um prisma social e cultural.

É válido lembrar que, com a difusão de outras ferramentas tecnológicas, como os celulares, *smartphones*, *tablets*, *notebooks* entre outros, alguns autores, como Crystal (2010), admitem uma mudança terminológica de CMC para CMD (Comunicação Mediada pelo Meio Digital) por abordar textos virtuais cujas fronteiras mudam continuamente, como fóruns de discussão, postagens de comentários de redes sociais e mensagens instantâneas, que não se originam essencialmente só de computadores.

Recuero (2014) explicita algumas características próprias da conversação em rede na mediação digital que se diferem em relação à conversação face a face, reunidas por Frazão (2018) em dez pontos, expostos a seguir:

- (1) O suporte é subvertido pela apropriação, conferindo formas de organização e estruturação estabelecidas coletivamente pelos atores sociais, além de elementos específicos da própria tecnologia que apoia as trocas conversacionais;
- (2) A linguagem é predominantemente escrita;
- (3) O conceito de unidade temporal é elástico, pois as ações estendem-se por largos períodos de tempo;
- (4) O ambiente é mediado, propiciando gravar, transformar e replicar a informação, caracterizando-se, ainda, pelo descolamento do processo conversacional da copresença;
- (5) Estabelecimento de uma “escrita falada” ou “oralizada”, com vistas a incorporar a dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões;
- (6) Os contextos são construídos sobre duas apropriações: a conversação síncrona e assíncrona;
- (7) Os contextos podem ser recuperados, buscados e atualizados por novas interações;
- (8) As conversações podem ser privadas, como as que acontecem no *Live Messenger*, ou abertas, como as que ocorrem em um fórum da internet;
- (9) A representação da presença se dá através de elementos como perfis em redes sociais, um *nickname* em uma sala de *chat*, uma foto entre outros., o que auxilia na individualização dos interagentes;
- (10) Presença de multimodalidade e migração entre várias plataformas (FRAZÃO, 2018, p. 58 e 59).

Esses elementos são essenciais para a compreensão da conversação em rede, pois se essa interação tem características próprias do ciberespaço, a estrutura e a organização do

diálogo virtual também são ressignificados diante das mudanças estabelecidas pelas novas práticas comunicacionais. Com base nas regras que regem as interações verbais dispostas por Kerbrat-Orecchioni (2006), Recuero (2014) propõe uma reconstrução das categorias da Análise da Conversação (AC) na Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) para análise da organização da conversação virtual, a partir da definição de seus elementos, tais como, a dinâmica dos turnos, os pares adjacentes, os rituais de conversação e a noção de polidez. Apesar de relevantes para a análise da AC, alguns desses elementos não serão considerados nas análises, ou pelo menos não em sua totalidade, por não se mostrarem significativas dentro do *corpus* estudado.

Quanto aos turnos na conversação em rede, cada *software*, plataforma ou aplicativo usado para a interação, torna-se fator determinante para a ocorrência da alternância dos turnos, pois a ferramenta gera modos criativos de organização da conversa. A negociação dos turnos também se difere da fala pelo fato de não haver sobreposição deles em ambiente virtual, já que as mensagens não podem ser reproduzidas ao mesmo tempo, sendo organizadas pela ferramenta tecnológica de maneira independente. Segundo Recuero (2014), a organização dos turnos não segue um padrão, variando entre tópicos e assuntos diversos durante uma conversação virtual, e possibilita a presença de vários interlocutores ao mesmo tempo em um *chat*, por exemplo.

Os pares adjacentes, na comunicação mediada, perdem a sua constituição de sequência de turnos relacionados por, nem sempre, haver turnos imediatamente subsequentes. De acordo com Recuero (2014, p. 71-72), por exemplo, “uma pergunta pode ser respondida em vários turnos depois” e, “muitas vezes, os pares conversacionais não são imediatamente discerníveis”. A organização dos pares, no entanto, depende dos recursos que as ferramentas técnicas dispõem, por exemplo, o *Twitter* oferecer a função de indicar a qual *tweet* a resposta está direcionada ou, no *WhatsApp*, ao clicar em uma mensagem, ativar a função de resposta àquele trecho específico do diálogo.

Os rituais da conversação mediada pelo computador, para Recuero (2014, p. 74), “são elementos que sinalizam aos demais participantes parte do contexto da conversação, inaugurando a conversa, indicando seu final, estabelecendo a situação da conversação entre outros”. Na interação *on-line*, os rituais são bem semelhantes aos dos diálogos orais, por se tratar de uma conversação híbrida, que mescla elementos da linguagem verbal, não verbal e suprasegmental. A autora julga relevante um conjunto de rituais reinterpretados da teoria da Análise da Conversação no contexto virtual: os rituais de abertura, fechamento e presença; os rituais de ação; e os rituais de marcação.

Na conversação digital, a abertura e o fechamento têm a função não só de iniciar e terminar a conversa, pois são também elementos de marcação de presença dos sujeitos em interação. Por exemplo, ao dizer “bom dia” ou “boa noite” num diálogo virtual, nem sempre você está cumprimentando seu interlocutor, mas sim indicando a sua presença *on-line*. Nesse caso, Recuero (2014, p. 76) afirma que “os rituais de abertura e fechamento, portanto, também são rituais de presença e ausência, mas não são os únicos”, já que há outras formas de se construir a presença, como nos aplicativos *Foursquare*, *Instagram* ou *Facebook*, ao habilitar a demarcação de uma localidade.

Os rituais de ação, ainda segundo a autora, representam as ações no espaço da conversação virtual. São elementos que descrevem o que as pessoas estão fazendo no seu espaço *offline* e que não é possível prever à distância. Por exemplo, no *WhatsApp*, quando o interagente está escrevendo e sua ação é detalhada numa frase que indica que ele está digitando. Ou quando alguém anuncia seu status de relacionamento no *Facebook*.

Os rituais de marcação próprios da oralidade, segundo Recuero (2014, p. 78), são “elementos apropriados, modificados e utilizados de acordo com normatizações estabelecidas pelos grupos (...), responsáveis por reproduzir o ambiente da conversação, guiando os atores com relação à cultura estabelecida e às normas”. A autora apresenta alguns marcadores reinscritos pela mediação do computador: as onomatopeias, os *emoticons*, a oralização, a pontuação, as abreviações, indicadores de direcionamento, indicadores de persistência e indicadores de assunto. Todos esses marcadores serão abordados com maior detalhamento na próxima seção.

Os marcadores conversacionais, na perspectiva virtual, são nossas categorias de análise desta pesquisa, por conta da sua grande relevância para o contexto da interação. Por esse motivo, surge a curiosidade de investigar como os marcadores se manifestam nas conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos da rede pública, para o que analisamos os usos e as funções dos marcadores conversacionais verbais (o próprio texto), não verbais (imagens, *links*, *gifs*) e suprasegmentais (ex. “??”, quebras de discurso, entre outros) nas mensagens eletrônicas, já que esses elementos são utilizados com o intuito de recriar marcas típicas da oralidade na escrita virtual.

Para finalizar a apresentação da proposta de Recuero (2014) de analisar o discurso da *internet* a partir da reinvenção de elementos básicos do estudo da conversação tradicional, resta-nos abordar a noção de polidez, cuja função é, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 77), “preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal”, para evitar possíveis conflitos entre os interlocutores. Essa noção, objetivamente falando, é importante para a análise, uma vez que

o ambiente onde a conversação acontece, mesmo digital, está vinculado ao espaço escolar, espaço de interações relativamente formais, que exige certo grau de polidez para a manutenção do diálogo. E isso exige um mínimo de cuidado no trato entre os sujeitos ao se reportarem uns aos outros nos discursos.

Neste sentido, é relevante destacar aqui que, para Recuero (2014), a polidez é a estratégia essencial para o funcionamento, organização e normatização do contexto onde a conversação acontece. Essa estratégia se fortalece pela necessidade de se compreender tais normas, especialmente como estratégia de manutenção dos laços sociais existentes na rede. Desta forma, a “polidez com normas maleáveis apontam para Laços Fortes proporcionando conversações mais informais. Quando os laços são mais fracos, a polidez é essencial para guiar a conversação e a manutenção da conversação” (RECUERO, 2014, p. 160).

Na conversação *on-line*, no entanto, se investem menos na manutenção de uma polidez e se interessam mais em regras de comportamento e conduta em meios virtuais, a fim de explicitar uma etiqueta no espaço virtual. Como exemplo, Paiva (2004) cita que, numa conversa eletrônica, escrever em caixa alta pode significar que o falante está gritando; que não se deve enviar correntes, vírus e *hoaxes* (mensagens mentirosas); que o uso dos *emoticons* ou *smiles* serve para demonstrar claramente o tom da mensagem e minimizar a ausência do contexto; em conversas coletivas, as respostas individuais devem ser mandadas diretamente ao seu destinatário; ao iniciar o diálogo, é necessário o uso de aberturas e fechamentos (bom dia/boa noite).

Fica claro, assim, que a estrutura da conversação adquire nova organização na mediação digital e, por isso, necessita de uma nova compreensão dos elementos organizações em ambiente virtual. É preciso, em especial, rever como os rituais são instaurados nas redes para entender o sentido construído nas conversas em espaços da mediação digital. Por esse motivo, Recuero (2014), com sua reconfiguração da Análise da Conversação no ciberespaço, servirá de base principal para a análise dos dados da nossa pesquisa. Em especial, nos envolvemos com maior profundidade nos estudos dos rituais de marcação e, especificamente, dos marcadores conversacionais, que foram o foco da seção seguinte. Isso porque, considerando tal contexto, as abordagens propostas pela autora conseguem nos ajudar a responder as principais questões norteadoras dessa pesquisa, já apresentadas na introdução.

3 MARCADORES CONVERSACIONAIS

Nesta seção, serão apresentadas algumas concepções gerais sobre os Marcadores Conversacionais e como eles são relevantes para os estudos envolvendo Análise da Conversação e a Análise da Conversação em Rede e os discursos digitais, além de demonstrarmos como eles aparecem nesses discursos, revelando suas funções e possibilidades de análise.

3.1 Concepções gerais

Em uma troca interacional, podemos fazer uso de diferentes formas de expressão para nos comunicarmos: as palavras, as entonações, as pausas, os gestos, os olhares, os risos, os movimentos entre outros. Todos esses recursos se complementam e se tornam essenciais para a concretização de uma conversa, pois atribuem diversos sentidos ao diálogo, auxiliando na compreensão e na eficácia de uma efetiva comunicação.

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 36) reforça essa ideia ao afirmar que “as conversações são ‘construções coletivas’ feitas de palavras, mas também de silêncios e de entonações, de gestos, de mímicas e de posturas, ou seja, de signos de natureza variada: as conversações exploram diferentes sistemas semióticos para se constituir”.

A autora, na mesma obra, ainda apresenta três tipos de materiais aos quais recorreremos em uma interação: material verbal, material paraverbal (prosódico e vocal) e material não-verbal. O material verbal é o conjunto das unidades que derivam da língua (unidades fonológicas, lexicais, morfossintáticas). O material paraverbal são todas as unidades que acompanham as unidades propriamente linguísticas e que são transmitidas pelo canal auditivo: entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, particularidades da pronúncia, características da voz. O material não-verbal é transmitido pelo canal visual e distingue-se em: signos estáticos (aparência física dos participantes, características naturais ou acrescentadas), cinéticos lentos (distâncias, atitudes e posturas) e cinéticos rápidos (olhares, mímicas e gestos).

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 42), ainda, ressalta que “a comunicação oral é multicanal e plurissemiótica” e que esses diferentes materiais são necessários à comunicação, pois possuem propriedades e virtudes específicas para se ter um maior proveito possível da interação. A autora defende essa visão de que, apesar de falarmos com os órgãos vocais, é com todo o corpo que nós conversamos. Nesse sentido, compreender essas articulações nos faz

compreender quais outras informações conseguimos extrair a partir desses elementos “não-orais”.

Nesse sentido, o trabalho de Galembeck e Carvalho (2010) vai nos mostrar que a língua falada tem três características básicas: a ausência de uma etapa nítida de planejamento; a existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores; e o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação. Essas três características tornam essencial, para a construção do texto conversacional, a presença de certos elementos que têm por função: a) assinalar as relações interpessoais e o envolvimento entre os interlocutores; b) situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e no contexto pessoal de cada um deles; e c) articular e estruturar as unidades da cadeia linguística. Esses elementos são os marcadores conversacionais.

Sabemos, assim, que numa conversa há recursos que facilitam a efetivação da comunicação, por conta da aplicação de signos linguísticos e extralinguísticos. Esses recursos foram denominados de marcadores conversacionais por Marcuschi (2003), na primeira edição do livro “Análise da Conversação”, em 1986. O estudo dos marcadores, realizado pelo autor, é considerado o primeiro estudo longo dessa conceituação no Brasil, trazendo um capítulo inteiro destinado à temática, o que nos leva a compreender tamanha importância desses elementos para a Análise da Conversação.

É válido lembrar que não há um consenso terminológico quanto a esse assunto, podendo-se encontrar termos como marcadores conversacionais (MARCUSCHI, 2003), marcadores discursivos (GORSKI *et al*, 2004), operadores discursivos, marcadores de estruturação da conversa, apoios do discurso (MORAIS, 2012) entre outros. Esses termos, apesar de terem sentidos próximos, possuem algumas diferenças tanto na ordem do *corpus* analisado, como no caso de diálogos e falas mais ou menos formais, na ordem da estrutura fenotípica do discurso ou, ainda, nas relações encontradas em mais de um desses modelos. Desta forma, optamos em adotar em nosso trabalho o termo marcador conversacional, exposto por Marcuschi (2003) e Urbano (1999), por acreditar que são responsáveis pela marcação da função interacional na conversação, além de conseguirem abarcar uma maior quantidade de elementos possível dentro de sua metodologia, dialogando sobremaneira com o objeto da pesquisa.

Essa complexidade do termo é encontrada na fala de Marcuschi (2003, p. 61), que nos diz: “existem relações estruturais e linguísticas entre a organização da conversa em turnos [...] e a ligação interna em unidades constitutivas de turno. Isto sugere que os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas”. Os

marcadores são divididos em verbais, não-verbais e suprasegmentais e “servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si” (MARCUSCHI, 2003, p. 61). Ainda segundo o autor, esses recursos podem aparecer “na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares” (p. 61) e podem operar como iniciadores ou finalizadores de turno ou unidade comunicativa, oferecendo maior naturalidade à fala.

Quanto à classificação dos marcadores, os recursos verbais são palavras ou expressões estereotipadas e de grande ocorrência, que situam o tópico no contexto geral, particular ou pessoal da conversação. Marcuschi (2003) cita como exemplos expressões não lexicalizadas como “mm”, “ahã” e “ué”. Os recursos não-verbais, ou paralinguísticos, seriam o olhar, o riso, os meneios de cabeça e a gesticulação, elementos fundamentais na compreensão de uma interação face a face. Para o autor, eles estabelecem, mantêm e regulam o contato entre os interagentes. Já os recursos suprasegmentais são de natureza linguística, mas não de caráter verbal, como no caso das pausas, da cadência, da velocidade e do tom de voz.

Essa identificação dos marcadores nas conversas virtuais é fundamental para que o discurso não se torne truncado, nem que as falas ganhem multiplicidade de sentidos. Mas, para que esse tipo de marcador consiga comunicar, ele precisa ser compartilhado com o(s) interlocutor(es) do discurso. Assim, quanto mais interações e compartilhamento desses marcadores, mais esses elementos ganham sentido e possibilidades de uso na comunidade em que estão inseridos.

Em relação ao conceito, Urbano (1999, p. 81) vai nos dizer que os marcadores conversacionais são como “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão”. O autor ainda amplia essa conceituação ao afirmar que

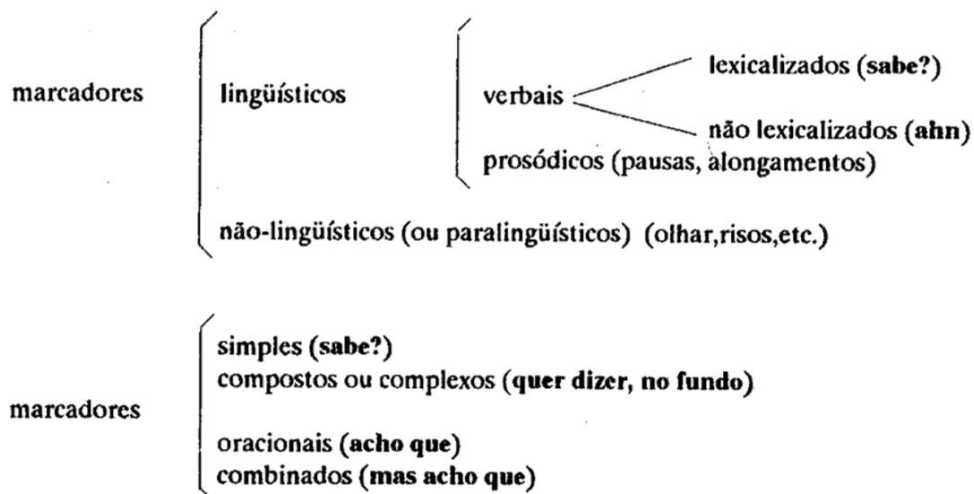
Esses elementos, típicos da fala, são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomaticidade e significação discursivo-interacional. Mas não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1999, p. 86).

São esses elementos, já mencionados anteriormente, que vão garantir uma permanência ou transferência do turno de fala durante uma conversa, por exemplo. Ou, ainda, são eles que garantem uma organização discursiva em grupos, como é o caso do *corpus* dessa pesquisa, uma vez que ele garante que essa organização permite que os sujeitos, mesmo que em conversas paralelas, consigam acompanhar as falas. Por conversa paralela, referimo-nos ao fato de que, num grupo, os sujeitos poderão iniciar conversas individuais ou coletivas ao mesmo tempo em que outro tópico discursivo esteja acontecendo entre outros.

Destaco também o conceito de Kodric (2009) para marcador conversacional, o qual é entendido como sendo uma expressão que serve de elo de ligação entre unidades comunicativas e que torna a linguagem falada dinâmica e expressiva. São sinais que “amarram” o texto enquanto estrutura de interação interpessoal e asseguram o desenvolvimento continuado do diálogo. Além disso, são de grande importância para a espontaneidade e continuidade de uma conversação, tornando-a dinâmica e eficaz.

Em seu estudo, Urbano (1999) divide a análise dos marcadores conversacionais em: aspecto formal, aspecto semântico, aspecto sintático e funções comunicativo-interacionais. No primeiro deles, o aspecto **formal** ou **estrutural**, o autor separa em marcadores *linguísticos*, subdivididos em verbais (palavras lexicalizadas ou não) e prosódicos (pausa, entonação, alongamento, mudança de ritmo e de altura); e *não linguísticos* (olhar, riso, meneios de cabeça e gesticulação), também chamados de paralinguísticos. Além disso, quanto à forma, os marcadores verbais podem ser elementos simples, compostos ou complexos e oracionais, segundo esquema reproduzido a seguir.

Figura 1 – Classificação formal dos marcadores



No esquema desenvolvido pelo autor, é possível compreender a estruturação desses marcadores o que, dentro de uma perspectiva analítica, nos ajuda a traçar um panorama do elemento estudado dentro de um *corpus* específico. Como exemplo do próprio esquema, também localizado no material analisado nessa pesquisa, identificar um elemento como “ahn” dentro de um diálogo, nos ajuda a interpretar seu sentido dentro do contexto, a partir do momento que compreendemos sua composição formal enquanto elemento/marcador linguístico – verbal – não lexicalizado e que, num contexto específico, pode significar uma dúvida, quando acompanhado de interrogação, ou um espanto.

Além disso, o esquema nos mostra que, quanto ao aspecto semântico, os marcadores conversacionais, embora a maioria seja esvaziada de conteúdo semântico, são usados como estratégias para se testar o grau de atenção e participação numa interação. Já em relação ao aspecto sintático, Urbano (1999) afirma que os marcadores verbais possuem emissões completas por si e autônomas entonacionalmente, caracterizando-se com uma total independência sintática. Isto é, esses marcadores fortalecem uma intenção ou tonalidade do que se busca dizer, sem necessariamente se utilizar de uma estrutura sintática formalmente pensada.

Por fim, o autor chama atenção para a observação das funções comunicativas e/ou interacionais dos marcadores, ou seja, as próprias funções ou usos da linguagem. Conforme os estudos de Castilho (1989) e Marcuschi (2003), os marcadores conversacionais se revelam em duas funções textuais: a função interpessoal ou interacional (referente à construção e gestão do ato conversacional) e a função ideacional (referente a elementos de coesão entre as partes do texto). Os marcadores interpessoais são aqueles que administram os turnos conversacionais e os marcadores ideacionais são aqueles acionados para a negociação do tema e seu desenvolvimento.

Essa questão das funções da linguagem, segundo Neves (2018), vem interessando estudiosos da linguagem há bastante tempo. Dentre as mais divulgadas estão a proposta de Karl Bühler (1934), depois Jakobson (1969), e, dentro de uma perspectiva funcionalista, Halliday (1973), que investiu numa teoria de multiplicidade funcional que reflete na organização interna da língua, e numa investigação da estrutura linguística que revela as várias necessidades a que a linguagem serve. Ele propôs funções (mais precisamente metafunções) da linguagem, subdivididas em ideacional, interpessoal e textual.

De acordo com Halliday (1973), a função ideacional organiza e incorpora na língua a experiência dos fenômenos do mundo real, as reações, cognições, percepções, assim como seus atos linguísticos de falar e de entender. A função interpessoal expressa o julgamento

pessoal e as atitudes do falante. “A função interpessoal é, pois, interacional e pessoal, constituindo um componente da linguagem que serve, ao mesmo tempo, para organizar e expressar tanto o mundo interno como o mundo externo do indivíduo” (NEVES, 2018, p. 25). E a função textual (instrumental para as outras funções) diz respeito à criação do texto, contextualiza as unidades linguísticas, fazendo-as operar no contexto e na situação.

Isso significa que, na perspectiva teórica dos marcadores conversacionais, são levadas em conta, nesse caso, as ideias propostas por Halliday (1973) sobre as funções interacionais da linguagem, classificando os marcadores com base em duas classes citadas pelo autor: ideacionais e interpessoais. Nesse sentido, tomando como base essa classificação, hoje é possível pensar nesses marcadores e em seus usos de forma mais complexa. Isso pode ser observado nos estudos de Urbano (1999) em que ele cita, assim como Marcuschi (2003, p. 72), que os marcadores possuem aspectos posicionais. Para ele, alguns estudiosos têm classificado os marcadores de acordo com a posição em que aparecem, denominando-os de iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais estão envolvidos.

O aparecimento dos marcadores na conversação, segundo Santos (2018), tem um caráter processual, já que o planejamento e a formulação da fala não são etapas sucessivas, mas quase simultâneas. Por isso, torna-se comum o aparecimento de descontinuidades, hesitações, silêncios, reformulações entre outros. Fazendo com que os marcadores ajam na articulação as unidades informativas do texto e na organização de turnos conversacionais. Cabe, então, considerarmos para esta pesquisa os marcadores conversacionais como elementos organizadores da conversação, muito presentes nas interações, principalmente orais, com funções relevantes no texto conversacional, promovendo a sustentação, a passagem, a troca e interação de turnos, e propiciando coesão na organização interacional.

No entanto, os marcadores não agem somente na fala, eles aparecem de formas distintas na oralidade e na escrita. Lúzio e Rodrigues (2009) apontam que é comum, na fala, a utilização de recursos tais como: né, daí, aí, já, então, certo, para verificarmos se estamos sendo entendidos, ou para tornar a interlocução mais participativa, ou seja, quem fala induz quem ouve a envolver-se ativamente na conversa. Já na escrita, pelo seu caráter mais formal, os autores reforçam que não é bem aceita pelos gramáticos a presença de tais recursos, pois cobra-se uma linguagem culta ao se escrever.

No entanto, na linguagem virtual, segundo Bernini (2015), pode-se perceber que os marcadores conversacionais típicos da língua falada aparecem nos textos escritos e atuam como organizadores de construções textuais e mantenedores da interação discursiva, estabelecendo uma relação entre ambos. Isto é, é a partir da escrita ou textualização desses elementos que a

conversação vai ganhando forma e construindo sentidos pela interação e estruturação dos diálogos.

Em nossa pesquisa, assim como fez Recuero (2014), focamos na análise de termos típicos da linguagem da *internet* que acabam exercendo a função de marcadores conversacionais ou marcadores que, mesmo numa modalidade escrita, são acionados para tornar a conversação virtual mais próxima da conversa face a face. Apesar da autora procurar descrever todos os recursos e elementos presentes nas situações comunicativas em rede, vale destacar que nosso trabalho não busca ser exaustivo em todas as especificidades dos marcadores, restringindo-se ao estudo do aspecto formal ou estrutural dos marcadores nos três tipos, conforme propõe Mascuschi (2003): verbais, não verbais e suprasegmentais. Esse recorte nos ajuda a fazer uma abordagem não só descritiva do fenômeno como também de análise mais aprofundada dos sentidos propostos nos discursos.

Analisamos apenas os conteúdos expostos de forma grafolinguística, deixando de lado elementos audiovisuais, devido a escolha de um foco na linguagem escrita virtual e pelos registros das conversas terem sido realizados através de *prints* que só reproduzem a digitação dos participantes. Apesar de considerarmos os recursos de áudio elementos de grande importância, a análise evidenciará as características de organização de uma conversa digitada, levando em consideração também os elementos visuais. Por fim, abordamos na próxima subseção esses marcadores conversacionais típicos da linguagem virtual, apontando suas ocorrências e mostrando os estudos atuais sobre o tema.

3.2 Marcadores conversacionais na linguagem virtual

O advento da *internet* ocasionou mudanças em vários aspectos sociais, principalmente na forma de se comunicar. A conversação passou a ser mediada por equipamentos, como computadores e *smartphones*, permitindo a diminuição das distâncias físicas e fazendo com que os indivíduos interajam através de ferramentas virtuais, tais como os aplicativos de conversa virtual. O ciberespaço proporciona essa interação *on-line*, repleta de características próprias, garantindo uma conversa em tempo real ao possibilitar troca de mensagens de resposta imediata.

Segundo Recuero (2009), a linguagem também passa por mudanças consideráveis em meio à virtualidade, tornando-se mais oralizada, com a presença de novos marcadores conversacionais. Além disso, a comunicação via *internet* acaba privilegiando o texto, mais até

do que o som e o vídeo, e incorpora recursos tecnológicos próprios dos aplicativos e softwares interativos, a fim de tornar a conversação ainda mais próxima da face a face.

Surge, então, um novo tipo de escrita que busca rapidez e funcionalidade, numa tentativa de oralização da escrita digitada. Segundo Marcuschi (2005), a linguagem virtual chega a ser quase ideográfica, repleta de estratégias de textualização da oralidade, como as abreviações e os truncamentos. O autor reforça a interferência da condição de temporalidade na forma de escrever, pois há uma necessidade de imediatismo na interação.

Marcuschi (2005) revela, também, que a *internet* possibilita uma absorção sistemática de semioses, devido à diversidade da escrita, pois, em substituição aos gestos e expressões presentes na conversação “usual”, existem as carinhas, os *emoticons*², os *emojis*, as figurinhas e outros recursos. Isso demonstra uma grande plasticidade da linguagem virtual, que conta com recursos infindáveis na construção de uma nova forma de interação por meio da escrita.

Figura 2 – Exemplos de *emojis* e *emoticons* disponíveis nas redes sociais



Fonte: *WhatsApp/web*

Dessa forma, a conversação virtual, em sua composição informal e oralizada, agrega a inserção dos elementos de ligação de unidades comunicativas: os marcadores conversacionais. E, assim como na conversa face a face, exercem a função de auxiliar no andamento da conversação, indicando contexto, direcionamento, troca de turnos entre outros.

² A grande diferença é que emoticons são feitos no improviso, utilizando-se de caracteres comuns que costumamos usar no dia a dia [ex. :) (sorriso), T-T (choro)], enquanto os emojis são desenhos próprios e inéditos, tratados como extensões do conjunto de caracteres ocidentais usados na maioria dos sistemas operacionais da atualidade

Além disso, de acordo com a classificação de Marcuschi (2003) em marcadores verbais, não verbais e suprasegmentais, esses marcadores são reinscritos nesse novo contexto de uso.

Nesse sentido, Recuero (2009) apresenta os marcadores mais observados na conversação virtual. Destacam-se: as onomatopeias, utilizadas para simular sons da linguagem oral; os emoticons, utilizados graficamente para simular expressões faciais; os léxicos de ação, que descrevem ao interlocutor aquilo que o outro está fazendo; oralização, quando as palavras são escritas pelo modo como soam e não pela forma da língua-padrão; pontuação, para conotar entonações, pausas e silêncios nos turnos da conversação; abreviações, uma redução de palavras como forma de agilizar a escrita; e indicadores de direcionamento, uma das formas de organizar os turnos em uma conversa com grande número de participantes, direcionando a quem se “fala”.

Fora esses marcadores, Recuero (2014) acrescenta os indicadores de persistência, que permitem aos interagentes reconhecer o espaço temporal que se estabelece entre suas trocas de mensagens, ao se recuperar um “dizer” antigo ou ao demarcar o dia ou o horário em que a mensagem foi enviada; e os indicadores de assunto, que demarcam os assuntos ou tópicos que guiam a conversa, em meio a turnos não organizados sequencialmente, citando a mensagem anterior.

Corroborando às descrições já apresentadas por Recuero (2014), Santos (2018) cita mais alguns tipos dos marcadores recorrentes em ambientes virtuais, como os recursos de simplificação da escrita, com a omissão de letras e a repetição de vogais. E, ressalta o uso dos *emoticons*, que remete à gestualidade, ao olhar e a toda a corporalidade dos interlocutores; e das transcrições fonéticas de atos expressivos, com as onomatopeias causando nos interlocutores a sensação de como determinada palavra deve ser lida e que intenção elas carregam. Neste sentido, a abordagem proposta por Santos (2018) só reforça a necessidade de lançarmos um olhar para os elementos antes propostos por Recuero.

Quanto à classificação dos três tipos principais de marcadores conversacionais da *internet*, Santos (2018) exemplifica os marcadores linguísticos, com blz, vlw, ctz e + ou –; os marcadores não linguísticos, com a aplicação de *emoticons*, expressando estados psicológicos e emocionais do falante; e os marcadores suprasegmentais, como o uso de maiúsculas/minúsculas para denotar o tom da fala e o alongamento de vogais, como OIII, dizzz, querooooo.

Dentro dessa perspectiva, destaco o trabalho de Silva e Ferreira (2010), por causa de sua contribuição ao classificarem marcadores em ambiente virtual e perceberem uma grande utilização dos marcadores não verbais, favorecendo a compreensão do texto conversacional. Este estudo nos permite perceber, a partir de seu objeto proposto, quais percursos são

necessários para alcançar tal objetivo. Desta forma, é possível perceber que esses marcadores estão relacionados à percepção do corpo, expressando olhares, gestos, sorrisos entre outros, auxiliando na demonstração de sentimentos através das telas de computadores e celulares.

Essa percepção se mostra pertinente, aqui, uma vez que traz o foco para a relação corpo e representação a partir dos marcadores. Outro trabalho que fortalece essa ideia é de Modesto (2011) que verifica que os marcadores conversacionais são elementos importantes para o encadeamento textual, evidenciando o caráter dinâmico e dialógico dessa interação. Quanto aos tipos, o autor ressalta que os elementos gráficos se caracterizam como marcadores de uso exclusivo das conversações virtuais, que servem de adaptações a situações de interação face a face, algo descrito e comprovado também por Recuero (2014).

O autor afirma que os marcadores verbais na linguagem virtual são representados como na conversação presencial “falada”, por meio da escrita digitalizada. No entanto, os não verbais e os suprasegmentais são representados por elementos gráficos, como reticências, onomatopeias, *emoticons* e *emojis*. “Ou seja, na ausência de sons e das expressões faciais e corporais, outros recursos são acionados” (MODESTO, 2011, p. 102). Além desses marcadores, Modesto (2011) apresenta ainda outros, como o isolamento do sinal de pergunta (?), atuando como estratégia para fluxo de conversa ao chamar a atenção do interlocutor a um questionamento; e o uso de maiúsculas, em caixa alta, remetendo a entonações diferenciadas.

Os marcadores conversacionais, dessa forma, se materializam na conversação digital em uma mescla entre signos linguísticos, com uma escrita que tenta traduzir toda a oralidade da fala informal, e signos iconográficos, com a presença marcante de elementos visuais que reproduzem as ações e emoções humanas. Segundo Frazão (2018), os marcadores na esfera digital servem para organizar o texto conversacional e, principalmente, atenuar a ausência física dos interagentes, alargando as possibilidades comunicativas das atuais interfaces tecnológicas.

É possível notar, diante do exposto, tamanha importância desses elementos para a realização de uma conversação virtual ainda mais semelhante a uma presencial. Os marcadores verbais viabilizam a oralização da linguagem, com sua forma transcrita na modalidade escrita. Os marcadores suprasegmentais são retratados através de uma pluralidade na digitação eletrônica, para reproduzir as entonações e pausas necessárias. Como o uso de reticências para demonstrar que está aguardando alguma resposta, por exemplo. E, por fim, os marcadores não verbais incorporam recursos visuais típicos da *internet*, com o intuito de simular os movimentos que não aparecem no diálogo em meio eletrônico.

Os marcadores não verbais ganham destaque na conversa virtual por serem constituídos de elementos próprios da digitalidade e, na maioria das vezes, por serem disponibilizados pelos próprios aplicativos ou softwares que possibilitam as interações *on-line*. Oliveira (2005) revela que os marcadores não verbais auxiliam no controle de ambiguidades e facilitam um melhor desempenho da conversa, permitindo a reprodução de expressões faciais, como o riso, a raiva, o medo, entre outros; e de gestos, como despedida, abraço, beijo, entre outros. Isso garante que o outro entenda aquilo que foi “dito” no chat e demonstra a necessidade que o ser humano tem em se comunicar não só com linguagem verbal, mas utilizando outros meios de significação para expressar seus pensamentos. Por isso, os participantes da conversa virtual acabam criando alternativas tecnológicas que permitem uma aproximação com as características dos encontros presenciais, a fim de gerar um maior envolvimento e desempenho dos interagentes.

Fora isso, esses recursos visuais são recorrentes nas conversações por expressarem sentimentos e gestos dos usuários que estão por detrás das telas. A sua aplicação surgiu com a criação dos *emoticons*, a partir da composição de símbolos gráficos que parecessem expressões faciais, como exemplo o sinal “:)” que representa um sorriso e o sinal “:(” que representa tristeza. Em seguida, essas carinhas começaram a ganhar forma nos *emojis*, disponibilizados no próprio teclado dos usuários de aplicativos de conversa virtual, para garantir total representação da realidade. Por fim, no final de 2018, entraram em cena os *stickers* ou figurinhas, que possibilitam o envio de adesivos virtuais com imagens personalizadas.

Essa explosão visual nos aplicativos de conversas virtuais, principalmente no *WhatsApp*, aguçou nosso olhar para a pesquisa nas mensagens de alunos do ensino fundamental, justamente pelo excesso de inserção desses recursos visuais. Por isso, faz-se necessário investigar esses diálogos eletrônicos com a finalidade de constatação de uso dos marcadores conversacionais, sejam verbais, não verbais ou suprasegmentais com o fim de perceber como eles aparecem e que tipo de sentido (ou sentidos) eles constroem.

Tomando como base a teoria da Análise da Conversação e a classificação estrutural dos marcadores conversacionais realizada por Marcuschi (2003), aliando à evolução dos estudos sobre a conversa em meio digital proposta por Recuero (2014) e, por fim, tendo por inspiração o trabalho de Santos (2018) com a exemplificação dos tipos de marcadores utilizados em diálogos do *WhatsApp*, analisamos os nossos dados e elaboramos as categorias norteadoras da nossa pesquisa, dentro da discussão dos resultados, a partir da identificação dos marcadores verbais, não-verbais e suprasegmentais no *corpus* da pesquisa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo conta com a estruturação, passo a passo, do processo de elaboração e composição de toda esta pesquisa. Aqui, estão listadas todas as informações relacionadas à metodologia da pesquisa, desde o tipo de trabalho, até elementos mais complexos e da etapa de análise e interpretação dos dados coletados. Vale ressaltar que constam nesta seção informações também relativas ao parecer emitido pelo Comitê de Ética (Anexo 1), uma vez que se trata de uma pesquisa envolvendo seres humanos.

4.1 Método de abordagem

O viés teórico e analítico deste trabalho tem como base a Análise da Conversação e a Análise da Conversação em Rede, apoiadas, respectivamente, em Marcuschi (2003) e Recuero (2014). Percebendo o gênero “conversa virtual” como um texto rico em significações, o objetivo geral é analisar os usos em *prints* das conversas de *WhatsApp* de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da rede pública de Fortaleza e as funções dos marcadores conversacionais, tais como início, manutenção e conclusão dos turnos de fala).

O método utilizado foi o de observação e análise dos efeitos que os marcadores produzem nos diálogos virtuais. Além disso, segundo Lakatos e Marconi (1992), seguimos o método indutivo, pelo fato de partirmos de uma teoria de base, para análise de particularidades do objeto de pesquisa, na verificação dos fenômenos particulares, que nos levam a generalizações.

4.2 Tipo de pesquisa

Nossa pesquisa, quanto aos seus objetivos, é caracterizada como uma pesquisa de caráter descritivo-explicativo. Para Gil (2002, p. 42), pesquisa explicativa visa “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. No entanto, entendemos que o caráter descritivo antecede ao explicativo. Primeiro, descrevemos os fatos investigados e, em seguida, os analisamos de modo a explicar como esses fatos constroem o objeto de pesquisa.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve casos reais de interação virtual, almejamos um maior aprofundamento na análise e no reconhecimento dos fenômenos linguísticos presentes. A pesquisa explicativa “têm como preocupação central identificar os

fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2002, p. 42).

Quanto à abordagem, enquadraremos nosso estudo no enfoque qualitativo que tem um caráter subjetivo ao interpretar os dados colhidos nas conversas virtuais do uso dos marcadores conversacionais, realizando juízos de valor. Segundo Minayo (1994, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. Isto é, busca identificar e qualificar realidades e contextos que, entre outras coisas, não é possível de ser quantificado.

Além disso, Godoy (1995) define características fundamentais que devem constar nesse tipo de pesquisa, a saber:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; [...] É descritiva; [...] O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são a preocupação essencial do investigador. (GODOY, 1995, p. 62)

Essa preocupação do investigador, citada pelo autor, demonstra um papel importante do pesquisador em relação à pesquisa ao descrever e interpretar os dados analisados, buscando o melhor manejo do material na tentativa de significar a realidade dos fatos.

No que diz respeito à natureza, a pesquisa pode ser considerada como aplicada, por se tratar de um conhecimento direcionado a solução de problemas reais e envolver verdades e interesses locais, no caso, a verificação do uso e das funções dos marcadores conversacionais em um grupo específico de alunos. Destaco, ainda que o intuito de se analisar o uso dos aplicativos de mensagens eletrônicas, que se tornou uma prática do dia a dia das pessoas, principalmente dos jovens desta geração digital, será reforçado a seguir, ao se tratar sobre as técnicas escolhidas para o trabalho.

4.3 Delimitação do universo e amostra

A partir do conceito de Lakatos e Marconi (1992), delimitamos o universo da nossa pesquisa a mensagens de aplicativos de conversas virtuais. Essas mensagens foram resultado de interações realizadas por alunos em um grupo no *WhatsApp* criado para este fim. É necessário explicitar, também, que o *chat* no aplicativo *WhatsApp* é um gênero pertencente ao ambiente virtual e possui uma ampla adesão, por esse motivo, optamos por fazer recortes desse universo para melhor manuseio dos dados.

Dentro deste universo, o *corpus* foi composto por breves recortes de diálogos extraídos deste grupo composto de um total de 26 participantes, dentre eles 25 alunos e uma professora, de uma turma de 8º ano da rede pública de Fortaleza, que se disponibilizaram espontaneamente a fazer parte do estudo em questão, nos cedendo o *corpus* necessário para a análise. Este recorte se justifica, pois não seria possível analisar todas as interações realizadas no grupo, devido à ativa e recorrente participação dos usuários.

Segundo os autores citados, o universo é composto pelas pessoas participantes da pesquisa, selecionadas de acordo com suas características comuns. Nesse caso, os alunos, numa faixa etária entre 13 e 14 anos, fazem parte de uma mesma comunidade escolar e estão no mesmo grau de escolaridade. As “falas” da professora não foram consideradas por se tratar da autora da pesquisa e para que a sua proximidade com o trabalho não influenciasse na forma em que se expressa no grupo. Uma vez que este é um grupo com baixa participação da professora e os alunos interagem entre si, dentro do grupo, diariamente, é possível dizer que existe espontaneidade da interação entre os alunos, fornecendo dados mais consistentes para nossos estudos da conversação.

4.4 Técnicas de coleta de dados

Quanto à parte prática da coleta de dados, Gil (2002) afirma que as técnicas de coleta de dados podem ser executadas a partir de variados recursos, como questionários, testes, entrevista, observação entre outros. Esses procedimentos, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 174), variam de acordo com as circunstâncias ou com o tipo de investigação. As autoras ressaltam que a “técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos”

No caso da nossa pesquisa, fizemos uso da técnica de observação, para verificar o uso e as funções dos marcadores conversacionais nas conversas virtuais, e no uso de questionário³, como *corpus* de apoio, para auxiliar na compreensão da intencionalidade de uso de recursos paralinguísticos no *WhatsApp*, contabilizando os marcadores utilizados nas mensagens. Ou seja, além de termos contato com o discurso proferido pelos alunos mediante a interação deles dentro do grupo criado para este fim, analisados a partir dos *prints* das

³Ver apêndice 1.

conversas, contamos com comentários deles sobre os porquês de algumas escolhas específicas durante o diálogo.

A observação, técnica que foi utilizada, de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 190), “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em que o pesquisador veja e ouça, mas também em que examine os fatos ou fenômenos que deseja estudar”. Essa técnica se fez importante, pois utilizamos os nossos sentidos na busca pela interpretação coerente dos diálogos, transcendendo ao que está impresso na modalidade escrita e passando a buscar também dados externos, como a intencionalidade do uso.

O questionário (Apêndice 1), técnica que foi também utilizada, segundo as autoras, “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 201). Geralmente, o pesquisador envia o questionário ao informante, por e-mail ou pelo correio; e depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. No nosso caso, fizemos uso dos próprios meios virtuais para a execução do questionário. Enviamos as perguntas aos estudantes pelo *WhatsApp* para que as respostas chegassem com maior rapidez. As perguntas buscaram solucionar questionamentos sobre o porquê da utilização dos marcadores conversacionais nas mensagens eletrônicas, para verificarmos a intenção de uso desses elementos. Para a análise das respostas, foram consideradas as respostas expressivas e que dialogassem com a temática, uma vez que este questionário se justifica como pilar para a compreensão dos dados coletados nos diálogos.

Tendo em vista que a pesquisa aconteceu em ambiente virtual, fez-se necessário utilizar uma técnica específica, chamada de etnografia virtual, que propicia a compreensão dos hábitos sociais e linguísticos desse universo bastante diversificado que é a *internet*. Segundo Mason (2001), esse tipo de trabalho requer imersão completa do pesquisador dentro da realidade vivenciada pelas pessoas que utilizam a comunicação mediada por computador. No nosso caso, estamos inseridos em uma dimensão específica do espaço virtual: o chat no aplicativo *WhatsApp*. E, a partir disso, observamos e interagimos com os informantes, para descobrir as formas que eles usam nesses meios digitais para criar e sustentar relações.

A esse respeito, nos valemos da definição de Oliveira (2007) para esse tipo de pesquisa:

A pesquisa tem caráter qualitativo, caracterizado pela participação do pesquisador e sua intervenção durante o trabalho de pesquisa junto ao grupo, percebendo ao longo do tempo, como são construídos os significados e como as relações são historicamente

estabelecidas, Isso permite uma leitura interpretativa melhor qualificada para os dados obtidos ao longo da pesquisa. (OLIVEIRA, 2007, p. 52)

Cabe ao pesquisador, então, utilizar os instrumentos de análise de texto ideais para descrever e analisar o objeto investigado. Por isso, escolhemos a observação e o questionário para obter as informações necessárias para a nossa pesquisa. Além disso, faz-se necessária a escolha de um campo de pesquisa que forneça uma base metodológica eficaz para a construção de um trabalho consistente. Segundo Oliveira (2007, p. 53), a Análise da Conversação tem uma metodologia bastante adequada para a etnografia virtual, “por sua vocação empirista, fundamentada em situações reais” e por levar em consideração o contexto e os aspectos gestuais da fala.

4.5 Descrição da coleta dos Dados

Para a pesquisa, utilizaremos um *corpus* de análise coletado em um grupo de conversas no aplicativo *WhatsApp* intitulado “8º ano manhã”, composto por 72 capturas de telas (*prints*) de diálogos virtuais realizados pelos alunos da turma, de maneira espontânea, cujos temas giram em torno da convivência escolar, sobre aulas, professores, atividades entre outros, e assuntos cotidianos, como o caso da doença coronavírus.

Inicialmente, ao notar o engajamento dos alunos ao grupo, iniciamos a análise dos fenômenos linguísticos inseridos por eles em suas conversas, principalmente, pela recorrência na inserção de recursos paralinguísticos, tais como *emojis*, figurinhas, *gifs*, fotos, vídeos, memes entre outros, e marcadores conversacionais, como abreviações, oralização da linguagem, onomatopeias entre outros, ao buscarem uma simulação da interação presencial e falada.

Para que a contribuição seja válida e resguarde os direitos dos participantes, seguimos as normas acadêmicas de coleta de dados. Foram enviados termos de consentimento (Apêndice 2), com base nas orientações do site da Plataforma Brasil⁴, para que os pais autorizassem a participação de cada aluno e para firmarmos um compromisso com os envolvidos, no caso, os próprios estudantes, seus responsáveis, a escola e a universidade. Este compromisso garante total sigilo das informações coletadas, sendo elas usadas apenas para fins acadêmicos, garante segurança à saúde física e psicológica dos envolvidos, além de deixar o participante completamente livre para sair da pesquisa no momento que desejar.

⁴<http://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>

Para a composição do *corpus* da pesquisa, fizemos capturas de telas das conversas por meio de um recurso que os computadores e *smartphones* oferecem, chamado de *Print Scream* (tela de impressão), que serve para salvar todo o conteúdo visível na tela do aparelho, gerando imagens possíveis de armazenamento. Inicialmente, fizemos essas capturas das conversas mais expressivas encontradas no grupo, ao longo do ano de 2020 e, após esse registro, essas conversas foram numeradas, numa ordem cronológica, para fins de identificações futuras.

Uma análise preliminar nos permitiu salvar os diálogos, as interações, que melhor favoreciam a demonstração dos usos dos elementos conversacionais estudados, onde se visualizavam as categorias analíticas definidas. No total, colhemos 110 *prints*, que compunham mais de uma situação conversacional, organizados em 10 diálogos que serão analisados no capítulo seguinte.

A partir desses dados, filtramos as conversas que apresentam conteúdos coerentes com a análise que pretendemos realizar, pois, tendo em vista a extensão do material coletado e o tempo exíguo para a conclusão da dissertação, fez-se necessário selecionar uma quantidade menor de diálogos. Essa seleção foi realizada de acordo com o teor interpretativo da conversa, considerando a coerência na interação, e, principalmente, considerando a maior quantidade de elementos diferentes que contribuíssem com o enriquecimento da pesquisa.

4.6 Procedimento e análise dos Dados

De acordo com Gil (2002), a análise dos dados envolve a descrição dos procedimentos a serem adotados. Tendo em vista nosso objetivo de analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais presentes em mensagens do aplicativo *WhatsApp* expressas na escrita virtual oralizada de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Fortaleza, selecionamos os diálogos que continham as categorias de nosso interesse, atentando para as funções que os marcadores desempenham e a intencionalidade da inserção dos recursos paralinguísticos. Os *prints* com as dez conversas, enumerados e organizados como dispostos ao longo do capítulo de análise, foram analisados à luz das teorias de base e sob o olhar da pesquisadora.

Com base nas definições de Marcuschi (2003) e de Recuero (2014), sobre os marcadores conversacionais, identificamos nos *prints* das conversas dos alunos os marcadores presentes. Por meio da realização de uma análise prévia, podemos antecipar que encontramos variados marcadores que buscam trazer para a escrita traços da oralidade, são eles: abreviações, onomatopeias, vícios de linguagem, regionalismos, gírias, palavrões, áudios, fotos, *emojis*,

figurinhas, *gifs*, vídeos, alongamento de vogais, uso de maiúsculas, repetição de pontuação, uso de negrito, uso de pontuação isolada, asterisco para correção entre outros.

Desta forma, a teoria nos ajuda a compreender e a localizar no texto esses marcadores e, a partir deles, analisarmos os usos e os significados criados nas situações conversacionais. Por tanto, iniciamos a análise identificando os marcadores para, só então, detectar seus respectivos usos e sentidos, os quais configuram recursos característicos da linguagem na *internet*. Descrevemos, seguindo a proposta de Frazão (2018), as ocorrências encontradas nos diálogos, incluindo nas discussões as identificações das categorias, que são os tipos de marcadores conversacionais, as unidades de significados, que são os exemplos extraídos do *corpus*, e as descrições, que é a indicação de onde foi retirado esse trecho do diálogo.

5 ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO DIGITAL: INTERAÇÃO NO WHATSAPP

Nesta seção, estão apresentadas as informações relacionadas à análise do *corpus* da pesquisa, à luz da Análise da Conversação e Análise da Conversação em Rede, como já definimos nos capítulos teórico e metodológico. Aqui, foram usados tanto os diálogos do grupo do *WhatsApp* em que os alunos do 8º ano estão interagindo quanto o resultado do questionário aplicado (*corpus* de apoio) com os mesmos alunos, cujo objetivo era compreender, a partir do próprio discurso deles, quais suas intencionalidades e propósitos comunicativos ao utilizar alguns dos marcadores encontrados no *corpus* principal. Por isso, faz-se oportuno conhecer o perfil desses colaboradores.

5.1 Análise do Perfil dos Estudantes

Por meio de um questionário *on-line* realizado pelo *Google Forms*, os alunos envolvidos na pesquisa forneceram informações que auxiliaram na compreensão de diversos fatores relevantes para o estudo da conversação virtual em grupo. Entre elas, estavam informações socioculturais (idade, gênero, localidade onde mora, situação econômica), questões relativas aos usos das redes sociais e algumas motivações sobre escolhas específicas de usos de alguns marcadores. Isto é, os dados revelam o perfil dos estudantes, com informações pessoais, econômicas e socioculturais, além de mostrar as preferências e as intenções dos jovens na escrita de mensagens digitais.

Vale ressaltar que, além das 05 perguntas relativas aos dados pessoais – que possuem respostas individuais –, o questionário foi composto por mais 11 questões objetivas e duas subjetivas. Os resultados quantitativos vieram da organização desses dados gerados pela própria ferramenta do *Google Forms*. Já as questões abertas/subjetivas, tiveram as respostas mais significativas apresentadas durante a análise. No entanto, mesmo com espaço aberto para refletir sobre as problematizações, a esmagadora maioria dos alunos respondeu as duas últimas perguntas de forma monossilábica.

Da turma de 8º ano, composta de um total de 25 alunos incluídos ao grupo do *WhatsApp*, conseguimos que todos eles respondessem ao questionário aplicado. Deste número, 14 são meninos e 11 são meninas de faixa etária variando entre 13 e 16 anos de idade. Quanto à localidade em que residem, foi possível observar que a grande maioria deles mora perto da escola, no bairro Montese, sendo que, 68% habitam no mesmo bairro, 16% no bairro Couto

Fernandes, 12% no bairro Damas e 4% no bairro Serrinha, em Fortaleza, cuja média dos alunos divide o espaço físico com até 10 pessoas numa mesma casa.

Considerando que o *corpus* é composto por interações dos alunos de uma escola municipal de Fortaleza que se encontra em região periférica, como forma estratégica de atender os estudantes em situação de vulnerabilidade social, como é possível perceber, mais adiante, durante a análise foi observado como esse fator corrobora para a compreensão dos tópicos conversacionais, estratégias textuais e formas de interação utilizadas pelos alunos no grupo em que nossa pesquisa se realiza.

Nesse sentido, essa informação também ganha força quando percebemos que cerca de 90% dos estudantes revelaram ter acesso à internet por meio do uso de *smartphones* e demonstram uma preferência pelo aplicativo *WhatsApp* para conversar virtualmente. Afinal, 80% deles usam o aplicativo todos os dias da semana com diversas finalidades, principalmente, para conversar com os colegas e se comunicar com familiares. O *WhatsApp*, dessa forma, como mostra nossa pesquisa, é considerado o principal meio de interação virtual e faz parte do cotidiano dos adolescentes.

Quanto ao uso dos recursos de comunicação *on-line* do aplicativo, foi observado que cerca de 70% dos alunos preferem digitar as mensagens ao conversar. E, dentre as principais atividades realizadas estão o compartilhamento de vídeos, fotos e textos. A partir desta informação, já podemos inferir que os participantes da pesquisa fazem uso de marcadores conversacionais para conduzir seus diálogos na internet e acreditam que o aplicativo de conversa virtual é um ambiente que abriga diversos tipos de linguagem.

5.2 Identificação dos marcadores nos discursos dos alunos

Recordemos aqui que, como já apresentado nos capítulos anteriores, os marcadores são divididos em verbais, não-verbais e suprasegmentais e, entre outras funções e usos, eles ligam as unidades comunicativas e orientam os falantes durante o exercício discursivo. Nesse sentido, a troca dos turnos de fala, a mudança de tópico, as falhas de construção, são facilmente identificadas, uma vez que estes elementos ajudam a compreender os sentidos e direções que a conversação está tomando, oferecendo maior naturalidade à fala.

Neste sentido, conforme observamos nas respostas dos questionários com respeito à pergunta “*Marque o que você usa na escrita das mensagens do WhatsApp: (pode ser mais de uma alternativa)*”, as onomatopeias (imitação da forma como fala), as abreviações e as gírias são, respectivamente, os recursos verbais mais utilizados na escrita das mensagens do

WhatsApp. Quando pedidos a justificar sua escolha, cerca de 50% dos estudantes afirmaram que as abreviações e gírias facilitam na hora de digitar e, além disso, são usados com a finalidade de se escrever com mais agilidade. Nesse sentido, ainda numa busca por agilidade, foi possível observar nas respostas dos alunos à pergunta “*Marque os recursos visuais que você usa nas mensagens do WhatsApp: (pode ser mais de uma alternativa)*”, que são as figurinhas e os *emojis* que mais ganham destaque nas suas conversas. Na sua justificativa, a inserção desses elementos na linguagem virtual tem como principal objetivo divertir a conversa.

Quando questionados sobre a intencionalidade da aplicação dos *emojis* nos diálogos *on-line*, todos os alunos participantes da pesquisa responderam que o principal intuito do uso é para demonstrar emoções e sentimentos, como podemos comprovar com a resposta da aluna A, que nos disse que era para as pessoas identificarem “Como ficou meu rosto ao olhar aquela mensagem”. Além disso, boa parte dos resultados apontaram também que os *emojis* servem para simular gestos, olhares, movimentos, expressões corporais em geral. Por fim, alguns estudantes afirmaram que utilizam esses elementos para divertir a conversa e para ter mais agilidade e facilidade de interação.

Em relação ao uso das figurinhas nas conversas do *WhatsApp*, nota-se que os alunos têm como principal finalidade com esses recursos deixar a conversa mais engraçada e divertida. Quando perguntados sobre isso, 64% dos alunos escolheram essa resposta como a que mais os representava. Fora isso, alguns participantes revelaram que algumas figuras, que foram melhor trabalhadas na seção a seguir, servem, assim como os *emojis*, para demonstrar sentimentos e emoções. No entanto, a grande maioria (93%) alega ser interessante brincar com as imagens e trocar as figurinhas entre os amigos.

Essas informações podem ser fortalecidas com as respostas das alunas B, C e E e dos alunos D e J, respectivamente: “De divertir a conversa e demonstra oq estou sentindo!”; “Reagir a uma resposta, para ser mais fácil ,resumir”; “Aah, para simular os gestos, olhares e movimentos”; “Para demonstrar reações, expressões faciais”; e “Pra mostrar sentimentos e nao so falar”

Nesse sentido, poderemos observar, no tópico a seguir, como essas expressões e movimentos conversacionais acontecem na prática, compreendendo quais sentimentos e emoções os alunos buscam expressar. Além disso, será possível observar a utilização dos marcadores verbais, não-verbais e suprasegmentais e, dentro de cada diálogo específico analisado, que tipo de intencionalidade e sentido eles trazem aos diálogos.

5.3 Análise dos marcadores conversacionais em conversas no *WhatsApp*

Nesta seção, estão as descrições das análises de alguns diálogos do *corpus* deste trabalho. Quanto aos marcadores, serão observados nos diálogos os marcadores verbais, não-verbais e suprasegmentais, numa busca de se observar como eles funcionam dentro de uma situação conversacional real. Para a organização dos resultados, apresentamos a análise individual de cada diálogo, relacionando os achados com as teorias, culminando numa sistematização de tudo encontrado no *corpus*.

Desta forma, conseguimos alcançar nosso objetivo geral que é analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais, tais como início, manutenção e conclusão dos turnos de fala produzidos pelo(s) falante(s) e pelo(s) ouvintes(s), concordância e discordância, presentes em mensagens do aplicativo *WhatsApp*. Destacamos ainda que os nomes dos alunos foram apagados para a manutenção do sigilo, estando eles identificados pela própria fala localizada no discurso.

Figura 3 – Recorte do Diálogo 1




Fonte: elaborado pela autora (2021).

Aqui e nas análises seguintes, destacamos os principais usos dos marcadores verbais, não-verbais e suprasegmentais e articulamos com seus significados. Assim, no diálogo 1, o aluno faz a pergunta “Alguém já sabe o dia q vai começa às aulas gente?” e, um minuto depois, reforça a indagação com o uso isolado do sinal de pergunta (?). Esse uso demonstra a presença marcante de uma pausa na interação e, nesse caso, a pontuação atua como um marcador suprasegmental. Modesto (2011) considera o isolamento da interrogação uma estratégia para fluxo de conversa, pois alerta o interlocutor a um questionamento sem resposta imediata, procedimento que se observa também nessa interação. Neste sentido, podemos observar na situação analisada que este recurso corrobora com o proposto pelo autor, uma vez que o uso isolado, num contexto formal, não se justificaria, já que a interrogação foi usada na mensagem anterior.

Um outro marcador bastante recorrente nesse e em outros excertos são as abreviações, tais como: “q”, “vcs”, “tbm”, “pq”, “nd” e “agr”. É possível dizer que este marcador auxilia na agilidade da conversação dos sujeitos, primeiro por reduzir o tempo de escrita e, segundo, por já serem informações compartilhadas por todos. Essa informação é corroborada por Recuero (2009), ao afirmar que as abreviações servem para reduzir as palavras e agilizar a escrita. Tais formas linguísticas são consideradas marcadores verbais na escrita digitalizada, por se tratarem de recursos verbais de grande ocorrência, que situam o tópico da conversação.

Outro exemplo de marcador verbal no diálogo 1 é o uso de uma onomatopeia ao ironizar a afirmação de um aluno que digitou: “acho que não vamos ter férias em julho”. A resposta foi “Tu acha eu tenho é certeza” seguida de “Kkkkkkk”. O exemplo demonstra como esse tipo de marcador viabiliza a oralização da linguagem, com sua forma transcrita na modalidade escrita, ao representar o som de uma gargalhada com a repetição da letra k. É interessante, mesmo a risada sendo demonstrada pela repetição de uma única letra, o número de repetição

Há, na conversa, a presença de um marcador não verbal na forma de um *emoji* de boca aberta e olhos fechados () demonstrando uma reação negativa. Esse tipo de elemento paralinguístico representa, segundo Marcuschi (2003), com o que concordamos, o olhar, o riso, os meneios de cabeça e a gesticulação. Nesse caso, o aluno, ao interagir digitando “oi galera” seguido do *emoji*, já expressa o seu sentimento diante da conversa, que seria a discussão sobre a volta das aulas em tempo de pandemia. A expressão do *emoji*, de desespero e tristeza, é um fator fundamental na compreensão da interação, pois expressa o que o jovem está sentindo diante da incerteza em tempo de pandemia.

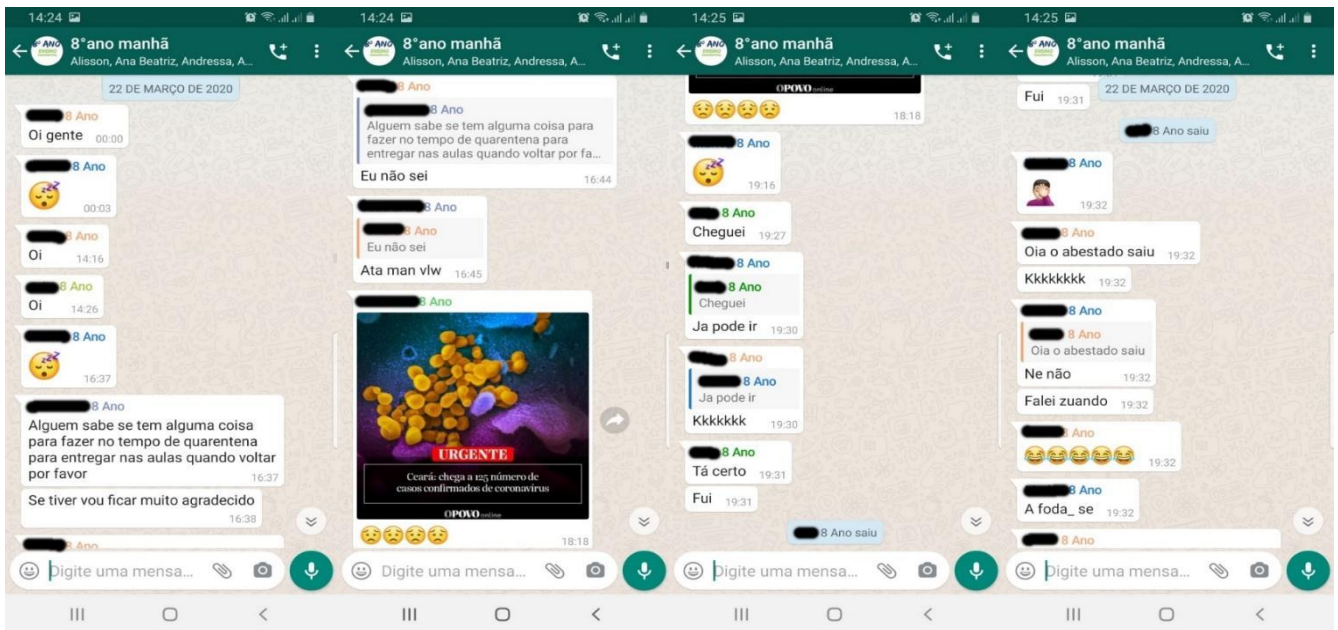
É interessante observar o uso frequente de um recurso próprio do aplicativo *WhatsApp*, quando os participantes da conversa citam um diálogo anterior para responder algo referente a essa informação que se perdeu em meio a outros assuntos que surgiram. Recuero (2014) chama esse fenômeno de indicadores de assunto, pois demarcam os assuntos ou tópicos que guiam a conversa, em meio a turnos não organizados, sequencialmente, citando a mensagem anterior. O mais curioso, no diálogo 1 (Figura 3), é que os alunos utilizaram esse recurso em turnos sequenciados, na primeira imagem, sem que houvesse realmente a necessidade de uso, já que as respostas foram digitadas imediatamente após as perguntas. Pode-se acreditar, assim, que se trata de um reforço para que fique claro de que tema se está comentando.

No geral, o diálogo 1 acontece com a participação de 4 interactantes que conversam no grupo da turma a partir de uma pergunta sobre o início das aulas. Diante disso, os demais buscam responder à indagação inicial e expõem suas opiniões. E, em meio ao assunto, o 4º participante a interagir na conversa utiliza o espaço para descontrair a seriedade da conversa ao afirmar que teria uma notícia boa e ruim: não ter férias em julho, pois algumas escolas anteciparam para abril. Nesse momento, surge mais uma dúvida entre os alunos, que continuam sem ter as respostas que buscam.

Por fim, é curioso observar que o diálogo se iniciou às 11h55min e, devido à atemporalidade do aplicativo, só findou às 19h54min. Isso demonstra que é possível manter uma interação em grupo seguindo a alternância de turnos mesmo que não seja simultaneamente. Esta constatação reforça a relevância dos marcadores conversacionais no contexto virtual, uma vez que os interactantes conseguem retomar o tópico conversacional ou algum outro elemento da conversa, apenas considerando este elemento enviado por último, sendo ele textual ou não.

No diálogo a seguir, conseguimos observar outros marcadores e outros elementos relevantes para a discussão da temática central deste trabalho.

Figura 4 – Recorte do Diálogo 2



Fonte: elaborado pela autora (2021).

O diálogo 2 é mais um exemplo de que, na conversação virtual, o conceito de unidade temporal é elástico, o que, segundo Frazão (2018), ocorre devido às ações estenderem-se por largos períodos de tempo. O primeiro participante do grupo cumprimenta os colegas à meia-noite, os demais continuam a responder até às 16h37min e a interação só se encerra às 19h47min. Sobre os temas que permeiam a conversa, destacam-se o tópico inicial com a indagação do aluno sobre os afazeres durante a quarentena, ao dizer: “Alguem sabe se tem alguma coisa pra fazer no tempo de quarentena [...]”. Em seguida, o compartilhamento de informações sobre os casos de coronavírus e, por último, uma brincadeira com a chegada de um participante [“Cheguei”; “Ja pode ir”; “Tá certo” “Fui”] que ocasiona na saída dele do grupo.

Os marcadores conversacionais não verbais foram utilizados por diferentes razões no diálogo. Pode-se observar, inicialmente, o recorrente uso de um *emoji* dormindo (😴) aplicado por um único aluno. Primeiro, o marcador pode representar literalmente o sono, por conta do horário avançado. Já na segunda inserção do *emoji*, realizada no período da tarde, pode representar um cansaço ou até descaço com a conversa. Por último, notam-se outras interações após a notícia de que o número de casos de COVID-19 aumentou no Ceará, o que pode expressar tédio ou desinteresse.

Outros *emojis* também aparecem na interação. O *emoji* com uma expressão facial triste (😞) veio acompanhado da notícia sobre o coronavírus, deixando claro o sentimento do participante diante da situação. Um outro vale-se da utilização de um outro elemento imagético semelhante, que simula uma pessoa com a mão no rosto (🤔), que retrata sentimento de vergonha, impaciência e desapontamento pelo fato de um outro participante ter saído do grupo. Além desses, há um *emoji* que representa um rosto chorando e sorrindo ao mesmo tempo, o que significa que está chorando de tanto rir do que está sendo conversado, no caso a saída de um membro do grupo de conversa.

A presença dos *emojis*, contatamos, visa reportar à conversa on-line sensações semelhantes às da conversa face a face, trazendo reações que se demonstrariam por meio das expressões corporais ou faciais (exemplos: 🤔😞😞😞😞😞😞🏃🏃🏃). Diante da ausência dessa função, os marcadores não verbais são utilizados, segundo Frazão (2018), em substituição aos gestos e emoções. Recuero (2014) também comenta que a conversação em rede na mediação digital tem como característica a presença de multimodalidade e migração entre várias plataformas, fenômeno que se pode constatar quando o participante compartilha a imagem retirada de outra rede social com a notícia urgente sobre a pandemia no estado, a seguir:

Figura 5 – Publicação sobre a COVID-19 divulgada no Instagram do Jornal O Povo no dia 22 de março de 2020



Fonte: Instagram do Jornal O Povo no dia 22 de março de 2020

Estão presentes no diálogo 2 alguns casos de marcadores verbais que evidenciam características próprias do público pertencente ao grupo de conversas. São exemplos as

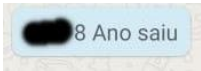
expressões: “Ata man vlw”, “Oia o abestado saiu”, “Ne não”, “Falei zoando” e “A foda_se”. Esses recursos, segundo Marcuschi (2003), são palavras ou expressões estereotipadas e de grande ocorrência nas interações e servem para situar o tópico no contexto geral, particular ou pessoal da conversação.

Expressões não lexicalizadas como “ata”, “oia”, “né” e “a”, extraídas do excerto, na maioria das vezes, são usadas para verificar se há um entendimento entre os agentes conversacionais ou para tornar a interlocução mais participativa, induzindo quem ouve a envolver-se mais na conversa. Palavras como “man” e “abestado”, extraídas do excerto textualizado no parágrafo anterior, retratam uma linguagem coloquial com resquícios explícitos de regionalismos, próprios do Nordeste, especificamente do Ceará. Esses marcadores conversacionais são típicos da língua falada e surgem nos textos virtuais escritos como organizadores das construções textuais e mantenedores da interação discursiva.

Nos exemplos “vlw”, “Falei zoando” e “A foda_se”, já citados, pode-se concluir que se trata de uma interação entre adolescentes que não se preocupam com a formalidade no texto e recorre a usos de gírias e palavrões para se comunicarem. No entanto, essa despreocupação com a linguagem é causada por uma brincadeira que iniciou com a fala de um aluno ao digitar “cheguei”. Após o comentário, outro participante afirma que ele “Ja pode ir”, provocando risadas de um terceiro interagente. Isso ocasiona a saída de um estudante do grupo e, em seguida, aparecem alguns comentários ofensivos de alunos que se divertem com a situação e, ao mesmo tempo, demonstram indiferença à ausência do amigo.

Segundo Recuero (2014), na conversação digital, há rituais de abertura e fechamento, tais como “Oi”, “Tudo bem?”, “Boa tarde/noite”, “tchau”, “fui”. Esses rituais não têm como função somente iniciar e terminar a conversa, mas sim, marcar presença dos sujeitos na interação. Isso ocorre no diálogo analisado com os cumprimentos “Oi” e “Oi gente” para abrir a interação e marcar a presença dos participantes e também, apesar de não acontecer uma finalização bem demarcada da conversa, no momento em que um integrante do grupo resolve sair, sinalizando uma ausência na troca interacional.

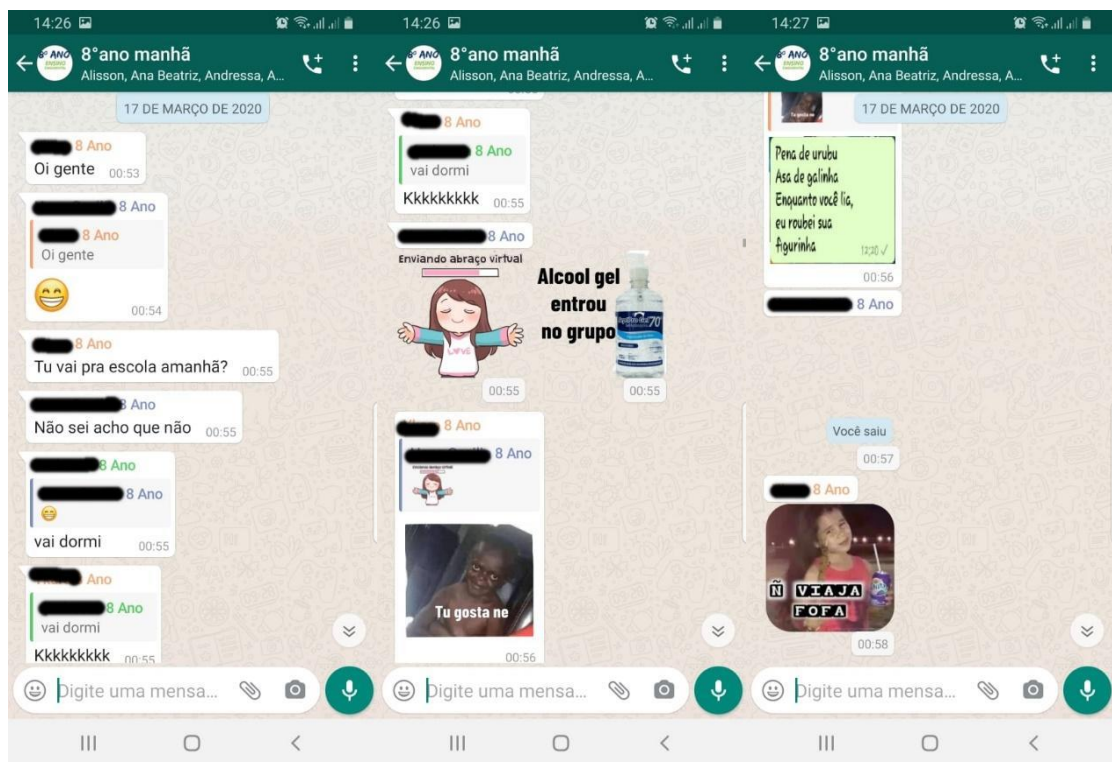
O aplicativo *WhatsApp* se encarrega, no exemplo citado, de marcar esse ritual de ação ao descrever e anunciar que o integrante da turma saiu da conversa, finalizando ali a

interação. Ao apresentar a seguinte mensagem , todos os participantes do grupo são comunicados que, a partir daquele momento, o interactante que saiu deixará de receber e enviar mensagem para os demais.

Esse recurso de anúncio da saída de um participante em um grupo de conversa virtual é considerado também um exemplo de marcador suprasegmental, ao simbolizar uma ausência na conversação. Na conversa face a face talvez fosse sinalizada com um momento de dar os ombros ou virar as costas e, nesse cenário digital, esse marcador exerce essa função.

No diálogo a seguir conseguimos apresentar um pouco mais dos marcadores conversacionais externos ao aplicativo, como as figurinhas. Na análise, é possível mostrar que, além dos *emojis*, parte integrada ao *WhatsApp*, os alunos se utilizam de imagens externas para expressar suas emoções e sensações.

Figura 6 – Recorte do Diálogo 3



Fonte: elaborado pela autora.

Nesta conversa, inicialmente, pode-se observar a utilização de alguns marcadores bem recorrentes nas interações analisadas, como os *emojis* e a onomatopeia “Kkkkkkkkk”. O marcador não verbal *emoji*, neste caso, serve para responder a um cumprimento “Oi gente” sem necessidade de se recorrer a palavras, demonstrando felicidade e animação na interação. O marcador verbal que simula o som da gargalhada com a aplicação da letra K foi inserido em resposta à ordem de um participante que manda o outro dormir, devido ao horário em que ocorre a conversa, por volta de 1 hora da manhã.

O diálogo 3 tem como característica principal a presença das figurinhas ou *stickers*. A aplicação em turnos sequenciados entre dois participantes do grupo, de uma maneira descontraída, faz com que as imagens conversem entre si. São elas:

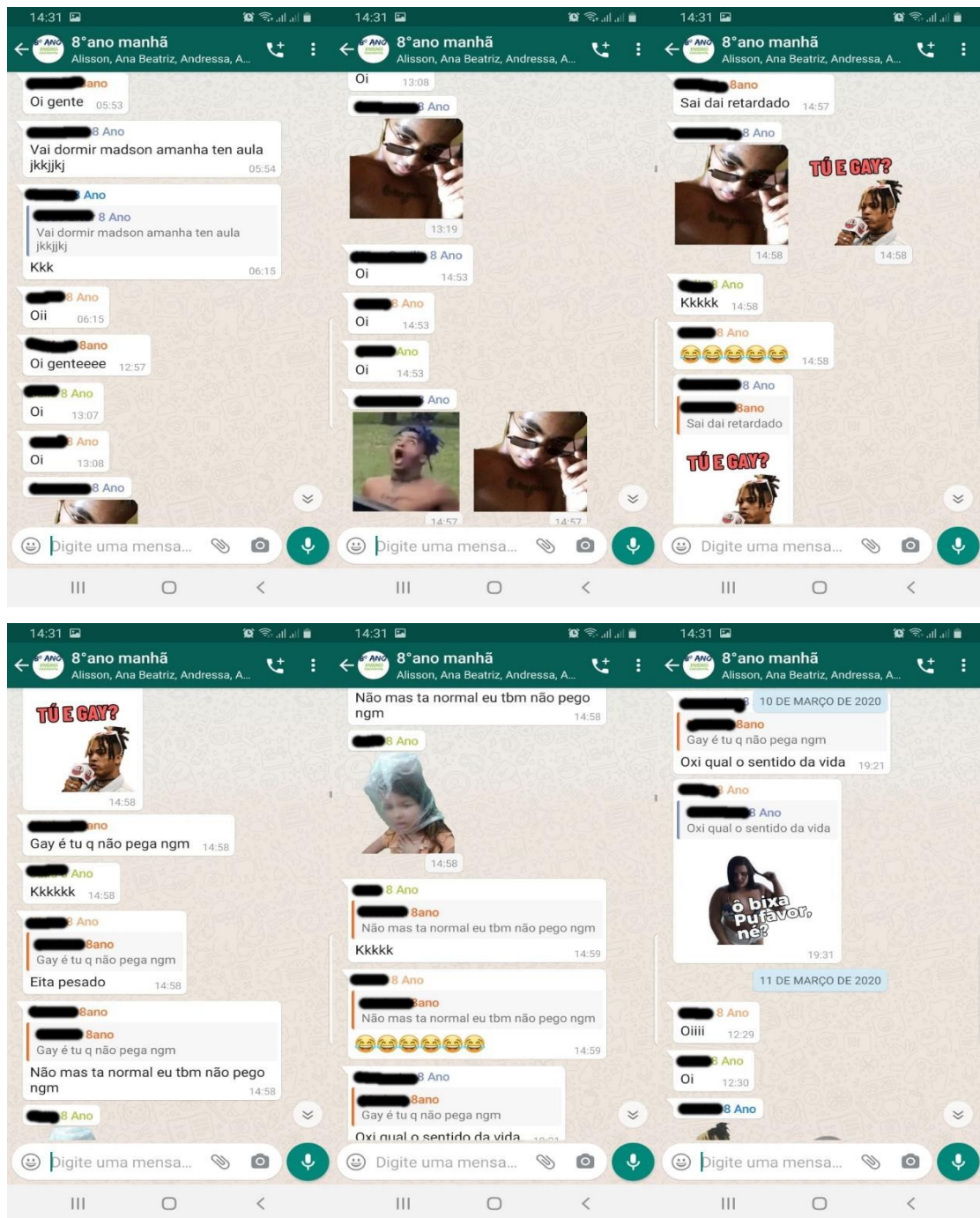


O estudante responsável por iniciar a conversa representada nesse recorte envia duas figuras pertinentes ao momento pandêmico, transmitindo um abraço virtual e alertando a chegada do álcool em gel no grupo. Como resposta, a próxima figura vem acompanhada de um enunciado “Tu gosta ne” e, em seguida, o *sticker* (mostrado acima) brinca com a situação de troca de figuras com o dizer: “Pena de urubu Asa de galinha Enquanto você lia, eu roubei sua figurinha”.

Sobre a troca de figurinhas, os dados colhidos no questionário respondido pelos participantes revelaram que colecionar figuras é uma das atividades preferidas dos jovens. Tendo em vista que o próprio aplicativo possibilita armazenar os *stickers*. Além disso, destaca-se a função de entretenimento dessas imagens que são usadas, na maioria dos casos, para diversão entre os participantes do grupo.

No fim do diálogo, um aluno inclui uma figura que simula uma notificação do *WhatsApp* que alerta sobre a saída do grupo e, em resposta, sabendo que se tratava de uma brincadeira, outro aluno inclui uma figurinha de uma pessoa desconhecida dizendo “Ñ viaja fofa”, para deixar claro que não acreditou nesta saída. Este foi o único enunciado da conversa que fez uso de um marcador verbal “Ñ”, característico da linguagem da internet, por mesclar uma abreviação com uma acentuação.

Figura 7 – Recorte do Diálogo 4



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Neste trecho da conversa dos alunos, é possível notar uma variação da forma de representar a gargalhada. A inclusão da onomatopeia como marcador verbal que simula a risada, desta vez, aparece de formas distintas (jkkjkjk, Kkk, Kkkkk, Kkkkkk). Percebe-se, assim, que a repetição da letra K reforça a intensidade da ação e que quanto mais se prolonga, mais

engraçado o enunciado parece ser. Isso ocorre também com a repetição do *emoji* “chorando de rir” (😂) para ampliar a demonstração de humor na interação.

Santos (2018) classifica o recurso de repetição ou alongamento de vogais como marcador suprasegmental. Dessa forma, nota-se aqui uma fusão entre os marcadores, quando o participante usa um marcador verbal repetidamente para denotar o tom de fala desejado. Nas falas “Oi genteeee”, “Oiiii” e “Oii” também se recorre à utilização dos marcadores suprasegmentais para enfatizar uma empolgação. A maioria dos alunos (sete dos dez que participam da interação) digita os cumprimentos citados não somente para saudar os demais colegas, como nas interações expressas nas imagens um e dois das quais a conversa é composta apenas por “oi’s”, mas principalmente para indicar a sua presença *on-line*.

Esse ritual de abertura, segundo Recuero (2014), não é utilizado como uma cortesia ao cumprimentar o grupo, pois na conversação digital faz-se necessário sinalizar a presença para mostrar que alguém está incluído no diálogo, tendo em vista que, diferente da conversa falada, não se pode ver quando uma pessoa chega ou sai de um ambiente. Esse tipo de recurso é interessante também para garantir uma conexão com o interlocutor. Em geral, é possível observar que as mensagens de abertura são direcionadas ao grupo como um todo, mas, na medida em que as pessoas “disponíveis” vão surgindo, a interação passa a ser mais objetiva e direcionada.

Estão presentes, na interação analisada, outros exemplos de marcadores verbais, como as abreviações (q, ngm e tbm) e os regionalismos (oxi e eita). As abreviações, mais uma vez, evidenciam a busca pela agilidade e rapidez na troca de informações por meio da conversa virtual, prezando pela “economia” na digitação, ao levar menos tempo para escrever. Já os regionalismos são resquícios dos fatores sociais dos alunos, tendo em vista que se trata de um público que habita em Fortaleza, e deixam escapar com naturalidade as marcas de oralidade da sua região.

Quanto aos marcadores não verbais presentes no diálogo, além do *emoji* com expressão de “chorar de rir”, estão presentes variadas figurinhas, como:



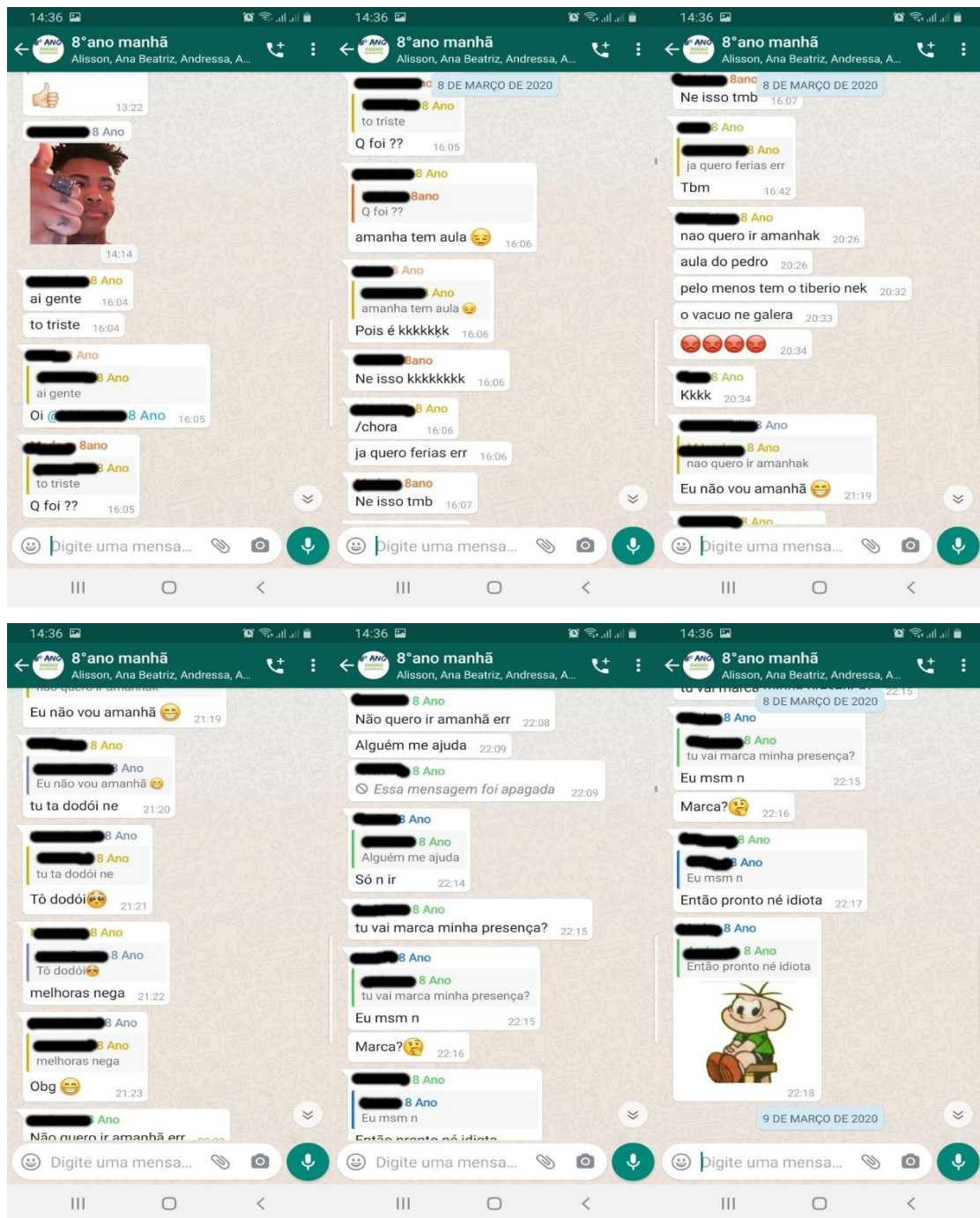
A aplicação delas na conversa pode se explicar pela necessidade de entretenimento e “quebra de gelo” na interação. No entanto, os *sticker* usados tiveram um apelo à questão da sexualidade, representando a face de um homem homossexual. Uma delas, inclusive, vem acompanhada de um enunciado com a seguinte indagação: “Tú e gay?”. Essa inclusão das imagens, junto à provocação, gera ofensas e chacota entre os participantes, como nos exemplos: “Sai dai retardado” e “Gay é tu q não pega ngm”. Enquanto alguns riem da situação, outro acha a discussão inflamada e diz “Eita pesado”, achando que a troca de farpas está se excedendo.

Neste exemplo, assim como outros menos expressivos apresentados anteriormente, temos um caso claro de impolidez, conforme Recuero (2014), entendendo-a aqui como o oposto de polidez. Enquanto esta segunda se configura como uma busca por atenuar ameaças potenciais à face ou a quebra de interação “polida”, sem rompimento ou traumas, a segunda é composta pela utilização de estratégias de ameaça à face intencionalmente gratuitas e polêmicas (RECUERO, 2014). Neste sentido, quando temos uma agressão verbal como estratégia discursiva, automaticamente criamos uma situação de impolidez.

Em meio a esse debate sobre sexualidade realizada em forma de brincadeira, surge uma figurinha que retrata uma criança com uma sacola na cabeça, simbolizando uma tentativa de suicídio em meio àquele diálogo, mais especificamente, quando um aluno diz que não “pega” ninguém. Pode ser interpretado, dessa forma, como uma expressão de não suportar aquele assunto ou, até, recriminando o outro colega por não ter a quem “pegar”. A interação se prolonga ainda quando alguém digita “Oxi qual o sentido da vida”, em resposta ao participante que diz não “pegar” ninguém”, reforçando que não tem razão de estar vivo alguém que está desacompanhado. Por fim, um último *sticker* é aplicado com a imagem da travesti Layane, de Fortaleza, que encerra a discussão com a fala “ô bixa Pufavor, né?”.

No último diálogo selecionado para este momento, observamos uma comunhão dos elementos já apresentados até aqui, observando como eles todos interagem entre si.



Figura 8 – Recorte do Diálogo 5






Fonte: elaborado pela autora (2021).

A interação começa com uma quebra de expectativa, gerada pelo uso dos *emojis* e da figurinha, que, mesmo sendo realizada a partir da escrita virtual, consegue ser compreendida pelos participantes. O enunciado “ai gente/to triste” gera especulações e, talvez por acharem que seria por um motivo grave, é motivo de risos ao saber que a razão da tristeza é o fato de ter aula no dia seguinte.

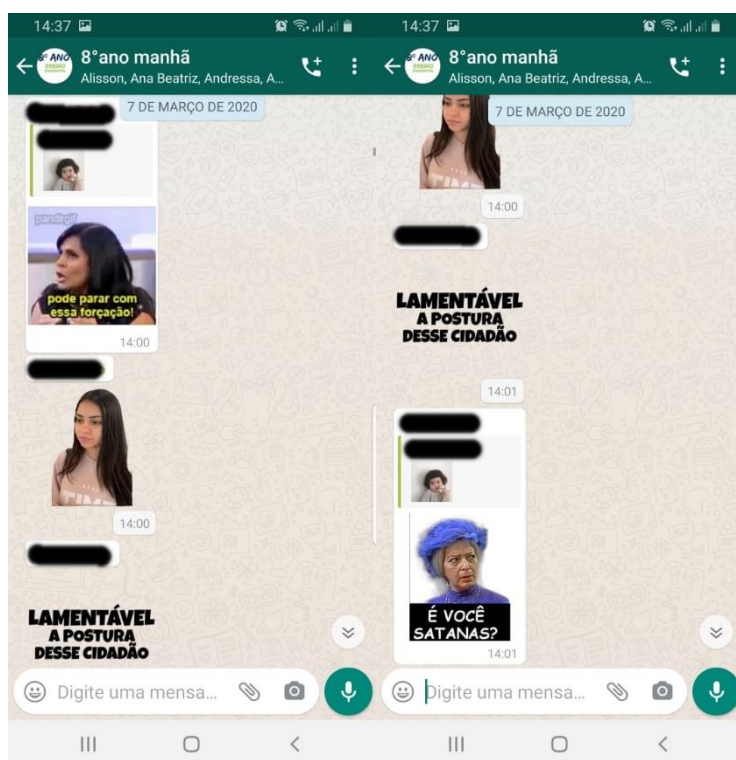
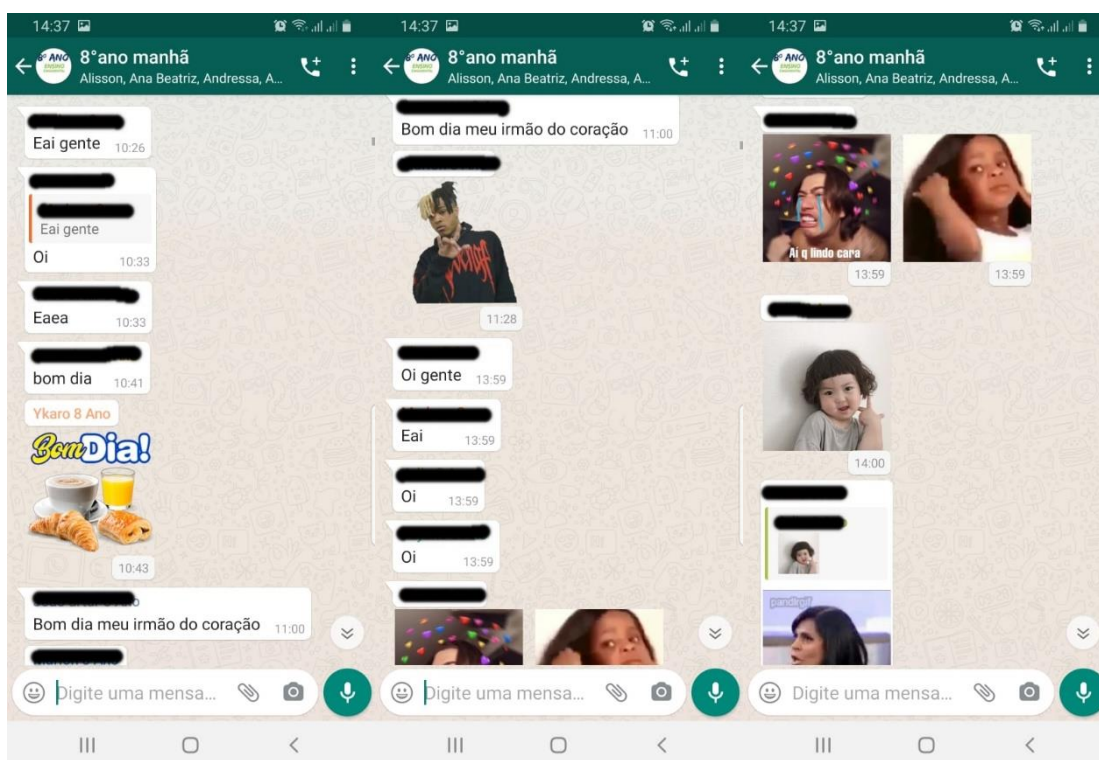
É importante notar que, ao se preocupar com a tristeza de um colega, aluno D escreve “Q foi ???”, com duas interrogações. Esse uso se caracteriza como marcador suprasegmental ao representar a ênfase na entonação da pergunta, para emitir tamanha aflição com o ocorrido, o que se comprova pela mensagem expressa a seguir pela mesma aluna “/chora”, enfatizando essa tristeza e aflição. Outro recurso suprasegmental, típico do aplicativo *WhatsApp*, foi utilizado na conversa quando um participante apagou uma mensagem. Na conversa falada, segundo Modesto (2011), esse recurso serviria como estratégia para fluxo de conversa, sinalizando uma correção, uma pausa necessária. No discurso eletrônico, o próprio aplicativo alerta o grupo de que aquela escrita foi corrigida, no caso apagada, dando sequência às trocas comunicativas.

Os marcadores conversacionais não verbais, mais especificamente os *emojis*, foram inseridos na conversa basicamente com o mesmo intuito: retratar emoções e reforçar uma afirmação, como expresso nos exemplos a seguir. A afirmação “amanha tem aula” vem acompanhada de um *emoji* cabisbaixo () para evidenciar o sentimento de tristeza do aluno em ter que ir à escola. Em contrapartida, no enunciado “eu nao vou amanhã” seguido de um *emoji* de sorriso largo (), a opinião do aluno fica clara, por representar a felicidade de não ir à aula.

No motivo da ausência na escola, mencionado na fala “tô dodoi” do aluno C, também há o uso de um *emoji* com lágrimas nos olhos () que dá sentido às emoções do interagente. O mesmo estudante agradece a um desejo de melhoras com “Obg” acompanhado de um *emoji* sorrindo (). Por último, outra inserção de *emoji* mostra o que um participante sentiu ao ser questionado sobre marcar a presença de outro colega, digitando “Marca?” ao lado de um *emoji* com a mão no queixo (), pensativo e desconfiado.

Todas essas aplicações de *emojis* se apresentam ao lado de um enunciado verbal, como meio de representar o sentimento por detrás das telas dos *smartphones* e, principalmente, para simular expressões faciais que não podem ser vistas pessoalmente. O uso desses recursos gráficos, de acordo com Oliveira (2005), com que concordamos, auxilia no controle de ambiguidades e facilitam um melhor desempenho da conversa, pois simbolizam emoções e gestos, garantindo entendimento na conversa virtual e suprimindo a ausência corporal com meios de significação visual.

Figura 9 – Recorte do Diálogo 6



Fonte: elaborado pela autora (2021).

O início do diálogo é marcado pelo uso de rituais de abertura e marcadores verbais, como “bom dia”, “Eai gente”, “Oi”, “Eaea”, etc, que sinalizam a presença on-line dos

participantes no grupo. O que chama atenção é que, após a aplicação de uma figurinha, a interação ganha um outro formato e passa a privilegiar os marcadores não verbais, com um uso quase que exclusivo de *stickers* que dialogam entre si.

A primeira imagem faz parte da saudação e cumprimenta os colegas com um “Bom Dia!” acompanhado de um belo café da manhã. Já as outras figuras têm um objetivo de representação corporal, facial e gestual mais explícito. A maioria são pessoas realizando ações, fazendo símbolos com as mãos, pegando no cabelo, chorando ou falando. Algumas são retiradas de memes e de personalidades já conhecidas e vêm acompanhadas de enunciados verbais.

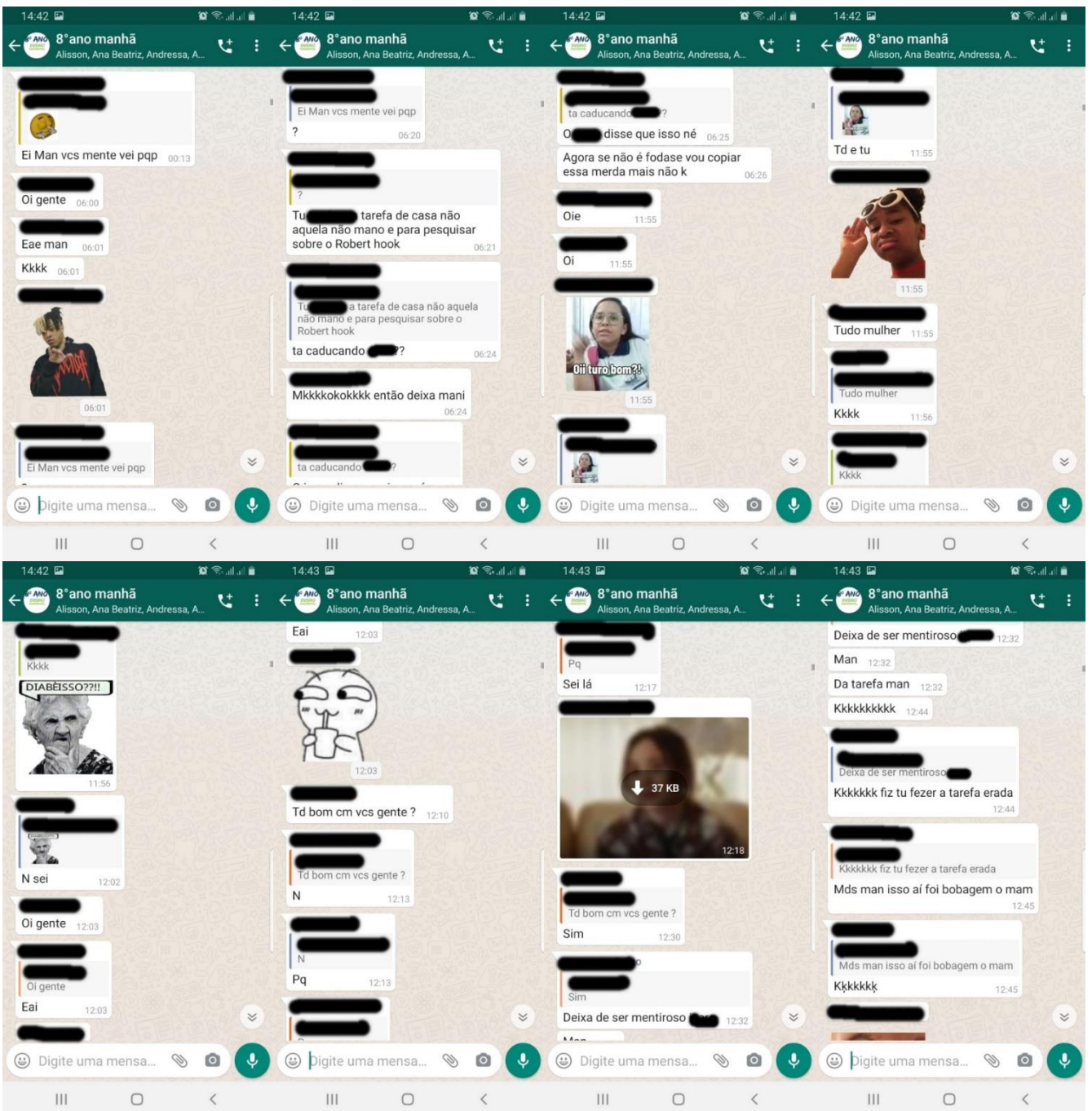
A comunicação passa a ser realizada, basicamente, por meio de troca de figurinhas que se relacionam umas com as outras, trazendo um tom humorístico à conversa. Os alunos pesquisados, inclusive, revelaram no questionário aplicado que faz parte do propósito comunicativo deles o uso de figurinhas com o intuito de descontração e humor.

Nota-se essa busca pela diversão após a fala de um aluno que cumprimenta outro colega da seguinte forma: “Bom dia meu irmão do coração”. Logo em seguida, outro participante do grupo envia uma figurinha com o rosto do comediante Whindersson Nunes chorando e dizendo “Ai q lindo cara”. Surgem então outras figuras que dão sequência à brincadeira e, dentre elas, uma imagem da cantora Gretchen, conhecida pelos seus memes de sucesso, que diz “pode parar com essa forçação!”. Em resposta, um estudante aplica o sticker com a frase “Lamentável a postura desse cidadão” e, por fim, uma imagem da personagem Bruxa do 72 da série “Chaves” que se remete a uma figurinha usada com a seguinte frase: “É você sataná?”.

Toda essa interação por meio de recursos visuais é possível, de acordo com Marcuschi (2005), pelo fato de a internet possibilitar uma diversidade na escrita e uma absorção de semioses. Por isso, em substituição aos gestos e expressões, os interactantes recorrem às figurinhas e a outros meios paralinguísticos, demonstrando a plasticidade da linguagem virtual.

Este diálogo, apesar de não conter exemplos de marcadores suprasegmentais na digitação dos alunos, explicita que as imagens, com suas expressões faciais e, quando acompanhadas de enunciados verbais, podem sugerir uma entonação da fala. Por exemplo, quando o Whindersson Nunes está chorando, sabemos que a frase tem um tom mais sentimental. Ou quando a Bruxa do 71, conhecida pela rispidez da personagem, sugere uma frase dita com maior desdém ou deboche.

Figura 10 – Recorte do Diálogo 7




Fonte: elaborado pela autora (2021).

É característico da fase da adolescência o uso frequente de gírias na comunicação. Nas conversas virtuais analisadas não são diferentes; é notória a presença de uma linguagem informal e despreocupada, tendo em vista o perfil do grupo de uma turma de 8º ano do ensino fundamental: anos finais. Também é usual, na interação digital entre jovens os palavrões e

regionalismos, típicos da oralidade, que, somados às abreviações, tornam-se recorrentes e usuais.

Como exemplos de marcadores verbais, pode-se visualizar nos diálogos uma gama de ocorrências, tais como as gírias (“vei”, “mano”), os regionalismos (“man”, “caducando”, “mulher”, “diabéisso”), as abreviações (“vcs”, “td”, “n”, “cm”, “pq”, “mds”), os palavrões (“ppp”, “fodase”, “merda”), as marcas de oralidade (“Eae/Eai”, “né”) e onomatopeias (“Kkkk”). A utilização desses recursos linguísticos na interação eletrônica visa uma conversação virtual ainda mais semelhante a uma presencial, possibilitando uma oralização da linguagem na modalidade escrita.

O sinal de interrogação na conversa virtual deixa de ser apenas um acompanhamento para o enunciado interrogativo e passa a ser repleto de sentido quando usado isoladamente. Na análise do diálogo em questão pode-se observar dois usos dessa pontuação. No primeiro caso, a interrogação foi utilizada como um indicador de persistência que, segundo Recuero (2014), permite reconhecer o espaço temporal entre suas trocas de mensagens, ao se recuperar uma fala antiga. Um aluno inicia a interação com a seguinte constatação: “Ei Man vcs mente vei pqp”. E, os demais, em ritual de abertura, cumprimentam os colegas sem fazer referência a essa fala anterior. No entanto, em determinado momento, um estudante responde a essa afirmação inicial com apenas um sinal de interrogação, trazendo o assunto de volta.

Um outro caso de uso da pontuação marca a tonalidade do questionamento que se faz no diálogo. Isso ocorre quando um participante quer rebater uma informação que julga estar errada, fazendo a seguinte pergunta: “ta caducando ??”⁵ Neste exemplo, a interrogação é inserida como um marcador suprasegmental que demarca a entonação de fala, transparecendo uma afronta e reforçando a indagação feita em contraponto ao que foi dito.

É importante destacar que a inserção dos marcadores não verbais nessa conversa é realizada de forma alternada com a linguagem verbal, buscando construir uma relação de sentido com o tema debatido em grupo. As figurinhas ganham destaque na interação virtual, como afirma Santos (2018), ao expressar a corporalidade dos interlocutores. Pode-se observar, por exemplo, *stickers* aplicados em substituição ao ritual de abertura, com imagens de pessoas gesticulando ou falando (“Oii turo bom?!”). Há também recortes de expressões faciais que interagem com as falas dos participantes, como o exemplo de uma garota com olhar de deboche ou nojo ao responder um colega, ou a figura de uma senhora que repreende a risada de um aluno ao esboçar a fala “Diabéisso??!!”. Outros demonstram estar lendo as mensagens dos outros

⁵ Quando os alunos mencionam seus próprios nomes ou nomes de colegas, essa tarja preta será usada como forma de preservar suas identidades.

membros da turma e não querer interferir em alguma discussão, como no caso do desenho que assiste à conversa tomando uma bebida e na imagem de um boneco que olha atentamente para a tela.

Em um grupo com mais de 20 pessoas é comum várias conversas dispersas se desenvolverem paralelamente. Isso acaba promovendo diversas quebras de turnos em um só diálogo. No caso analisado, pode-se ver, por exemplo, na chegada de cada membro do grupo na interação, ocasionando quebras na organização da conversa. Para Recuero (2014), esse fenômeno é próprio da conversação em rede, pois a alternância de turnos não segue um padrão e varia entre tópicos distintos durante uma conversação, principalmente quando há a presença de muitos interlocutores ao mesmo tempo em um ambiente virtual.

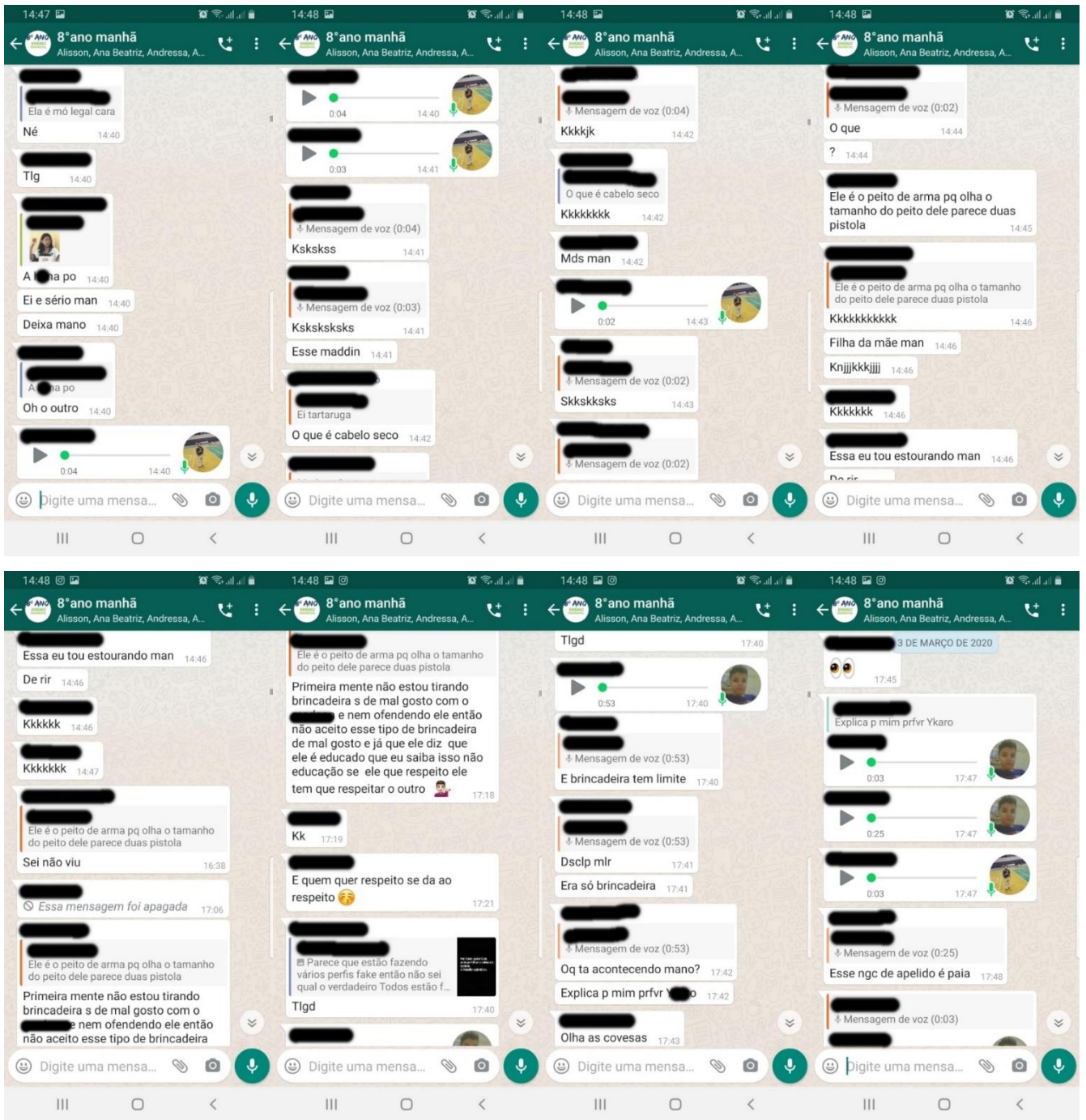
Dessa forma, nos diálogos analisados, nem sempre se tem uma sequência de turnos bem relacionados. A organização depende do aplicativo utilizado e suas funções, no caso do *WhatsApp*, é possível por meio do recurso de resposta citar um trecho específico da conversa para amenizar a desorganização na comunicação, como apresentado no diálogo 7. Por meio dessa ferramenta, de acordo com Recuero (2014), uma pergunta pode ser respondida em outro turno subsequente e isso pode causar confusão na identificação dos pares conversacionais, o que não acontece quando os interactantes 3, 4 e 6 “respondem” a mensagem “Ei Man vcs mente vei pqp” enviada pelo sujeito 1.

Figura 11 – Recorte do Diálogo 8



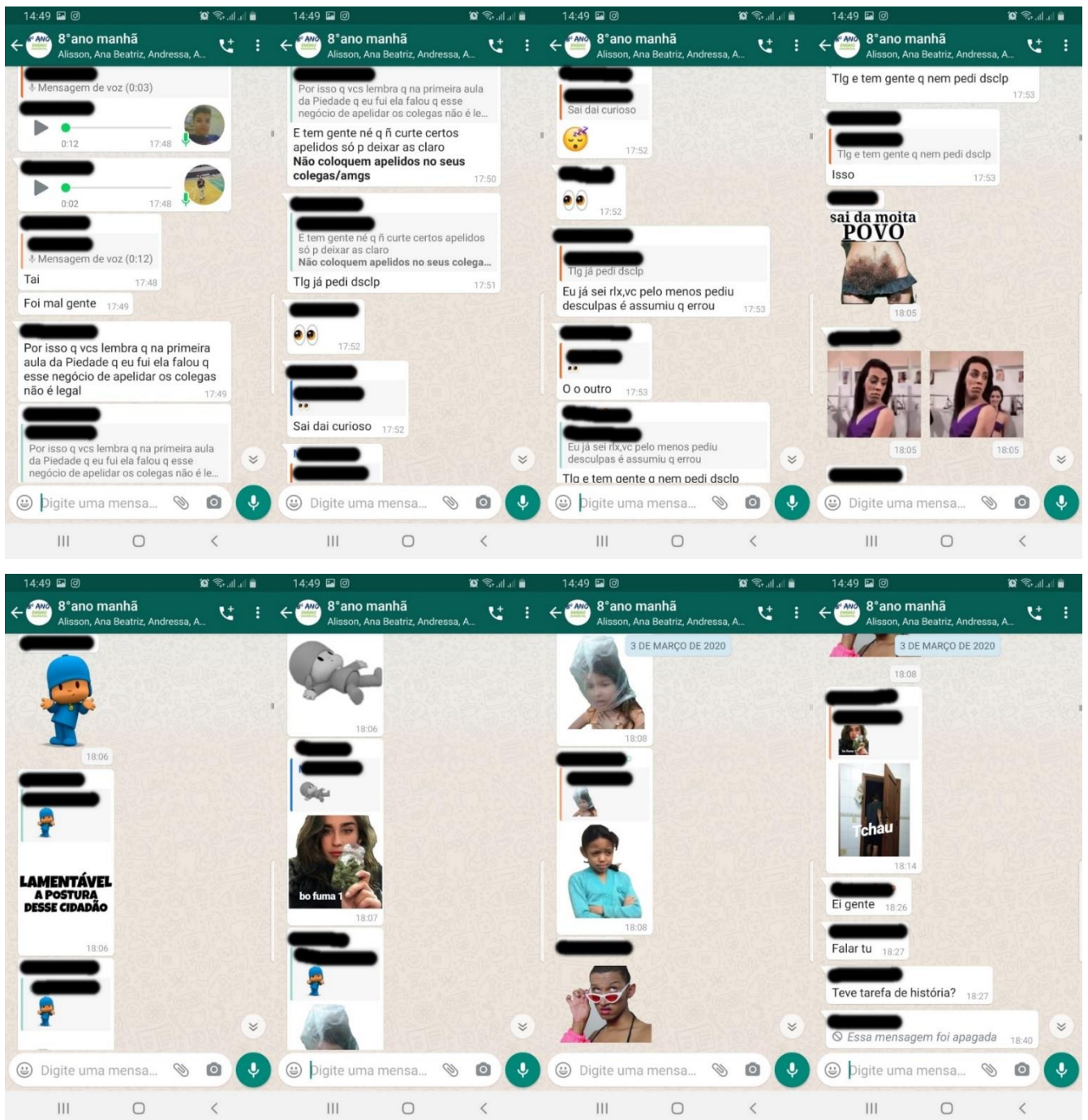
Fonte: elaborado pela autora (2021).

Figura 11 – Recorte do Diálogo 8 (cont.)



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Figura 11 – Recorte do Diálogo 8 (cont.)



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Inicialmente, a interação revela marcas da realidade vivida pelos jovens participantes do grupo, tendo em vista que o tópico inicial da conversa se trata de uma troca de ideias sobre chacinas que ocorrem nas proximidades do local onde um aluno reside. Para retratar essa matança, um interactante expõe os seguintes enunciados: “Que porra é essa tá

rolando uma chacina aqui Man”, “Os cara tudo treta do mano” e “Disgraca os cara tudo se matando man”.

O curioso dessa exposição de fatos violentos no diálogo é pelo fato de todas as afirmações virem acompanhadas do marcador verbal que representa a gargalhada, com repetições da letra k (Kkkkkkk), esboçando uma naturalidade com o tema. Além disso, a reação dos demais integrantes da turma também não expressa surpresa, mas ignoram o fato e seguem conversando sobre outros assuntos.

Outra particularidade desta conversa é a frequente presença de apelidos, ofensas e xingamentos. O primeiro ritual de abertura se inicia com a frase “Ei tartaruga”, referindo-se a um estudante. Os demais alunos brincam com o apelido e tentam adivinhar a quem se refere esse nome. Em resposta a esse insulto, outro participante responde afrontando: “O que é cabelo seco”. Na sequência, um aluno também diz o que pensa de outro colega no trecho: “Ele é o peito de arma pq olha o tamanho do peito dele parece duas pistolas”. Por fim, em resposta a uma intervenção em meio a conversa, alguém digita “Sai dai curioso”.

Todas essas denominações geram efeitos no diálogo. Uns acham engraçado e expressam isso por meio das onomatopeias que representam risadas (Kkkkkkkkk e ksksk) e expressões como “Essa eu tou estourando man/ De rir”. Outros se incomodam e reprimem a atitude, como nos enunciados “Ei Man deixa ele Man” e “Deixa mano”. Alguns, inclusive, ficam abismados e dizem, por exemplo, “Mds man”, “Sei nao viu”, “Oq ta acontecendo mano?” e “Esse ngc de apelido é paia”.

A brincadeira de apelidar e ofender chega a tal ponto que um participante se posiciona com mais veemência e apresenta suas opiniões com seriedade, como no caso dos trechos: “Primeira mente não estou tirando brincadeira s de mal gosto com o **madson** e nem ofendendo ele então não aceito esse tipo de brincadeira de mal gosto e já que ele diz que ele é educado que eu saiba isso não educação se ele que respeito ele tem que respeitar o outro”; “E quem quer respeito se da ao respeito” e “E brincadeira tem limite”.

Outro participante também se posiciona e lembra de orientações de uma professora sobre esse tipo de comportamento, ao citar “Por isso q vcs lembra q na primeira aula da **Piedade** q eu fui ela falou q esse negócio de apelidar os colegas não é legal”. Ao final, toda essa discussão gera uma conscientização e até pedidos de desculpas.

Durante toda a interação são usados uma variedade de marcadores verbais que retratam a oralidade dos alunos, principalmente com a inserção de traços evidentes de uma linguagem informal, como exemplo “ei”, “tá”, “né”, “oh”, “tou”, “viu” e “tai”. Esse fenômeno da oralização, segundo Recuero (2009), ocorre quando se escreve as palavras de acordo com

sua sonoridade, sem obrigatoriedade em seguir a língua-padrão, buscando a maior fidelidade ao som da expressão,

Além disso, os participantes recorrem a regionalismos e gírias, típicos de sua faixa etária, como “man”, “cara”, “treta”, “mano”, “mó legal cara”, “po”, “paia” e “foi mal”. Destaca-se também a utilização de palavrões e xingamentos, como “porra”, “merda” e “filho da mae”, que reforçam a ausência de preocupação com a linguagem numa troca comunicativa entre amigos. Nesse sentido, esse conforto encontrado na conversação virtual se aproxima (ou mesmo reproduz) a sensação de pertencimento que os alunos têm em relação ao grupo em que estão inseridos.

O tipo de marcador verbal mais presente nos diálogos é a abreviação. Exemplo disso são: “Tlg/Tlgd”, “Dscpl mlr”, “prfvr”, “ngc”, “rlx”, “N” e “Mds”. Segundo Marcuschi (2005), as abreviações e truncamentos das palavras são estratégias virtuais de textualização da oralidade. Essa redução dos termos analisados revela uma preferência pela ocultação das vogais no fenômeno de abreviação. Servindo, desta forma, para agilizar o processo de escrita on-line.

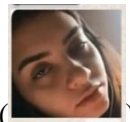
Em dado momento da interação, em meio às brincadeiras de apelidar os colegas, foram enviados alguns áudios que, por mais que não tenhamos analisado, devido ao foco da pesquisa ser a linguagem escrita e a visual, demonstram ser uma continuação dessa atitude de chacota entre os participantes. Ao responder a um destes áudios, um aluno escreveu “O que” e, em seguida, acrescentou uma interrogação isolada (?). Podemos inferir, nesse caso, duas possibilidades: a de que o interagente está corrigindo o enunciado anterior, por não ter inserido a pontuação, ou está usando a interrogação como um reforço à indagação feita anteriormente. Ou seja, o uso desta pontuação de maneira isolada no discurso pode ser considerada um marcador suprasegmental ou não, de acordo com a interpretação do diálogo analisado.

Um caso mais explícito de utilização de marcador suprasegmental pode ser visto na seguinte fala: “E tem gente né q ã curte certos apelidos só p deixar as claro **Não coloquem apelidos no seus colegas/amgs**”. O uso de negrito nesse determinado trecho garante na comunicação uma entonação enfática, realçando a parte mais importante e que deve chamar mais atenção, assim como ocorre também com o uso de letras maiúsculas em diálogos virtuais.

Modesto (2011) afirma que os marcadores são representados na escrita digitalizada por meio de elementos gráficos, devido à ausência da voz e das expressões corporais, típicas da conversa face a face. Os marcadores suprasegmentais, segundo o autor, atuam como estratégia de fluxo da conversa e, no caso do realce com negrito ou maiúsculas, especificamente, chamam a atenção do interlocutor devido à tentativa de remeter a entonações diferentes através dos recursos gráficos da escrita.

É necessário afirmar que, atualmente, os aplicativos de conversas virtuais já possibilitam o compartilhamento de mensagens de sons. Na análise, inclusive, constatamos a presença de áudios trocados entre os alunos, utilizados, na maioria das vezes, para ampliar uma fala escrita como forma de explicar algo que não ficou tão claro na digitação. Isso ocorre, por exemplo, em meio à divergência de ideias sobre a ação de apelidar as pessoas. Apesar da inclusão deste recurso, é importante ressaltar nosso objetivo principal de analisar recursos escritos e visuais na linguagem virtual, por isso excluímos os elementos sonoros do nosso estudo.

Quanto aos marcadores não verbais, destacam-se mais uma vez as figurinhas e os *emojis*. O interessante neste caso é a aplicação dos elementos visuais em alternância à escrita, trazendo informações relevantes ao discurso, representando emoções e reações à conversa. Pode-se observar, por exemplo, quando alguém busca uma confirmação de que uma pessoa do grupo se parece com uma tartaruga e, em resposta ao questionamento “Ei gente mas parece ne”,



um aluno responde com apenas um *sticker* de um rosto sem muita expressão facial (), sinalizando um desdém de que não concordava com a comparação e, muito menos, estaria animada com aquela brincadeira.

Ainda nesta perspectiva, diante das constantes provocações dos participantes, o mesmo aluno também utilizou a figura de uma garota com olhar desviado e expressão de deboche, acompanhada da fala “Amada?”, reforçando a ideia de que não estaria confortável nem satisfeita diante do rumo em que a conversa tomava.

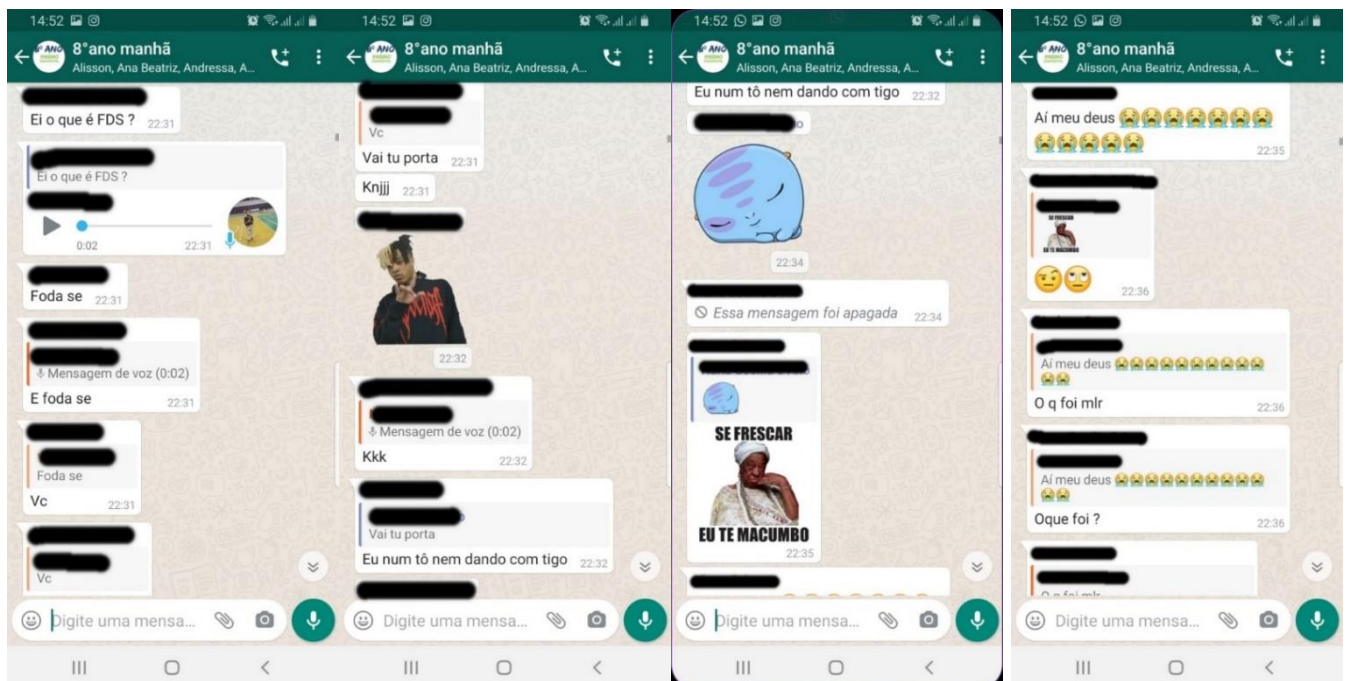
Os *emojis* também ganham destaque na conversa, ampliando a interpretação das falas escritas. Observamos isso no momento em que um aluno escreve sobre sua insatisfação com as brincadeiras e apelidos no grupo e, em seguida, aplica o *emoji* com a mão lateral simbolizando uma indagação, como se aguardasse a confirmação de entendimento dos demais participantes do grupo sobre o que ele discorreu.

Além disso, ao digitar “E quem quer respeito se da ao respeito” acompanhado de um *emoji* com um rosto corado e de lábios em forma de beijo (), que representam uma expressão de beijo, remete a ideia de que o beijo ao final de uma fala com um certo grau de seriedade, demonstra uma leveza no discurso, para que as pessoas entendam o recado com carinho. Percebe-se, até, que toda essa conscientização realizada de forma sutil, com a presença dos *emojis*, surte efeito nos participantes ao reconhecerem o erro e digitarem frases do tipo: “Foi mal gente” e “Tlg já pedi dsclp”.

Outros dois *emojis* surgem na interação, interrompendo a comunicação neste momento mais sério do diálogo. São eles os olhos arregalados (👁️) e o *emoji* com uma expressão de que está dormindo (😴). E, mesmo sem escrever nada além da aplicação das carinhas, as provocações geram incômodo nos alunos que respondem com “sai dai curioso” ou “O o outro”, pois as imagens acabam revelando a opinião de um participante em meio às conversas, de que só estaria ali observando e que a discussão estaria lhe dando sono. Esta ação, de acordo com Marcuschi (2005), revela que os *emojis* são recursos primordiais na construção de uma nova forma de interação por meio da escrita, pois substituem gestos e expressões presentes na conversação falada.

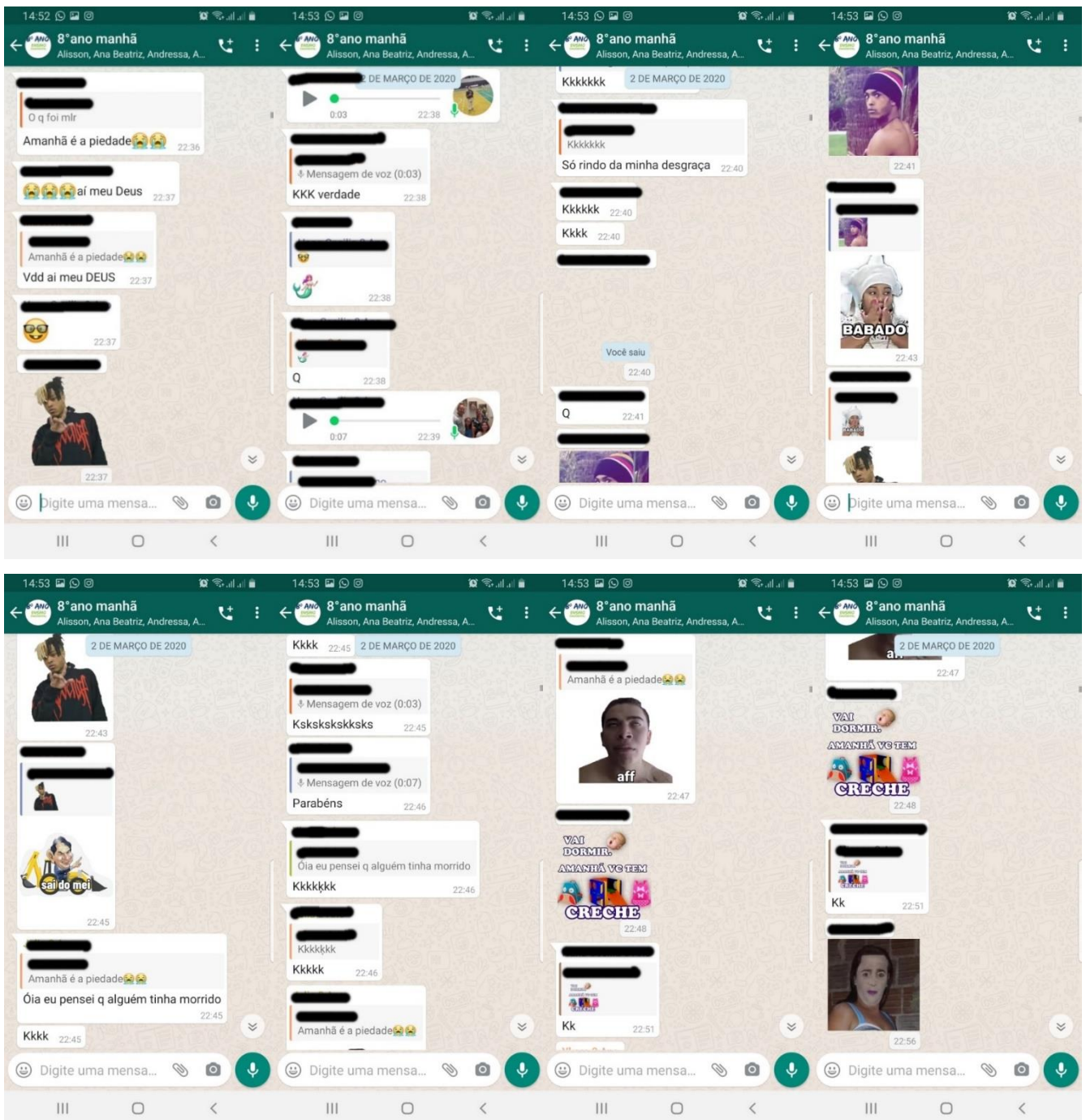
Por fim, a conversa acabou mudando de rumo devido à quebra de turno com o uso de figura erótica que mostra uma grande quantidade de pelos pubianos em uma imagem, acrescida da fala “sai da moita POVO”. Esta imagem instiga a aplicação de outras figuras e, em sequência, outros alunos recorrem a este recurso visual com teor humorístico. Entre todos os *stickers* inseridos, uma imagem expressa um convite ao uso de drogas, com uma pessoa segurando um conteúdo suspeito, acompanhada da fala “bo fuma 1”. E, mais uma vez, observa-se que os alunos convivem numa realidade em que a violência e o uso de entorpecentes não é nada incomum e nenhum dos participantes se impressiona ou esboça alguma reação diante da figura.

Figura 12 – Recorte do Diálogo 9



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Figura 12 – Recorte do Diálogo 9 (cont.)



Fonte: elaborado pela autora (2021).

O início desta interação é marcado por uma interferência típica do discurso virtual, quando um participante faz o seguinte questionamento: “Ei o que é FDS?”. A partir disso, surgem respostas como “Foda se” e “E foda se”, explicando do que se tratava o termo. A dúvida surge no diálogo devido à duplicidade de sentidos do termo FDS, que pode ser compreendido como uma sigla das iniciais da expressão “fim de semana” ou uma redução por abreviação da

expressão “Foda-se”. Os dois usos são próprios da linguagem da internet, justificando o motivo da pergunta num grupo de WhatsApp.

Esse questionamento é pauta de muitas discussões linguísticas, inclusive gerou manchete de uma reportagem sobre comportamento no site UOL (PESSÔA, 2020) com o título “Fim de semana ou f*da-se? Diga o que é 'fds' e diremos sua idade”, recorrendo sobre a ideia de que a diferença entre os dois significados é geracional, além do próprio contexto. Na matéria, a pesquisadora Tania Shepherd, organizadora da coletânea “Linguística da Internet” (2009), comenta que as mudanças na linguagem vêm principalmente de movimentos característicos da língua em seu uso ao longo do tempo, e que já foram mapeados a partir da escrita e da fala.

Isso significa que os termos na internet são constituídos e convencionalizados a partir da utilização de seus usuários, realçando a importância do estudo da prática linguística neste meio virtual. Além da incompreensão do significado do marcador verbal “FDS”, pode-se constatar um erro de interpretação quando um aluno responde à indagação inicial, explicando que a abreviação se trata de “Foda-se”. Um aluno encara como ofensa e responde com provocação (“Vc”), gerando uma troca de ofensas, como “Vai tu porta (porra)”, “Eu num tô nem dando com tigo”, um sticker de um personagem dormindo e uma figurinha com a frase “Se frescar eu te macumbo”.

Ainda sobre os marcadores verbais presentes nessa interação, pode-se chamar a atenção para alguns casos. A onomatopeia que representa a gargalhada, por exemplo, é inserida de diversas formas (“Knjjj”, “Kkk”, “KKK”, “Kkkk”, “Kkkkkkkk”, “Ksksksksksksk”, “Kk”) que buscam representar a intensidade da risada. Esse recurso serve também, muitas vezes, como um marcador suprasegmental devido à intenção de expressar entonações diferentes ao sorrir, demonstrando com o uso de maiúsculas ou prolongamento da letra K que a gargalhada foi maior e causou mais impacto.

Alguns casos apontam regionalismos típicos do falar cearense, como nas expressões “mlr” (mulher), “frescar” (brincar), “babado” (novidade) e “mei” (meio). Outros, mais frequentes, reduzem palavras em abreviações, como “Vc”, “Vdd” e “Q/q”. Encontram-se presentes também exemplos de tentativas de oralização da escrita, como “Óia” (olha), “aff” (ave) e “tô” (estou), que, segundo Marcuschi (2005), se trata de estratégias de textualização da oralidade, pois o interagente busca digitar a palavra com a sonoridade que se pronunciaria em uma conversa oral.

Os marcadores não verbais, como de costume, surgem no diálogo com a pretensão de simular reações humanas e, principalmente, com um viés cômico para divertir a conversa, tendo em vista que se trata de um grupo de adolescentes. Pode-se observar, por exemplo, uma

figurinha com o personagem dormindo e uma imagem de uma menina com as mãos no rosto em expressão de surpresa, emitindo a fala “BABADO”.

Os *emojis* também são aplicados, em sua maioria, para evidenciar as emoções e trazer uma certa corporalidade ao discurso. No enunciado “Aí meu deus”, acompanhado de carinhas chorando, podemos inferir que o sentimento do interlocutor é de tristeza. Isso se reforça com a continuação da fala, complementando a informação com a frase “Amanhã é a **piiedade**”, se referindo à aula de uma professora, seguida de mais *emojis* de choro.

Essa mensagem busca informar sobre a aula do dia seguinte, mas, principalmente, iniciar uma brincadeira sobre o cotidiano escolar de todos os membros do grupo. A forma como foi anunciada a notícia, com uma quantidade excessiva de *emojis* chorando, gerou especulações iniciais e preocupações, pelas respostas apresentadas (“O q foi mlr”, “Oque foi?” e “Óia eu pensei q alguém tinha morrido”). Entende-se, dessa forma, que a repetição de *emojis* foi utilizada, então, como um marcador suprasegmental intensificando o tom de tristeza da informação divulgada.

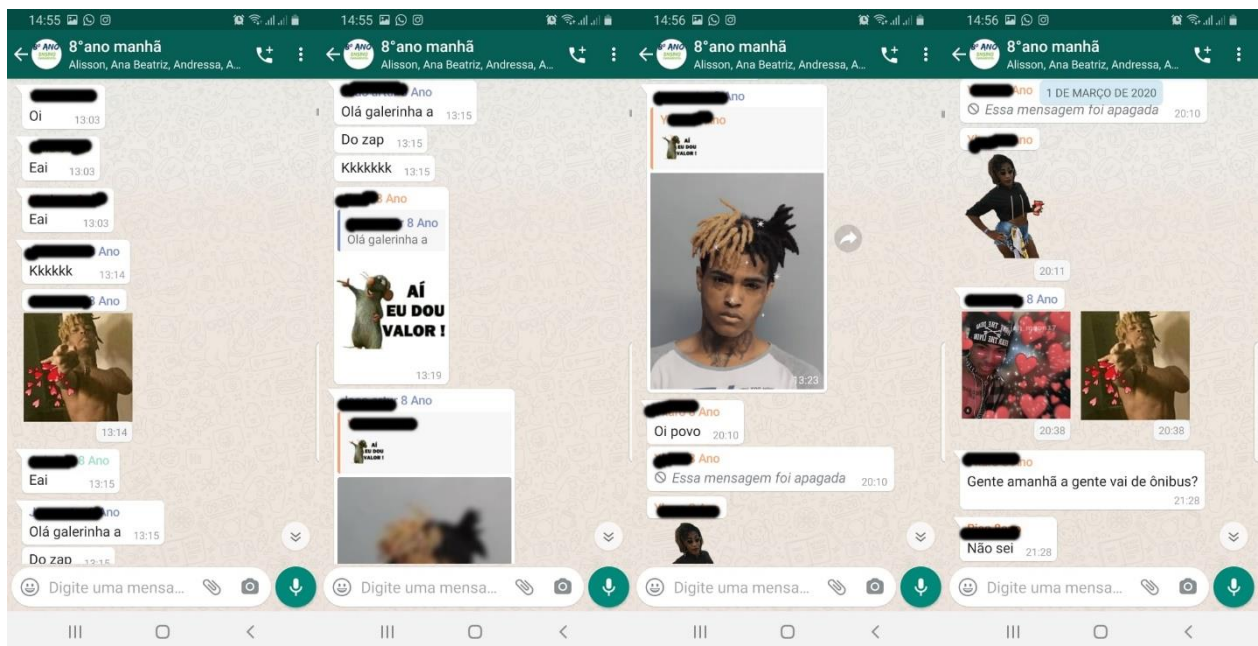
No entanto, é notório que o recurso foi usado para chamar atenção e, posteriormente, proporcionar uma quebra de expectativa nos interlocutores. O exagero, inclusive, é compreendido pelos demais atores quando respondem (“aí meu Deus”, “Vdd ai meu DEUS” e “aff”) e, a partir de então, instigam a continuidade das brincadeiras no grupo.

Algumas figurinhas ganham destaque nesse momento de descontração da turma. São exemplos, o *sticker* que reproduz a ação de saída do aplicativo com a frase “Você saiu” e as figuras de representações faciais humanas com bastante expressivas. Ainda em relação aos marcadores não verbais, é interessante ressaltar também a presença de um meme com a caricatura do senador cearense Cid Gomes dirigindo um trator, fazendo menção a um acontecimento histórico entre o congressista e grevistas da Polícia Militar em 2020 em Sobral. A cena virou manchete e ganhou repercussão, principalmente no estado. A inclusão dessa figurinha demonstra conhecimento dos alunos sobre o fato e está sendo inserida em contexto humorístico e regional com a frase “sai do mei”.

Outro *sticker* também ganha destaque, pois constata-se que a figura de um rapaz fazendo sinais com as mãos aparece com frequência em vários dos diálogos analisados, demonstrando uma certa identificação dos participantes com a imagem de um jovem, aparentemente descolado. O uso desse recurso imagético, desse modo, aponta uma necessidade de compreensão global da escolha das imagens entre os participantes da interação, para não interferir no andamento do diálogo.

Por fim, o uso de marcador suprasegmental fica evidente em algumas falas que alternam no uso de caixa alta e baixa, como: “Vdd ai meu DEUS”, “KKK verdade” e “BABADO”. Modesto (2011) compreende esse uso de variações das fontes para evidenciar as diferentes entonações, dando ênfase aos termos escolhidos. Contudo, este foi o marcador menos expressivo nesse diálogo, especificamente.

Figura 13 – Recorte do Diálogo 10



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Neste curto diálogo, é importante observar alguns aspectos relevantes. A aplicação dos *stickers* em alternância com a digitação verbal é um fator marcante, utilizado com diversas finalidades na comunicação on-line. Além disso, é possível notar uma superficialidade nessa interação em grupo, tendo em vista que a conversa basicamente gira em torno do seu ritual de abertura, marcado por cumprimentos entre os componentes da turma e, apenas no encerramento, surge um tópico discursivo que questiona sobre uma saída de ônibus.

De início, no ritual de abertura da conversação, a maioria dos alunos recorre a marcadores verbais de cumprimentos como “Oi”, “Eai”, “Olá galerinha a/Do zap” e “Oi povo”. Outros também recorrem às figurinhas para representar sua chegada no diálogo. Segundo Recuero (2014), a abertura da conversa serve não só para iniciar uma troca comunicativa, mas sim para marcar a presença dos sujeitos na interação. Isso ocorre, por exemplo, para mostrar aos participantes do grupo quem está on-line naquele momento.

As marcas de oralidade estão presentes na escrita digital buscando uma aproximação com a conversa falada. Como exemplo, atentamos para a expressão “Olá galerinha a/Do zap” que usa o neologismo “zap” em substituição ao termo americano “WhatsApp”. Para Santos (2018), a transcrição fonética de atos expressivos, como o caso das onomatopéias, simula os sons da linguagem oral, explicitando aos interlocutores o modo como uma palavra deve ser lida.

Outro exemplo de onomatopeia bastante frequente nos diálogos é a repetição da letra K, simulando a sonoridade da gargalhada. No caso dessa interação, especificamente, nota-se que a sua utilização passou a ser algo instintivo e, muitas vezes, sem carregar a intenção exata de representação de uma risada. Como se servisse para deixar o discurso mais leve e com menos seriedade, acompanhada da linguagem verbal, enfatiza uma tonalidade de descontração no discurso. Um aluno, por exemplo, usa o marcador verbal “Kkkkkk”, em resposta aos cumprimentos dos colegas e acompanhado de uma figura que joga corações. Em outro momento, um participante faz uso da mesma expressão seguida do seu indicativo de chegada no diálogo: “Olá galerinha a/Do zap”.

Dessa forma, é possível prever que esse uso da onomatopeia pode servir também, além de marcador verbal, como um indicativo da tonalidade de fala na conversa virtual, ressaltando o rumo que a interação vai tomar. Ao indicar uma tonalidade descontraída, com o uso da expressão “Kkkkkkk”, entendemos que o recurso teve a finalidade de uso de um marcador suprasegmental, denotando um tom alegre ao cumprimento “Olá galerinha a/Do zap”. Isso significa que uma mesma expressão pode ser aplicada na conversa virtual com diferentes intenções e pode ser classificada também de formas diferentes de acordo com a sua utilização, ora como marcador verbal, ora como marcador suprasegmental, demonstrando o caráter maleável da conversação em rede.

Quanto à inserção dos marcadores não verbais, é evidente a predominância das figurinhas. Neste caso, especialmente, as figuras escolhidas apresentam uma certa semelhança entre elas, por se tratarem, em sua maioria, de representações de pessoas negras, jovens e cheias de personalidade. Dessa forma, os marcadores servem para substituir minimamente a presença física dos interlocutores, por meio de movimentos corporais e faciais das figuras aplicadas. Os alunos, então, escolheram, provavelmente, imagens que mais se assemelhavam a eles.

Sabe-se, com a pesquisa feita com os participantes da pesquisa, apresentada na seção anterior, que os alunos fazem uso das figurinhas com duas finalidades principais: divertir a conversa e expressar emoções. Como exemplo, temos a figura de um rato, personagem do filme *Ratatouille*, que responde a um colega com um indicativo gestual acompanhado da

expressão “Aí eu dou valor!”, que visa deixar a conversa mais engraçada. Já em outro caso, há figuras de rapazes negros rodeados de corações vermelhos, expressando um sentimentalismo na interação.

5.4 Sistematizando

Tomando como base a Análise da Conversação em Rede e suas categorias analíticas respaldadas nas concepções gerais da Análise da Conversação, é possível caracterizar os elementos organizacionais do gênero conversa virtual a partir da classificação de três tipos de marcadores conversacionais: os verbais, os não verbais e os suprasegmentais. Nos recortes de conversas de um grupo de *WhatsApp* composto por alunos do 8º ano da rede pública de Fortaleza, pudemos encontrar exemplos de utilização desses marcadores em situação real de fala.

Nos 10 (dez) diálogos analisados, constatamos a aplicação de diferentes tipos de recursos, sejam eles escritos ou visuais. Além disso, identificamos entre esses recursos os tipos de marcadores existentes nos estudos da conversação que embasaram essa pesquisa. Fora isso, tivemos como foco a compreensão geral da interação e a interpretação dos dados com base na intencionalidade dos falantes.

Sobre os marcadores conversacionais verbais, ficou evidente a predominância do uso dos seguintes elementos: abreviações, onomatopeias, oralizações, regionalismos, gírias e palavrões. Quanto às abreviações, o uso mais comum foi o fenômeno de ocultação das vogais, como nos exemplos “tlgd”, “pq”, “vcs”, “dsclp”, “prfvr”, “rlx”, “fds”, “mds”, “vdd” e tantos outros, como maneira de acelerar a escrita digitalizada realizada por meio de smartphones. As onomatopeias ganharam destaque com a utilização de uma expressão muito recorrente nas interações: a simulação da gargalhada (Kkkkkk), que esteve presente em 9 dos 10 diálogos analisados. Demonstrando o teor de descontração que o grupo mantinha entre os membros da turma.

As oralizações foram frequentes também pelo fato de o *WhatsApp* buscar ser um recurso de troca comunicativa similar à fala face a face. São exemplos os termos: “oia”, “né”, “ata”, “oh”, “tá”, “tou”, “viu”, “tai”, “bo”, “aff”, “zap”, “mó”, etc. A utilização desse marcador ocorreu devido a essa tentativa de aproximação com a conversa falada, ao digitar as palavras do modo como elas soam e não pela forma sugerida pela língua-padrão.

Os regionalismos, as gírias e os palavrões são marcadores conversacionais verbais que remetem a contextos sociais dos participantes da pesquisa. Estiveram presentes nas

análises, exemplos de regionalismos, como “paia”, “man”, “caducando”, “diabéisso”, “abestado”, “oxi” e “eita”, reforçando o caráter regional presente na linguagem dos estudantes da rede municipal de Fortaleza. As gírias, como “treta”, “mano”, “véi”, “po” e “cara”, que refletem as particularidades da faixa etária dos jovens, que têm entre 13 e 16 anos, e fazem uso de termos comuns nessa idade. E os palavrões, como “porra”, “merda”, “fodase”, “pqp” e “filho da mae”, revelam as marcas de uma realidade social que normaliza o uso dessas expressões ofensivas, tendo em vista que a maioria dos alunos das escolas públicas vivem em periferias e com condições econômicas precárias.

Quanto aos marcadores conversacionais não verbais, os mais recorrentes nas conversas analisadas foram os *emojis* e as figurinhas. No *corpus*, foram encontrados exemplos dos elementos visuais em todos os casos. Os *emojis* foram inseridos em 7 das 10 interações e as figurinhas em 8 delas. Na ausência de um dos recursos, o outro se fazia presente. Os *emojis*, ícones gráficos já presentes na caixa de digitação do aplicativo *WhatsApp*, foram utilizados pelos alunos com variadas intenções. Na maioria das vezes, para marcar uma corporalidade que a conversa através das telas impossibilita. Foram aplicados, em muitos exemplos, *emojis* para representar expressões faciais e demonstrar diferentes emoções e sentimentos, como tristeza, felicidade, raiva, desconfiança, etc. Além disso, foi possível notar a inserção desses elementos para simular ações humanas, como dormir, sorrir, chorar, beijar, olhar e pensar, e simular expressões corporais, por meio de gestos e sinais.

O uso dos *emojis*, nesse sentido, promove na interação um complemento para o sentido do texto virtual, pois, quando acompanhado de algum enunciado, evidencia traços pessoais do interlocutor e reduz as interferências ou ambiguidades no entendimento da fala digitalizada. Por exemplo, quando um aluno escreve “amanha tem aula” acompanhado de um símbolo de tristeza, e quando um outro responde “Eu não vou amanhã” seguido de um *emoji* alegre, fica clara a opinião e o sentimento do falante sobre o assunto debatido no grupo que, muitas vezes, na conversa presencial seriam revelados por meio de uma expressão facial. Além disso, pudemos ver o *emoji* como um forte recurso de indicador de presença, além das saudações nos grupos, já que a aplicação de uma carinha ou de olhinhos na conversa, por exemplo, já alertava para a chegada de um novo participante on-line.

As figurinhas têm suas características próprias, diferentes dos *emojis*, pois possibilitam aos usuários do *WhatsApp* a criação de *stickers* personalizados, a partir de desenhos, fotos e imagens, em geral. Sua aplicação se tornou um recurso visual bastante difundido nas interações virtuais, principalmente por essa criatividade no processo de elaboração e possibilidade de compartilhamento. Nas mensagens dos alunos participantes, as

figuras ganharam espaço, muitas vezes, até maior do que a digitação verbal, tendo em vista que na produção delas pode-se incluir também textos escritos acoplados nas imagens.

Nos diálogos analisados, de uma forma geral, foram vistos casos diversos de figuras, principalmente com um viés cômico, com frases ou imagens engraçadas, utilizadas para entreter o grupo. A maior recorrência, inclusive, foi com a aplicação de memes, inserindo recortes de fotografias de personagens virais da internet. Isso ocorre devido à rapidez com que os assuntos se difundem nas redes sociais e pela agilidade no processo de criação dos *stickers*. Pode-se observar também a utilização de fotos de personalidades famosas, como o caso Whindersson Nunes, da Bruxa do 71 ou do político Cid Gomes. E, assim como os *emojis*, as figurinhas podem ser aplicadas ao diálogo virtual como recurso de corporalidade, tendo em vista o caráter visual de exposição de ações, como abraços e beijos, ou de expressões humanas, como olhares, movimentos, sinais, posturas, etc.

Outros marcadores não verbais também foram usados nas conversas dos alunos, mas com menor incidência, como o caso da fotografia enviada no diálogo 2, de uma matéria jornalística sobre os casos de COVID no Ceará, e o gif incluído no diálogo 10, com um rosto de um rapaz negro simbolizando a presença humana no grupo virtual. É preciso ressaltar a relevância do uso dos elementos visuais no texto, por carregar traços sutis, porém extremamente importantes numa troca interacional. Pois, a aplicação de *emojis* e figurinhas, em variados momentos, foi um fator determinante na compreensão do diálogo, por demonstrar um deboche, uma ironia ou uma descontração na fala, que alertam para a tonalidade que o discurso propõe, amenizando a distância entre os interlocutores e facilitando o entendimento.

Os marcadores conversacionais suprasegmentais, característicos da comunicação face a face, apesar de não serem de caráter verbal, são de suma importância para estabelecer o contexto na conversa, determinando a entonação da fala. Na virtualidade, esses marcadores adquirem novos formatos, representados por elementos gráficos. Nas conversas analisadas, ficaram evidentes alguns usos dos participantes do grupo pesquisado que visam a marcação de um ritmo sonoro na interação.

O sinal de interrogação, por exemplo, foi utilizado isolado e repetidamente nas conversas virtuais como um indicador de persistência, chamando a atenção do interlocutor para a sua indagação, sem necessidade de inclusão de elementos verbais para que isso ocorra. A ação de sair do grupo também foi aplicada como ritual de ausência, substituindo um gesto ou movimentação corporal numa conversa presencial.

Para representar a cadência da fala, também foram usados os marcadores suprasegmentais de alongamento de vogais, o negrito e as maiúsculas. Nesses casos, foi

possível incorporar à digitação eletrônica recursos que marcam velocidade, ritmo, e mudanças de tom de voz. Ao alongar as vogais, por exemplo em “Oiiii” e “Oi genteeee”, causa-se a impressão de que se transcreve a tonalidade característica da oralidade, quando se expressa um enunciado com empolgação. O negrito e a maiúscula já trazem a sensação de destaque em determinado trecho da fala, demonstrando uma tonalidade de advertência, com mais firmeza, para ter um realce em meio às outras letras.

Alguns marcadores não verbais, como os *emojis*, quando acompanhados da escrita ou quando inseridos repetidamente, também expõem características próprias dos suprasegmentais, pois sinalizam aos membros do grupo o contexto da conversação, a forma como a mensagem deve ser entendida. No diálogo 1, por exemplo, quando um aluno digita “oi gente” seguido de um *emoji* com expressão facial de desespero, é notória a entonação proposta pelo falante de que seu cumprimento não traz uma fala de felicidade. Ao contrário disso, reforça essa ideia com o comentário “tem uma noticia pra vcs ela e boa e é ruim tb”. Acreditamos, assim, que os marcadores suprasegmentais, apesar das limitações em meio virtual, conseguem ser substituídos pelos elementos gráficos, devido à pluralidade de recursos oferecidos pelos aplicativos de conversas virtuais.

Alguns elementos típicos da internet, como *links*, áudios e vídeos, não foram analisados na nossa pesquisa, pois, esses recursos exigiam outra perspectiva de análise, o que não seria possível no tempo de que dispomos para uma pesquisa de mestrado. No caso de áudios e vídeos, seria necessário realizar transcrições dos áudios para a pesquisa. E os links, diante da diversidade de possibilidades existentes, ampliariam o corpus a outros sites ou plataformas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma forma geral, essa dissertação foi bastante desafiadora em diversos aspectos. Teoricamente, os estudos da conversação em meio virtual são recentes e demandaram intensas leituras sobre o assunto, causando, inicialmente, um receio de inovar no trabalho acadêmico. Esse caráter de ineditismo ocorre em decorrência dos avanços tecnológicos e, para um pesquisador, a rapidez com que a sociedade muda, nem sempre é proporcional à ciência, o que causa ainda mais medo e insegurança na escrita científica. No entanto, é ainda mais satisfatório saber que o primeiro passo pode ser de extrema importância para as pesquisas seguintes e esse foi o intuito principal deste trabalho: ser experimental, atual e relevante.

A educação em tempos de pandemia aguçou a curiosidade pelos fenômenos linguísticos na esfera digital e a teoria da Análise da Conversação, em especial a Análise da Conversação em Rede, ofereceu as categorias necessárias para a realização das análises de conversas virtuais de um grupo de *WhatsApp* de alunos do 8º ano da rede pública de Fortaleza. Os estudos de Recuero, principalmente o livro *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet*, serviram de inspiração para este trabalho, ao expor possibilidades de organização e compreensão das características próprias das interações no ciberespaço.

Levando em consideração nossa pergunta norteadora em investigar “como os marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais se manifestam nas conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos da rede pública de Fortaleza”, foi possível confirmar a suposição de trabalho que “as conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos da rede pública de Fortaleza apontam para o uso de marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais, com o intuito de recriar marcas típicas da oralidade na escrita virtual”. Verificamos essa hipótese ao analisar as conversas do grupo de *WhatsApp* e ao notarmos que os marcadores conversacionais foram acionados para representar recursos próprios da conversação face a face, como a voz e o corpo, por meio da digitação escrita.

O objetivo geral da dissertação foi analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais presentes nas conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos da rede pública de Fortaleza. Já os objetivos específicos visaram identificar e classificar os marcadores conversacionais utilizados pelos alunos participantes de um grupo de *WhatsApp*; analisar as funções discursivas que os marcadores conversacionais desempenham na construção do texto e na organização das conversas de *WhatsApp* de um grupo

de alunos; e analisar a intencionalidade no uso dos recursos paralinguísticos como marcadores conversacionais nas conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos.

Quanto à metodologia, elegemos um método indutivo, pelo fato de partirmos de uma teoria de base, para análise de particularidades do objeto de pesquisa. O tipo de pesquisa pode ser classificado como qualitativa, pelo caráter subjetivo ao interpretar os dados colhidos, realizando juízos de valor, e também descritivo-explicativa, pois, primeiro, descrevemos os fatos investigados e, em seguida, os analisamos de modo a explicar como esses fatos constroem o objeto de pesquisa.

O *corpus* foi extraído de um grupo de *WhatsApp*, composto por 26 participantes, criado para estabelecer trocas comunicativas entre a turma e a professora, em meio à distância imposta pela pandemia causada pela COVID-19. É válido lembrar que a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética, quando submetida à Plataforma Brasil e seguem todas as orientações de anonimato dos alunos participantes. Quanto às técnicas utilizadas na pesquisa, estão a observação, para verificar o uso e as funções dos marcadores conversacionais nas conversas virtuais, e o questionário, como *corpus* de apoio, para auxiliar na compreensão da intencionalidade no uso dos marcadores.

As análises realizadas revelam que a internet carrega consigo marcas linguísticas típicas da virtualidade e, para um melhor aproveitamento dos aplicativos de conversas virtuais, como o caso do *WhatsApp*, é preciso estar letrado digitalmente. Os alunos demonstraram propriedade no uso dos recursos digitais e utilizaram marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais para maior proximidade com a conversa falada, cumprindo papéis relevantes no contexto conversacional.

Os resultados apontam, assim como nas suposições de trabalho específicas, que os alunos se apoiam em marcadores conversacionais para constituir interação. Esses marcadores, no entanto, desempenham funções distintas, tais como: guiar o andamento e a negociação da conversa; ligar as unidades comunicativas; indicar o contexto; marcar a troca de turnos, etc. Além disso, é recorrente o uso de recursos paralinguísticos, como os marcadores conversacionais não verbais, para simular gestos, movimentos, sorrisos, olhares com a intenção de manter e estabelecer um contato mais próximo com o interlocutor, semelhante ao de face a face.

Os marcadores identificados nos diálogos ainda demonstram que, em meios virtuais, a intencionalidade dos recursos fica ainda mais evidente, especialmente quando observamos a partir da perspectiva da (im)polidez linguística. Neste sentido, apesar de ter apresentado esses elementos, o trabalho – pela extensão e tempo – acaba não dando conta de

todas as facetas provocadas pelo *corpus*. Assim, fica a provocação para que novas pesquisas se voltem para essas lacunas.

Uma dessas possibilidades de pesquisa, por exemplo, poderá se valer de alguns elementos típicos da internet, como *links*, áudios e vídeos, os quais não foram analisados na nossa pesquisa, pois esses recursos exigiam outra perspectiva de análise mais específica. Apesar de não terem sido analisados, esses elementos estão inseridos nas conversações de forma bastante insistente. Quando nos referimos ao tempo necessário para tais abordagens, nos referimos, por exemplo, no caso de áudios e vídeos, que seria necessário realizar transcrições dos áudios para a pesquisa. Já os links, diante da diversidade de possibilidades existentes, ampliariam o *corpus* a outros sites ou plataformas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. L. **Há negociações de sentidos nas interações em fóruns educacionais on-line?** 190 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2016.
- BARON, N. Language of the internet. *In*: ALI FARGHALI. **The stanford handbook for language engineers**. Stanford: CSLI Publications, p. 59-127, 2002.
- BERNINI, E. A. B. A presença de marcadores conversacionais em e-mails. **Anais**. Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia On-line, [S.l.], v. 4, n. 1, 2015. Disponível em: http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/8432. Acesso em: 8 abr. 2020.
- BÜHLER, K. **Sprachtheorie: Die darstellungsfunktion der sprache**. Stuttgart. New York: Gustav Fischer, 1982.
- CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: CASTILHO, A. T. **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- CRYSTAL, D. **Language and internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CRYSTAL, D. **The changing nature of text: a linguistic perspective**. Wido van Peursen, Ernst D. Thoutenhoofd; Adriaan van der Weel (org.), Text comparison and digital creativity, Leiden, Brill, 2010. Disponível em: http://www.davidcrystal.com/DC_articles/Internet20.pdf. Acesso em: 26 abr. 2020.
- CRYSTAL, D. **The scope of internet linguistics**. Encontro da american association for the advancement of science, 18 fev. 2005. Disponível em: <http://www.davidcrystal.com/?id=4193&fromsearch=true#iosfirsthighlight>. Acesso em: 25 abr. 2020.
- CUNHA, V. Y. Orkut: Linguagem oral em suporte escrito. **Guavira letras: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Graduação e Pós-Graduação em Letras. v. 13, n. 1, p. 196-213. Três Lagoas, MS, 2011.
- FONTE, R.; CAIADO, R. Práticas discursivas multimodais no WhatsApp: uma análise verbo-visual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 10, n. 2, p. 475-487, 2014.
- FRAZÃO, E. A. S. **O português escrito no facebook: uma descrição dos marcadores conversacionais**. 2018. 164f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2018.
- FRAZÃO, E. A. S.; LIMA, V. S. Análise da conversação no Brasil: os desdobramentos de um campo de formação multidisciplinar. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 622-637, 2017.
- GALEMBECK, P. T.; CARVALHO, K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (PROJETO NURC/SP). **Intercâmbio**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. ISSN 2237-759X, [S.l.], v. 6,

out. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/4100/2746>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, Mar./Abr. 1995.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**; tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GORSKI, E. *et al.* **Fenômenos discursivos**: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. 2003.

GUMPERZ, J. J. **Discourse strategies**. Cambridge, Cambridge Univ. Press. 1982.

GÜNTHER, R. V. F. Marcas da conversação em um blog de viagem. **Revista do XXIII Seminário de Teses em Andamento (SETA)**. v. 8, 2018. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/issue/viewIssue/329/22>. Acesso em: 8 abr. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.

HILGERT, J. G. **A construção do texto falado por escrito**: a conversação na internet. *In*: PRETI, D. (org.). Fala e escrita em questão. São Paulo, SP: Humanitas - FFLCH/USP, v. 4, 2000.

JACQUES, F. **Dialogiques**. Recherches logiques sur le dialogue. Paris, PUF, 1979.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1969.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: Princípios e Métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KODIC, M. T. A caracterização do discurso oral por meio de marcadores conversacionais. **Anagrama**. v. 1, n. 3, p. 1-8, 19 mar. 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEITE, M. Q.; NEGREIROS, G. Análise da conversação no Brasil: rumos e perspectivas. *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da linguagem**: o fazer científico. v.1. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014.

LEVINSON, S. **Pragmatics**, Cambridge, Cambridge Univ. Press. 1983.

LÚZIO, E. R. C.; RODRIGUES, M. L. Marcas da oralidade em textos escritos. **Web-Revista Linguística e Linguagem**. Unidade Universitária de Nova Andradina, v. 1, n. 3, p. 1-24, mar. 2009. Disponível em: <http://linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/03/Arquivos/07%20Ellen%20Regina%20Camargo.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. Apresentação. *In*: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (org.). **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MASON, B. Issues in virtual ethnography. *In*: MASON, B. **Ethnographic studies in real and virtual environments**: inhabited information spaces and connected communities. Ed. K. Buckner. Proceedings of Esprit i3 Whorkshop on Ethnographic Studies. Edinburgh: Queen Margaret College, January, 2001.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p

MODESTO, A. T. T. **Processos interacionais na internet**: análise da conversação digital. 2011. 196 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/dEJkNt>. Acesso em: 7 abr. 2020.

MORAIS, M. F. A. **Marcadores da estruturação textual**: elementos para a descrição do papel dos marcadores discursivos no processamento cognitivo do texto. Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro: Vila Real, 2012.

NERI, J. H. P. **Mídias sociais em escolas**: uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica no ensino médio. Trabalho de conclusão de Curso (Especialização em Comunicação em Mídias Digitais) – Universidade Estácio de Sá. Estação Científica - Juiz de Fora, n. 14, 2015.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional**: interação, discurso e texto. São Paulo: Contexto, 2018.

NORONHA, L. A.; FORTE-FERREIRA, E. C.; LIMA-NETO, V. Traços da oralidade em gêneros discursivos escritos na/da web. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 406-420, 2017.

NUNES, E. G. Os marcadores conversacionais na constituição do texto falado. **Verbum**. Cadernos de Pós-Graduação. v. 6, n. 2, p. 120-125, fev. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/30162>. Acesso em: 9 abr. 2020.

OLIVEIRA, R. S. Marcas verbais dos aspectos não-verbais da conversação nas salas de bate-papo na internet. *In*: I Encontro Nacional de Hipertexto 2005, Recife. **Anais**. Encontro Nacional de Hipertexto, 2005.

OLIVEIRA, R. S. **Uso de marcas verbais para aspectos não-verbais da conversação em salas de bate-papo na internet**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2007.

PAIVA, M. G. F. **A polidez linguística em sala de bate-papo na internet**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza, 2008.

PAIVA, V. L. M. O. E-mail: um novo gênero textual. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. S. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

PESSÔA, J. Fim de semana ou f*da-se? Diga o que é 'fds' e diremos sua idade. **TAB UOL** - Repórteres na rua em busca da realidade. Juiz de Fora, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/12/22/fim-de-semana-ou-fda-se-diga-o-que-e-fds-e-diremos-sua-idade.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 12 mar. 21.

PRETI, D. (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

PRETI, D. F.; URBANO, H. **Linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T.A. Queiroz, FAPESP. 1990.

RECUERO, R. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2. ed., 2014.

RECUERO, R. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista FAMECOS**. n. 38, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil, 2009.

RECUERO, R. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador. *In*: NASCIMENTO, A. D., HETKOWSKI, T. M. (org.). **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas [*on-line*]. Salvador: EDUFBA, 2009.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. **A Simplest systematics for the organization of turn taking for conversation**. Traduzido por Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago, 1974. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SANTOS, K. K. A. **Que língua é essa?**: estudo de marcadores conversacionais do internetês no Whatsapp. 2018. 26 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Tomé-Açu, 2018. Disponível em: <http://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1542>. Acesso em: 6 abr. 2020.

SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. O princípio: entrevista com David Crystal. *In*: SHEPHERD, T. G.; SALIÉS, T. G. (org.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, J. F. D.; FERREIRA, S. P. A. O uso de marcadores conversacionais e a compreensão textual no programa MSN Messenger: um estudo etnográfico com duas adolescentes. **Anais**. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na educação: redes sociais e aprendizagem. Recife, Pernambuco, 2010.

SOARES, I. M. O texto “Falado” por escrito: A conversação na internet. **Anuário da Produção de Iniciação Científica Discente**, v. 1, n. 2, 2004.

SOUZA, D. S. G. **A Influência da internet no domínio da escrita**: análises e inferências. 135f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção. Florianópolis, 2001.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, D (org.) **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH, USP, 1999.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à multimodalidade**: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise de discurso crítica, semiótica social. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Questionário - WhatsApp

Este questionário tem o intuito de auxiliar com dados para a pesquisa de dissertação de mestrado da Professora Ana Cecília, realizada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, sobre o uso de marcadores conversacionais no WhatsApp.

Responderão ao questionário somente os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vicente Fialho, participantes da pesquisa.

É importante lembrar que:

- Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos.
- As respostas devem representar a opinião pessoal de cada um.
- A identidade do participante se manterá no anonimato e não será exposta no trabalho.
- Não existem respostas certas ou erradas. Por isso pedimos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões.
- Na maioria das questões terá apenas de assinalar com um (X) a sua opção de resposta.

Obrigado pela sua colaboração.

***Obrigatório**

1. Endereço de email *

2. Nome completo: *

3. Qual sua idade? *

4. Qual seu sexo? *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

5. Tem acesso internet por meio de qual (is) recurso (s)? *

Marcar apenas uma oval.

Smartphone

Tablet

Computador

6. Qual aplicativo você mais usa para conversar virtualmente? *

Marcar apenas uma oval.

WhatsApp

Facebook

Instagram

Snapchat

7. Com que frequência você usa o aplicativo WhatsApp? *

Marcar apenas uma oval.

- 1 vez na semana
- 2 vezes na semana
- 3 vezes na semana
- 4 vezes na semana
- 5 vezes na semana
- 6 vezes na semana
- Todos os dias da semana

8. Para quê você usa o WhatsApp? *

Marcar apenas uma oval.

- Para fazer videochamadas.
- Para fazer ligações.
- Para se comunicar com familiares.
- Para conversar com os colegas.

9. Para conversar no WhatsApp, você prefere: *

Marcar apenas uma oval.

- Digitar as mensagens.
- Mandar áudio.

10. Qual recurso você mais compartilha no WhatsApp? *

Marcar apenas uma oval.

- Vídeos
- Fotos
- Textos
- Músicas

11. Marque o que você usa na escrita das mensagens do WhatsApp: *

Marcar apenas uma oval.

- Abreviações
- Onomatopeias (Imitação da forma como fala. Ex: kkkkkk, Obaaaa, Huummm.)
- Pontuação (reticências, acentuações, interrogação, etc.)
- Uso de maiúsculas/minúsculas
- Gírias
- Palavrões
- Negrito e itálico
- Asterisco para correção

12. Para quê você usa esses recursos escritos nas mensagens? *

Marcar apenas uma oval.

- Para escrever mais rápido.
- Para economizar no tamanho do texto.
- Para facilitar na hora de digitar.

13. Marque os recursos visuais que você usa nas mensagens do WhatsApp: *

Marcar apenas uma oval.

- Emoticons
- Emojis
- Figurinhas
- Gifs
- Fotos
- Memes
- Vídeos

14. Para quê você usa esses recursos visuais nas mensagens? *

Marcar apenas uma oval.

- Para divertir a conversa.
- Para simular os gestos, olhares e movimentos.
- Para demonstrar os sentimentos.

15. Para quê você usa esses recursos visuais nas mensagens? *

Marcar apenas uma oval.

- Para divertir a conversa.
- Para simular os gestos, olhares e movimentos.
- Para demonstrar os sentimentos.

16. Com que intuito você usa os emojis nos diálogos? *

17. Para quê você usa figurinhas em suas conversas do WhatsApp? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(T.C.L.E.)**

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Leia atentamente as informações abaixo e faça as perguntas necessárias para que os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

Meu nome é **Ana Cecília de Sousa Costa**, sou aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Graduada em Letras/Português e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa. Gostaria de convidá-lo a participar de uma pesquisa sobre o uso de marcadores conversacionais no WhatsApp. Esse trabalho é parte integrante do projeto “*Os marcadores conversacionais no WhatsApp: Análise da Conversação virtual*”, orientado pela Prof^a Dr^a Maria Margarete Fernandes de Sousa (UFC). Destacamos que essa pesquisa fundamentará a construção de uma *Dissertação de Mestrado* e utilizará como instrumento para coleta de dados as capturas de telas de conversas do grupo de WhatsApp “8º ano manhã” e a aplicação de questionário sobre o uso do aplicativo de conversas virtuais. Nosso objetivo com a presente pesquisa é analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais presentes nas conversas de *WhatsApp* de um grupo de alunos da rede pública de Fortaleza. Para participar, você deverá autorizar o uso das capturas de telas das conversas do WhatsApp em que você participou e responder ao questionário solicitado posteriormente. Vale ressaltar que sua identidade será preservada e as informações resultantes da sua participação só serão divulgadas entre os profissionais estudiosos do assunto. É também importante destacar que, como colaborador voluntário, você não deve participar contra a sua vontade, dessa forma, poderá desligar-se e retirar seu consentimento a qualquer momento sem prejuízos ou penalidades.

Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Ana Cecília de Sousa Costa

Instituição: Universidade Federal do Ceará

Endereço: Rua Álvaro Fernandes, 243 - Montese, Apto 206 A.

ATENÇÃO: Para informar qualquer questionamento durante a sua participação no estudo, dirija-se ao:

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará

Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 Rodolfo Teófilo. Telefone: 3366-8344

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELO PARTICIPANTE

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que foi me informado sobre minha participação no mencionado estudo e estando ciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que minha participação implicam, concordo em dele participar e para isso EU DOU MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do voluntário	Data	Assinatura

Nome do pesquisador	Data	Assinatura

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO VIRTUAL: OS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO WHATSAPP

Pesquisador: ANA CECILIA DE SOUSA COSTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42804421.0.0000.5054

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.604.325

Apresentação do Projeto:

Pesquisa etnográfica - por se tratar de uma análise do comportamento de um grupo social, especificamente sobre o uso de um aplicativo de mensagens eletrônicas - de caráter explicativo com enfoque qualitativo. O universo da pesquisa serão recortes de diálogos de um grupo de WhatsApp. Esse grupo será representado por 26 participantes (25 alunos e uma professora) de uma turma de 8º ano da rede pública de Fortaleza). Os dados serão coletados por meio da observação por meio de captura de tela dos prints com as conversas e questionário enviado por meio do WhatsApp e serão analisados à luz das teorias de base e sob o olhar da pesquisadora.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Analisar os usos e as funções dos marcadores conversacionais verbais, não verbais e suprasegmentais presentes nas conversas de WhatsApp de um grupo de alunos da rede pública de Fortaleza.

Objetivos específicos:

- Identificar e classificar os marcadores conversacionais utilizados pelos alunos participantes de um grupo de WhatsApp;

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.604.325

- Analisar as funções discursivas, tais como o andamento e a negociação da conversa; o encadeamento das unidades comunicativas; a indicação do contexto; a marcação da troca de turnos, etc., que os marcadores conversacionais desempenham na construção do texto e na organização das conversas de WhatsApp de um grupo de alunos;
- Analisar a intencionalidade no uso dos recursos paralinguísticos como marcadores conversacionais nas conversas de WhatsApp de um grupo de alunos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos possíveis se resumem a exposição de dados de conversas virtuais no trabalho, apesar da preservação do anonimato.

Benefícios:

O estudo traz respostas sobre um campo de pesquisa ainda recente: a Análise da Conversação em Rede. Promovendo a difusão de informações sobre a estrutura organizacional do gênero conversa virtual.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Estudo relevante que busca analisar as impactantes mudanças pelas quais passa a linguagem, buscando identificar aspectos de uma nova prática discursiva, percebendo o modo como a sociedade se adequa às novas formas de comunicação, principalmente por meio das conversas virtuais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados. Conforme solicitado a pesquisadora incluiu os riscos e benefícios no projeto e no sistema da Plataforma Brasil.

Recomendações:

Enviar o relatório final ao concluir a pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.604.325

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1586627.pdf	16/03/2021 17:01:01		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	16/03/2021 17:00:43	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao.pdf	12/03/2021 13:42:48	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Cronograma	cronogramaok.pdf	12/03/2021 13:41:30	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_responsavel_por_menor_de_18_anos_2020.pdf	12/03/2021 13:40:37	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoCecilia.pdf	18/01/2021 11:55:46	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	compromisso.pdf	18/01/2021 11:54:35	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	cartasolicitacao.pdf	18/01/2021 11:54:02	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo.pdf	18/01/2021 11:40:43	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Outros	lattes.pdf	18/01/2021 11:38:27	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Declaração de concordância	CONCORDANCIA.pdf	18/01/2021 11:36:43	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	18/01/2021 11:34:51	ANA CECILIA DE SOUSA COSTA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 4.604.325

FORTALEZA, 22 de Março de 2021

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br